



ISSN 2359-4101

MACHADO DE ASSIS MAGAZINE

BRAZILIAN **LITERATURE** IN TRANSLATION

12

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL
ABRIL DE 2026

MACHADO DE ASSIS MAGAZINE

**REPÚBLICA FEDERATIVA
DO BRASIL**

**PRESIDENT OF THE
REPUBLIC**

Luiz Inácio Lula da Silva

MINISTER OF CULTURE

Margareth Menezes da
Purificação Costa

**FUNDAÇÃO BIBLIOTECA
NACIONAL**

**NATIONAL LIBRARY
FOUNDATION PRESIDENT**

Marco Americo Lucchesi

**NATIONAL LIBRARY
FOUNDATION EXECUTIVE
DIRECTOR**

Suely Dias

**GENERAL-COORDINATOR
OF RESEARCH AND
PUBLISHING**

Naira Christofolletti Silveira

**COORDINATOR OF
PUBLISHING**

Claudio Cesar Ramalho
Giolito

**GENERAL-COORDINATOR
OF COOPERATION AND
DIFFUSION CENTER**

Verônica de Oliveira Lessa

**COORDINATOR OF
INTERNATIONAL
COOPERATION CENTER**

Camilla Ramos Ribeiro



BIBLIOTECA NACIONAL

MINISTÉRIO DA
CULTURA

GOVERNO DO
BRASIL
DO LADO DO POVO BRASILEIRO



MACHADO DE ASSIS MAGAZINE

LITERATURA BRASILEIRA EM TRADUÇÃO

LETTERATURA BRASILIANA IN TRADUZIONE

#12

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL

RIO DE JANEIRO

2026

ISSN 2359-4101

**MACHADO DE ASSIS
MAGAZINE BRAZILIAN
LITERATURE IN
TRANSLATION
Year 8 - Number 12**

CURATOR/EDITOR

Andréia Guerini

EDITORIAL BOARD

Camilla Ramos Ribeiro
Carolina Peixoto da Silva
Isaias Monteiro Bittencourt
Cassiano
Gabriel Henrique de Moura
Ferreira
Verônica de Oliveira Lessa

EDITORIAL COMMITTEE

Amina di Munno
Berthold Zilly
Elizabeth Lowe
Júlio César Monteiro
Luana Ferreira de Freitas
Márcia Wayna Kambeba
Mwewa Lumbwe
Odile Cisneros
Rodrigo Tadeu Gonçalves
Safa Jubran
Simone Homem de Mello
Sílvia La Regina
Xuefei Min
Walter Carlos Costa

COPY EDITING ITALIAN

Ana Maria Chiarini
Anna Palma
Elena Manzato
Elisa Iacopozzi
Francesca de Rosa
Gian Luigi de Rosa
Giorgio Buonsante
Ivana Xenia Librici
Laura Mattiello
Manuela de Oliveira
Magalhães
Marcella Petriglia
Monalisa Teixeira
Rapahel Salomão Khéde
Sandra Bagno
Sílvia La Regina
Sonia Netto Salomão
Vanessa Castagna

DESIGNER

Eliane Alves

ILLUSTRATION OF

MACHADO DE ASSIS
Public domain / Arquivo
Nacional Collection

ADDRESS

Fundação Biblioteca
Nacional
Av. Rio Branco 219 -
5º andar
Rio de Janeiro - RJ
20040-008
editoracao@bn.gov.br
www.gov.br/bn/pt-br

ISSN 2359-4101



Check out other
publications of the
National Library
Foundation

copyright© 2026
Fundação Biblioteca
Nacional (FBN)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Machado de Assis magazine : Brazilian literatura in translation. — Ano 1, n. 1- . —
Rio de Janeiro : Fundação Biblioteca Nacional, 2012- .
v. : il.

Periodicidade irregular.

Publicada em co-edição entre Fundação Biblioteca Nacional e Instituto Itaú Cultural de
2012 (v. 1) à 2015 (v. 7). Interrompida de 2016 à 2021. A partir do ano de 2022 (v. 8) retomada
da publicação pela Fundação Biblioteca Nacional.

ISSN 2359-4101

1. LITERATURA - PERIÓDICOS. 2. LITERATURA - BRASIL. I. Biblioteca Nacional (Brasil).

CDD 808

SUMÁRIO

SOMMARIO

1) APRESENTAÇÃO	7
Andréia Guerini	
2) PRESENTAZIONE.....	9
Andréia Guerini	
3) Sermone del mercoledì delle ceneri.....	11
Pe. António Vieira	
4) Sonetti.....	14
Gregório de Matos	
5) L'Angelo Raffaele	16
Machado de Assis	
6) Úrsula.....	48
Maria Firmina dos Reis	
7) La Regina dell'Ignoto	52
Emilia Freitas	
8) Il Fallimento.....	56
Júlia Lopes de Almeida	
9) I Sertões	64
Euclides da Cunha	
10) Vita urbana.....	67
Lima Barreto	
11) Prose Poetiche.....	70
Murilo Mendes	
12) Vaccino di rospo e alti ricordi.....	74
Zélia Gattai	

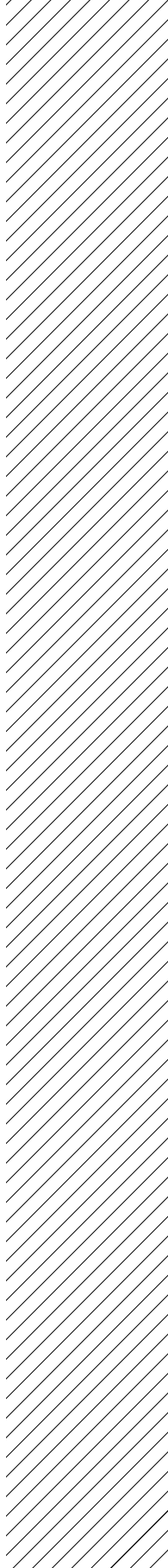
13) La donna che ammazò i pesci.....	76
Clarice Lispector	
14) Il Grande Mentecatto	87
Fernando Sabino	
15) È ora di nutrire i serpenti.....	91
Marina Colasanti	
16) Quarenta giorni	95
Maria Valéria Rezende	
17) Indomabili lacrime di donne.....	99
Conceição Evaristo	
18) Stregchette e Fatine	102
Roseana Murray	
19) Le parole segrete	104
Rubens Figueiredo	
20) L'Abita.....	108
Eliana Alves Cruz	
21) La macchina umana [Saggio inedito sulla follia]	117
Marcelino Freire	
22) Figlia del Fuoco: 12 racconti di amore e cura	120
Elizandra Souza	

APRESENTAÇÃO

Andréia Guerini

Este número da revista *Machado de Assis Magazine* de literatura brasileira traduzida apresenta vinte textos traduzidos para o italiano de obras de escritores/escritoras que contribuíram para o enriquecimento das letras brasileiras. O arco temporal inicia no século XVII, com um sermão do Padre Antônio Vieira (1608-1697) e três sonetos de Gregório de Matos (1636-1696), passando pelo século XIX, com o conto “Anjo Rafael”, de Machado de Assis (1839-1908), um capítulo de *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis (1822-1917), considerado o primeiro romance escrito por uma mulher no Brasil, seguido de um capítulo do livro *A rainha do ignoto*, de Emilia Freitas (1855-1908), tido como o primeiro romance fantástico da literatura brasileira. Prosseguimos com Júlia Lopes de Almeida (1862-1934) e o primeiro capítulo do romance *A falência*, passando por Euclides da Cunha (1866-1909), com o capítulo final do clássico *Os sertões*. De Lima Barreto (1881-1922), escolhemos três crônicas publicadas na revista *Careta*, e agrupadas no livro *Vida urbana*. Do século XX, a seleção inicia com três prosas poéticas de Murilo Mendes (1901-1975), segue com alguns fragmentos do livro de memórias *Vacina de sapos e outras lembranças*, de Zélia Gattai (1916-2008). De Clarice Lispector (1920-1977), apresentamos a tradução da obra classificada como “literatura infantil”, *A mulher que matou os peixes*, uma das poucas obras dessa autora não traduzida para o italiano. De Fernando Sabino (1923-2004), propomos um excerto do romance *O Grande Mentecapto*, de 1979, seguindo com Marina Colasanti (1937) e um conto do livro *Hora de alimentar serpentes*. De Maria Valeria Rezende (1942), selecionamos um trecho do livro *Quarenta dias*, e continuamos com o conto “Mirtes Aparecida Da Luz”, de Conceição Evaristo (1946), extraído do livro *Insubmissas lágrimas de mulheres*. Da escritora de literatura infantojuvenil, Roseana Murray (1950), apresentamos *Bruxinhas e fadinhas*. De Rubens Figueiredo (1956), elegemos o conto “Os distraídos”, presente no livro *As palavras secretas*. De Eliana Alves Cruz (1966), propomos dois contos que integram o livro *A vestida*. De Marcelino Freire (1967), temos *A máquina humana [Ensaio inédito sobre a loucura]* e, para finalizar, de Elizandra Souza (1983), selecionamos um conto do livro *Filha do fogo: 12 contos de amor e cura*. O presente volume da revista *Machado de Assis Magazine* de literatura brasileira traduzida privilegiou diferentes gêneros (sermão, poesia, crônica, conto, romance, memórias, autobiografia), procurou dar destaque para obras de mulheres, que estão sendo paulatinamente reconhecidas e valorizadas pelo sistema literário brasileiro, inclusive muitas delas distinguidas com importantes prêmios literários, como Clarice Lispector, Marina Colasanti, Maria Valeria Rezende, Eliana Alves Cruz, Roseana Murray. Outro eixo foi a seleção de autores já consagrados pelo cânone literário nacional, como Machado de Assis, Lima Barreto, Murilo Mendes, mas com obras menos conhecidas. As temáticas escolhidas também são variadas e muitas

refletem a complexa condição humana nos seus múltiplos desdobramentos, em especial a que explora a condição da mulher. Por fim, e não menos importante, cabe destacar que as traduções foram realizadas principalmente por mulheres tradutoras, mas também tradutores, pesquisadoras na área dos estudos da tradução, estudos linguísticos, estudos literários e comparados, que, com as suas traduções dão voz, forma, vida, visibilidade e ampliam o horizonte da “complexa, rica, ampla e fascinante literatura brasileira” (Lucchesi, 2024).



PRESENTAZIONE

Andréia Guerini

Questo numero della rivista *Machado de Assis di Letteratura Brasileira Tradotta* presenta 20 testi tradotti in italiano tratti da opere di scrittori che hanno contribuito all'arricchimento delle lettere brasiliane. L'arco temporale inizia nel XVII secolo, con un sermone di Padre António Vieira (1608-1697) e tre sonetti di Gregório de Matos (1636-1696), passando per il XIX secolo, con il racconto "Anjo Rafael"/"L'Angelo Raffaele" di Machado de Assis (1839-1908), un capitolo di *Úrsula*, di Maria Firmina dos Reis (1822-1917), considerato il primo romanzo scritto da una donna in Brasile, seguito da un capitolo del libro *A Rainha do Ignoto/La Regina dell'Ignoto*, di Emilia Freitas (1855-1908), ritenuto il primo romanzo fantastico della letteratura brasiliana. Continuiamo con Júlia Lopes de Almeida (1862-1934), e il primo capitolo del romanzo *A Falência/Il Fallimento*, passando per Euclides da Cunha (1866-1909), con il capitolo finale del classico *Os Sertões/I Sertões*. Di Lima Barreto (1881-1922), abbiamo scelto tre cronache pubblicate sulla rivista *Careta* e raggruppate nel libro *Vida urbana/Vita urbana*. Del XX secolo, la selezione inizia con tre Prose Poetiche di Murilo Mendes (1901-1975), seguiti da alcuni frammenti del libro di memorie *Vacina dos sapos e outras memórias/Vaccino di rospo e alti ricordi*, di Zélia Gattai (1916-2008). Di Clarice Lispector (1920-1977), presentiamo la traduzione dell'opera classificata come "letteratura per bambini", *A mulher que matou os peixes/La donna che ammazzò i pesci*, una delle poche opere di questo autore non tradotta in italiano. Di Fernando Sabino (1923-2004), proponiamo un estratto dal romanzo *O Grande Mentecapato/Il Grande Mentecatto*, del 1979, seguito da Marina Colasanti (1937) e un racconto tratto dal libro *Hora de alimentar serpentes/È ora di nutrire i serpenti*. Di Maria Valeria Rezende (1942), abbiamo selezionato un estratto dal libro *Quarenta dias/Quarenta giorni*, e abbiamo continuato con il racconto "Mirtes Aparecida Da Luz", di Conceição Evaristo (1946), tratto dal libro *Insubmissas lágrimas de mulheres/Indomabili lacrime di donne*. Dalla scrittrice di letteratura per bambini Roseana Murray (1950), presentiamo *Bruxinhas e fadinhas/Piccole Stregchette e Fatine*. Di Rubens Figueiredo (1956), abbiamo scelto il racconto "I distratti", presente nel libro *As palavras secretas/Le parole segrete*. Di Eliana Alves Cruz (1966), proponiamo due racconti che fanno parte del libro *A vestida/L'abita*. Di Marcelino Freire (1967), abbiamo *A máquina humana [Ensaio inédito sobre a loucura]/La macchina umana [Saggio inedito sulla Follia]* e, per concludere, di Elizandra Souza (1983), presentiamo un racconto tratto dal libro *Figlia del Fuoco: 12 racconti di amore e cura*. Questo volume della rivista *Machado de Assis di Letteratura Brasileira Tradotta* ha privilegiato diversi generi (sermone, poesia, cronaca, racconto, romanzo, autobiografia), ha cercato di mettere in risalto le opere scritte da donne, che vengono gradualmente riconosciute e valorizzate dal sistema letterario brasiliano, tra cui molti di loro distintisi con importanti premi

letterari, come Clarice Lispector, Marina Colasanti, Maria Valeria Rezende, Eliana Alves Cruz, Roseana Murray. Un altro asse è stato la selezione di autori già rinomati nel canone letterario nazionale, come Machado de Assis, Lima Barreto, Murilo Mendes, ma con opere meno conosciute. Anche i temi scelti sono vari e molti riflettono la complessa condizione umana nei suoi molteplici sviluppi, soprattutto quello che indaga la condizione della donna. Infine, ma non meno importante, è opportuno sottolineare che le traduzioni sono state effettuate soprattutto da traduttrici, ma anche da traduttori, ricercatrici nel campo della traduttologia, degli studi linguistici, degli studi letterari e comparatistici, che con le loro traduzioni danno voce, forme, ampliando l'orizzonte della "complessa, ricca, ampia e affascinante letteratura brasiliana" (Lucchesi, 2024).

Sermone del mercoledì delle ceneri

Pe. António Vieira

Traduzione di Sonia Netto Salomão e Marcella Petriglia

A ROMA, NELLA CHIESA DI SANT'ANTONIO DEI PORTOGHESI. ANNO 1672

Memento homo, quia pulvis es, et in pulverem reverteris.

|

La polvere futura, nella quale ci trasformeremo, è visibile a vista ma la polvere presente, la polvere che siamo, come potremo comprendere questa verità? La risposta a questo dubbio sarà la materia del presente discorso.

Su due cose predica oggi la Chiesa a favore di tutti i mortali, entrambe grandi, entrambe tristi, entrambe spaventose, entrambe certe. Ma una in tal modo certa ed evidente, che non è necessaria la ragione per credervi; l'altra in tal modo certa e difficoltosa, che non c'è ragione che basti per coglierla. Una è presente, l'altra futura, ma quella futura la vedono gli occhi, quella presente non la coglie la ragione. E quali cose enigmatiche sono queste due? *Pulvis es, tu in pulverem reverteris*: Siete polvere, e in polvere vi trasformerete, - Siete polvere, è quella presente; e in polvere vi trasformerete, è quella futura. La polvere futura, la polvere in cui ci trasformeremo, la vedono gli occhi; la polvere presente, la polvere che siamo, né gli occhi la vedono, né la ragione la coglie. Che mi dica la Chiesa che dovrò essere polvere: *In pulverem reverteris*, non è necessaria fede né ragione per crederlo. In quelle tombe, aperte o chiuse, lo vedono gli occhi. Cosa dicono quelle lettere? Cosa coprono quelle pietre? Le lettere dicono polvere, le pietre coprono polvere, e tutto quel che c'è lì è il nulla che saremo: tutto polvere. Spostiamoci, per maggiore esempio e maggior orrore, a quei sepolcri recenti del Vaticano. Se domandate di chi sono polvere quelle ceneri, vi risponderanno gli epitaffi, che sono tutto ciò che le distingue: Quella polvere fu Urbano, quella polvere fu Innocenzo, quella polvere fu Alessandro e questo che ancora non è del tutto disfatto fu Clemente. Quindi perché io creda che sarò polvere, non è necessaria fede né ragione, basta la vista. Ma che mi dica e predichi oggi la stessa Chiesa, regola della fede e della verità, che non solo sarò polvere nel futuro, ma che sono già polvere nel presente: *Pulvis es*? Come lo può cogliere la ragione, se gli occhi stanno vedendo il contrario? È possibile che questi occhi che vedono,

questi orecchi che sentono, questa lingua che parla, queste mani e queste braccia che si muovono, queste gambe che camminano e calpestando, tutto questo, già oggi sia polvere: *Pulvis es?* Rispondo alla Chiesa argomentando con la Chiesa stessa: *Memento homo*. La Chiesa mi dice e suppone che io sia un uomo: quindi non sono polvere. L'uomo è una sostanza viva, senziente, razionale. La polvere vive? No. Allora come può essere polvere ciò che è vivente? La polvere sente? No. Allora come può essere polvere ciò che è senziente? La polvere comprende e discorre? No. Allora come può essere polvere ciò che è razionale? Insomma, se mi concedete che sono un uomo: *Memento homo*, come potete predicare che sono polvere: *Quia pulvis es?* Niente poteva essere più accettabile che il non avere risposta né soluzione questo dubbio. Ma la risposta e la soluzione saranno materia del nostro discorso. Perché io riesca a dichiarare questa difficile verità e tutti noi sappiamo giovarci di questo tanto importante disinganno, chiediamo a quella Signora, che sola fu eccezione a questa polvere, che si degni di farci la grazia.

Ave Maria. (...)

IV

Se siamo già polvere, qual è la differenza tra vivi e morti? I vivi sono la polvere sollevata dal vento, i morti sono la polvere caduta. Adamo, fatto di polvere, ricevendo il vento del soffio divino diventa vivo. Nelle Scritture alzarsi è vivere, cadere è morire. Così, distingue David, esiste la polvere della morte e la polvere della vita.

Ora, posto che siamo già polvere, e non può non essere così, visto che è stato Dio a dirlo, mi domanderete, e a ragione, in cosa allora ci distinguiamo noi vivi dai morti? I morti sono polvere, anche noi siamo polvere: in cosa ci distinguiamo gli uni dagli altri? Ci distinguiamo noi vivi dai morti, nella stessa maniera in cui si distingue la polvere dalla polvere. I vivi sono polvere sollevata, i morti sono polvere caduta: i vivi sono polvere che cammina, i morti sono polvere che giace: *Hic jacet*. Le piazze d'estate sono coperte di polvere; c'è una raffica di vento, solleva la polvere in aria, e che fa? Quello che fanno i vivi, e molti vivi. Non si calma la polvere, non può stare quieta: cammina, corre, vola, prende questa strada, esce su quell'altra; va avanti, torna indietro; riempie tutto, copre tutto, circonda tutto, perturba tutto, acceca tutto, penetra in tutto, si infila in tutto e dappertutto, senza acquietarsi né calmarsi un momento, finché dura il vento. Calmatosi il vento, cade la polvere, e dove il vento si è fermato, essa lì resta, o dentro casa o per strada o sopra a un tetto o nel mare o nel fiume o sul monte o in campagna. Non è così? È così. E che polvere, che vento sono questi? La polvere siamo noi: *Quia pulvis es*; il vento è la nostra vita: *Quia ventus est vita mea* (Giobbe 7,7). Si è alzato il vento, si è sollevata la polvere; si è fermato il vento, è caduta. Si è alzato il vento, ecco la polvere sollevata: questi sono i vivi. Si è fermato il vento, ecco la polvere caduta: questi sono i morti. I vivi polvere, i morti polvere; i vivi polvere sollevata, i morti polvere caduta; i vivi polvere con vento, e

per questo vani; i morti polvere senza vento, e per questo senza vanità. Questa è la differenza, e non ce n'è altra. (...)

V

Non dico più come ho detto finora: ricordati, uomo, che sei polvere sollevata e sarai polvere caduta. Quel che dico è: ricordati, Roma, che sei polvere sollevata e che sei insieme polvere caduta. Guarda, Roma, verso il basso, e ti vedrai caduta e sepolta sotto di te; guarda, Roma, verso l'alto, e ti vedrai sollevata e pendente sopra di te. Roma sopra Roma e Roma sotto Roma. Sulle sponde del Tevere, la Roma che si vede in alto, si vede anche in basso; ma quelle sono ombre. Qui la Roma che si vede in alto, si vede anche in basso, e non è un inganno della vista, ma verità; la città sopra alle rovine, il corpo sopra al cadavere, la Roma viva sopra a quella morta. Che cos'è Roma se non un sepolcro di sé stessa? Sotto le ceneri, sopra la statua; sotto le ossa, sopra il volto. Questo volto, questa maestosità, questa grandiosità è l'immagine, e solo l'immagine, di quel che sta sottoterra. Ordinò la Provvidenza divina che Roma fosse tante volte distrutta e poi edificata sulle sue rovine, perché la testa del mondo avesse un teschio in cui rivedersi. Un uomo si può rivedere nel teschio di un altro uomo: la testa del mondo non poteva rivedersi se non nel suo stesso teschio. Cos'è Roma in piedi? La testa del mondo. Cos'è Roma caduta? Il teschio del mondo. Cosa sono questi pezzi di Terme e Colossei se non le ossa rotte e tronche di questo grande teschio? E cosa sono queste colonne, questi aghi disseppelliti, se non i denti, più duri, staccati da esso! Oh! come sarebbe assennata la testa del mondo se si guardasse bene nel suo teschio!

Sonetti

Gregório de Matos

Traduzione di Silvia La Regina

ALLA CITTÀ DI BAHIA

Triste Bahia! così dissomigliante
sei tu e son'io dal nostro antico stato!
Scarsa ti vedo ora, tu me spiantato,
ricca ti vidi già, tu me abbondante.

Ti cambiaron la macchina e il mercante
che nel tuo porto aperto è penetrato,
mi cambiarono, e cambiano crucciato
tanti maneggi e tanto negoziante.

E quanto doni zucchero eccellente
per droghe inutili, che truffaldina
sciocca tu accetti dal furbo straniero!

Oh Dio volesse, che improvvisamente
ti risvegliassi saggia una mattina
col tuo mantello di cotone mero!

Contemplando le cose del mondo dal suo ritiro, le investe col suo disprezzo,
come chi si è
salvato a nouo dalla bufera

Nel mondo ingrassa soltanto chi attrappa:
si mostra urbano chi vien dalla teppa;
con lingua il vile al nobile riceppa:
il vigliacco maggior sempre ha gualdrappa.

Mostra il furfante dell'arme la mappa:
chi mani ha per rubar, veloce acceppa;
chi meno può parlar, l'udito inzeppa;
oggi lo scettro, ieri era la zappa.

La gramigna alla rosa il nome scippa;
papa sarai se hai quattrini in groppa:
sorridente santo chi ai peggior s'ingruppa.

Alla truppa di stracci svuoto trippa,
e altro non dico, ch  la Musa poppa
in appa, eppa, ippa, oppa, uppa.

Illustre, e formosissima Maria,
mentre vediamo ogni giorno, e ad ogni ora
sulle tue guance la rosata aurora
sugli occhi e labbra, il sole in allegria

e mentre con gentile scortesia
l'aer, che fresco Adone ti innamora
ti spettina la ricca treccia e indora
quando lieve ti sfiora per la via

godi, godi, mio fiore, e con premura
che il tempo trotta in tutta insensatezza
e schiaccia tutti i fiori e li maciulla...

Oh non permettere all'et  matura
di sfare questo fiore, e la bellezza
in terra, in polvere, in ombra, in nulla.

L'Angelo Raffaele¹

Machado de Assis

Traduzione di Anna Palma

|

Stanco della vita, miscredente verso gli uomini, sospettoso delle donne e infastidito dai creditori, il dott. Antero² da Silva determinò un giorno di dire addio a questo mondo.

Era una pena. Il dott. Antero aveva trent'anni, era sano, e avrebbe potuto, se l'avesse voluto, fare una bella carriera. Verità è che per questo era stato necessario procedere a una completa riforma dei suoi costumi. Capiva, però, il nostro eroe che il difetto non era in sé, ma negli altri; ogni richiesta di un creditore gli ispirava un'invettiva contro la società; giudicava di conoscere gli uomini, per aver trattato fino a quel momento con alcuni fantocci senza coscienza; pretendeva di conoscere le donne, quando aveva praticato appena con mezza dozzina di mercanti dell'amore.

Il caso è che il nostro eroe determinò di uccidersi, e per questo si recò alla bottega della *Viúva Laport*³, comprò una pistola ed entrò in casa, che era nella *Rua da Misericórdia*⁴.

Erano in quel momento le quattro del pomeriggio.

Il dott. Antero disse al servo di mettere la cena in tavola.

"Il viaggio è lungo", disse a se stesso, "e io non so se ci sono alberghi lungo il cammino."

Cenò in effetti, tanto tranquillo come se dovesse andare a dormire una siesta e non l'ultimo sonno. Lo stesso servo notò che il padrone era quel giorno più giocherellone che mai. Chiacchierarono allegramente durante tutta la cena. Alla fine della quale, quando il servo gli portò il caffè, Antero proferì paternamente le seguenti parole:

1 Raffaele è "un nome personale ebraico, Rēphā'el, dal significato etimologico "guari-Dio", portato da Israeliti (cfr. I Cron., XXVI, 7); ma esso è specialmente noto come nome dell'angelo che accompagnò Tobia figlio nel suo viaggio, e poi guarì Sara dall'ossessione diabolica e Tobia padre dalla cecità"

([https://www.treccani.it/enciclopedia/raffaele_\(Enciclopedia-Italiana\)/](https://www.treccani.it/enciclopedia/raffaele_(Enciclopedia-Italiana)/)). Raffaele è uno dei tre arcangeli insieme a Michele e Gabriele. Appare nella Bibbia un'unica volta, nel *Libro di Tobia*, ed è considerato, a causa di questa storia biblica, il protettore di matrimoni, medici, e viaggiatori.

2 Antero è un nome di origini ebraiche. Fratello di Eros, ha ricevuto nella storia mitologica diversi significati. Infatti "poteva rappresentare sia il vendicatore dell'amore disprezzato, sia il patrono dell'amore reciproco, sia il distruttore dell'amore" (COMBONI, 2000, s.p.).

3 Nel testo di partenza: *Casa da Viúva Laport*, era un negozio di armi e munizioni abbastanza conosciuto nella Rio de Janeiro dell'epoca.

4 È una via del centro di Rio de Janeiro.

— Pietro, prendi dal mio cassetto i cinquantamila *reïs*⁵ che sono là, sono tuoi. Trascorri pure la serata fuori e non tornare prima dell'alba.

— Grazie, mio signore - rispose Pietro.

— Va'.

Pietro si affrettò a eseguire l'ordine del padrone.

Il dott. Antero se ne andò in salotto, si stese sulla poltrona, aprì un volume del *Dizionario Filosofico* e cominciò a leggere.

Intanto il pomeriggio già si calava e si avvicinava la sera. La lettura del dott. Antero non poteva dilungarsi. In effetti dopo qualche tempo si alzò il nostro eroe e chiuse il libro. Una fresca brezza penetrava nella sala e annunciava una gradevole serata. Trascorreva allora l'inverno, quel benigno inverno che i fluminensi hanno la ventura di conoscere e ringraziarne il cielo.

Il dott. Antero accese una candela e si sedette al tavolo per scrivere. Non aveva parenti, neanche amici a cui lasciare una lettera; nonostante ciò, non voleva andar via da questo mondo senza dirne a rispetto la sua ultima parola. Afferrò la penna e scrisse le seguenti linee:

Quando un uomo, perso nella macchia, si vede circondato da animali feroci e infidi, cerca di fuggire se può. Di norma la fuga è impossibile. Ma questi animali miei simili, tanto viscidati e feroci quanto gli altri, ebbero l'inettitudine di inventare un'arma, mediante la quale uno sviato facilmente gli scappa dalle grinfie.

È giustamente quello che farò.

Ho con me una pistola, polvere e proiettile; con questi tre elementi ridurrò la mia vita al nulla. Non porto né lascio rimpianti. Muoio perché annoiato della vita e per una certa curiosità della morte.

Probabilmente, quando la polizia scoprirà il mio cadavere, i giornali scriveranno la notizia di quanto mi è accaduto, e qualcuno farà a questo proposito considerazioni filosofiche. Mi importano molto poco le tali considerazioni.

Se mi è lecito avere un'ultima volontà, voglio che queste linee siano pubblicate sul *Jornal do Commercio*⁶. I rimatori di occasione troveranno argomento per qualche strofa.

Il dott. Antero rilesse quello che aveva scritto, corresse in qualche punto la punteggiatura, chiuse il foglio in forma di lettera, e ci mise questo destinatario: *A/ mondo*.

Dopo caricò l'arma e, per finalizzare la vita con un pizzico di empietà, lo stoppaccio che mise nella canna della pistola fu una pagina del Vangelo di S. Giovanni.

Era notte fonda. Il dott. Antero si avvicinò alla finestra, respirò un poco, guardò verso il cielo, e disse alle stelle:

— A tra poco.

E allontanandosi dalla finestra aggiunse mentalmente:

5 Plurale di *real*, l'unità monetaria in Brasile e Portogallo dell'epoca del racconto. Anche oggi l'unità monetaria brasiliana si chiama *real*, ma il plurale che si utilizza attualmente è *reais*.

6 Si trattava di un quotidiano tradizionale di Rio de Janeiro fondato nel 1827, uno dei più antichi in circolazione nell'America Latina e che circolò ininterrottamente per 181 anni.

— Povere stelle! Io sì che ci andrei, ma certamente me lo dovranno impedire i vermi della terra. Sono qui, e sono un pugno di polvere. È molto probabile che nel futuro secolo serva questo mio involucro per macadamizzare la *Rua do Ouvidor*⁷. Magari! Almeno avrò il piacere di essere calpestato da qualche bel piede.

Nello stesso momento in cui faceva queste riflessioni, prendeva la pistola e la guardava con un certo orgoglio.

— Ecco la chiave che mi aprirà la porta di questo carcere - disse lui.

Poi si sedette su una sedia con braccioli, mise le gambe sul tavolo, all'americana, piantò i gomiti, e tenendo la pistola con ambedue le mani, si mise la canna tra i denti. Stava quasi per sparare, quando sentì tre colpetti alla porta. Involontariamente alzò la testa. Dopo un breve silenzio di nuovo i tre colpetti. Il ragazzo non aspettava nessuno, e gli era indifferente parlare con chiunque fosse. Tuttavia, per più grande che sia la tranquillità di un uomo quando risolve di abbandonare la vita, gli è sempre gradevole trovare un pretesto per prolungarla un altro po'.

Il dott. Antero pose la pistola sul tavolo e andò ad aprire la porta.

II

La persona che aveva bussato alla porta era un uomo grossolanamente vestito. Teneva una lettera in mano.

— Chi mi vuole? - gli domando il dott. Antero.

— Porto questa lettera, che le invia il mio padrone.

Il dott. Antero si avvicinò alla luce per leggere la lettera.

La lettera diceva così: "Una persona che desidera proporre un affare al sig. dott. Antero da Silva gli chiede di venire immediatamente a casa sua. Il portatore di questa lo accompagnerà. Si tratta di una fortuna."

Il ragazzo lesse e rilesse la lettera, la cui scrittura non conosceva, e la cui laconicità aveva un'aria di mistero.

— Chi è il tuo padrone? - domandò il dott. Antero al servo.

— È il signor maggior Tommaso.

— Tommaso di cosa?

— Non so nient'altro.

Il dott. Antero corrugò la fronte. Che mistero sarebbe mai quello? Una lettera senza firma, una proposta laconica, un servo che non sapeva il nome del padrone, ecco quanto bastò per svegliare vivamente la curiosità del dott. Antero. Anche se non aveva lo spirito predisposto alle avventure, questa lo aveva impressionato a tal punto da fargli dimenticare per un istante il lugubre viaggio tanto freddamente pianificato.

Guardò il servo attentamente; i tratti erano comuni, lo sguardo poco meno che stupido. Evidentemente non era un complice, nel caso che in fondo a quella avventura ci fosse un crimine.

⁷ Antica e tradizionale via di Rio de Janeiro con caffè e negozi frequentati da persone dell'alta società e borghesia.

— Dove vive il tuo padrone? - domandò il dott. Antero.

— A *Tijuca*⁸ - rispose il servo.

— Vive da solo?

— Con una figlia.

— Bambina o ragazza?

— Ragazza.

— Che tipo di uomo è il maggior Tommaso?

— Non glielo posso dire — rispose il servo —, perché sono arrivato là da appena otto giorni. Quando sono entrato, mi ha detto il padrone: “Giuseppe, il tuo obbligo è servire molto, parlare poco e non vedere niente”. Fino ad oggi ho eseguito l’ordine del padrone.

— Ci sono altri servi nella casa? - domandò il dott. Antero.

— C’è una domestica, che serve la figlia del padrone.

— Nessun altro?

— Nessun altro.

L’idea del suicidio già si trovava lontano dallo spirito del dott. Antero. Ciò che lo prendeva adesso era il mistero di quella missione notturna e le singolarità di quanto riferito dal portatore della lettera. Gli sparì dallo spirito ugualmente il sospetto di un crimine. La sua vita era stata così indifferente al resto degli uomini, che non poteva aver ispirato a nessuno l’idea di una vendetta.

Tuttavia esitava ancora; ma rileggendo il misterioso biglietto, fece attenzione alle ultime parole: *si tratta di una fortuna*; parole che nelle due prime letture solo gli avevano causato una leggera impressione.

Quando un uomo vuol lasciare la vita per una semplice noia, la promessa di una fortuna è ragione sufficiente per sospendere il passo fatale. Nel caso del dott. Antero la promessa della fortuna era ragione decisiva. Se approfondiamo bene la causa principale del tedio che questo mondo gli ispirava, vedremo che non è altro che la mancanza di capitali. Dal momento che questi gli bussavano alla porta, il suicidio già non aveva ragione di essere.

Il dottore disse al servo di aspettarlo, e andò a vestirsi.

“In tutti i casi”, disse a se stesso, “ogni cosa a suo tempo; se non muoio oggi posso morire domani.”

Si vestì e, ricordandosi che sarebbe stato conveniente andare armato, si mise la pistola in tasca e uscì accompagnato dal servo.

Quando i due arrivarono al portone, li aspettava già una carrozza. Il servo invitò il dott. Antero ad entrare, e andò a sedersi a cassetta con il cocchiere.

Nonostante i cavalli tenessero un trotto sostenuto, lungo sembrò il viaggio al dottore che, malgrado le circostanze singolari di quella avventura, era ansioso di vederne l’epilogo. Intanto, a mano a mano che la carrozza si allontanava dal centro popoloso della città, lo spirito del nostro viaggiatore si faceva prendere da una certa apprensione. Era lui più avventato che animoso; la sua tranquillità davanti alla morte non era il risultato della sua valentia. In fondo al suo spirito c’era un’estrema dose di

8 Oggi è un quartiere di Rio de Janeiro, al tempo del racconto era una zona fuori città, di campagna.

fiacchezza. La poteva mascherare quando dominava gli avvenimenti, ma adesso che gli avvenimenti dominavano lui, facilmente spariva il simulacro di coraggio.

Finalmente la carrozza arrivò a Tijuca e, dopo aver percorso un grande spazio, si fermò davanti a un podere completamente separato da tutte le altre abitazioni.

Il servo venne ad aprire la porta, e il dottore scese. Le gambe gli tremavano un poco, e il cuore gli batteva affrettatamente. Si trovavano davanti ad un cancello chiuso. Il podere era circondato da un muro alquanto basso, oltre il quale il dott. Antero riuscì a vedere l'abitazione, collocata nel fondo della proprietà alle pendici di una collina.

La carrozza fece il giro e ripartì, mentre il servo apriva il cancello con una chiave che aveva in tasca. I due entrarono e il servo, chiudendo da dentro il cancello, indicò il cammino al dott. Antero.

Non voglio dare al mio eroe proporzioni che lui non ha; confesso che in quel momento il dott. Antero da Silva si era molto pentito di aver aperto la porta all'importuno portatore della lettera. Se avesse potuto fuggire, sarebbe fuggito, anche correndo il rischio di apparire vigliacco agli occhi del servo. Ma era impossibile. Il dottore aveva il cuore in gola, e si diresse verso quella casa.

La notte era chiara, ma senza luna; soffiava un vento che agitava soavemente le foglie degli alberi.

Il dottore camminava lungo un viale alberato accompagnato dal servo; l'arena scricchiolava sotto i suoi piedi. Si tastò per verificare se aveva la pistola con sé; in tutti i casi era una risorsa.

Quando arrivarono alla metà del cammino il dottore domandò al servo:

- La carrozza non torna?
- Suppongo di sì; il mio padrone lo informerà meglio.

Il dottore ebbe un'idea repentina: sparare al servo, saltare il muro e tornarsene a casa. Arrivò al punto di armare il cane della pistola, ma immediatamente rifletté sul fatto che il rumore avrebbe chiamato l'attenzione, e la sua fuga sarebbe diventata improbabile.

Si rassegnò, quindi, alla sorte, e camminò verso la casa misteriosa.

Misteriosa è il termine giusto; tutte le finestre erano chiuse; nessuna luce filtrava da esse; non si sentiva il minimo rumore di voci.

Il servo prese dalla tasca un'altra chiave, e con essa aprì il portone della casa, che richiuse subito dopo aver fatto entrare il dottore. Quindi il servo prese dalla tasca una scatola di fiammiferi, ne accese uno, e con esso un rotolo di cera che portava con sé.

Il dottore vide, allora, che si trovava in una specie di patio, con sul fondo una scala comunicante con il piano di sopra. Vicino alla porta d'ingresso c'era un cubicolo tappato da sbarre di ferro, e che serviva da casa ad un enorme cane. Il cane cominciò a ringhiare quando presenti gente; ma il servo lo fece zittire, dicendo:

- Silenzio, Dolabela!

Salirono le scale fino in cima, e dopo aver attraversato un esteso corridoio, si trovarono davanti ad una porta chiusa. Il servo si tolse dalla tasca una terza chiave, e dopo aver aperto la porta invitò il dott. Antero ad entrare, dicendo:

— Voglia aspettare qui, signore, mentre io vado a comunicare al mio padrone il suo arrivo. Nel frattempo, mi lasci accenderle una candela.

E accese una candela che si trovava in un candelabro di bronzo in cima ad un piccolo tavolo rotondo di mogano, ed uscì.

Il dott. Antero si trovava in una camera; c'era da un lato un letto alto; l'arredamento era di un gusto severo; la camera aveva una sola finestra, ma con le sbarre. Sul tavolo c'erano alcuni libri, penna, carta ed inchiostro.

È facile immaginare l'ansia con cui il dottore aspettò la risposta del suo misterioso corrispondente. Ciò che lui voleva era porre termine a quella avventura che aveva l'aria di un racconto di Hoffmann⁹. La risposta non tardò. Il servo tornò dicendo che il maggior Tommaso non poteva parlare immediatamente al dottore; gli offriva camera e letto, e posticipava la spiegazione al giorno dopo.

Il dottore insistette nel volergli parlare in quell'occasione, con il pretesto di avere un importante motivo per tornare in città; nel caso che il maggiore non avesse potuto parlargli, proponeva che sarebbe tornato il giorno dopo. Il servo lo ascoltò con tutto il rispetto, ma dichiarò che non sarebbe tornato dal padrone, i cui ordini erano perentori. Il dottore offrì denaro al servo; ma questi rifiutò i doni di Artaserse¹⁰ con un gesto così solenne, che tappò la bocca al ragazzo.

— Ho l'ordine - disse infine il servo - di portarle una cena.

— Non ho fame - rispose il dott. Antero.

— In questo caso, buonanotte.

— Addio!

Il servo si diresse verso la porta, mentre il dottore lo seguiva ansiosamente con gli occhi. Gli avrebbe chiuso la porta da fuori? Si realizzò quanto sospettato; il servo chiuse la porta e si portò via la chiave.

È più facile immaginarla che narrarla la notte tormentata del dott. Antero. I primi raggi del sole, penetrati attraverso le sbarre della finestra, lo trovarono vestito sul letto, dove era riuscito ad addormentarsi solo verso le quattro del mattino.

III

Dobbiamo sapere che il nostro eroe ebbe un sogno durante il breve tempo in cui dormì. Sognò che, avendo eseguito il piano del suo suicidio, era stato portato alla città dell'eterno dolore, dove Belzebù lo aveva destinato ad essere perpetuamente bruciato in un immenso rogo. L'infelice faceva le sue obiezioni all'angelo del regno buio; ma questi, con un'unica risposta, ribadiva l'ordine dato. Quattro cancellieri infernali lo afferrarono e lo gettarono nel fuoco. Il dottore gridò e si svegliò.

Usciva da un sogno per entrarne in un altro.

Si alzò spaventato; non riconosceva la stanza in cui si trovava, né il letto in cui dormiva. Ma a poco a poco cominciarono a tornargli in mente tutti gli incidenti

⁹ Autore tedesco del 1800, Hoffmann ha scritto racconti fantastici, inverosimili, horror, molti dei quali appartenenti alla tradizione del "Doppelgängermotiv".

¹⁰ Satrapo dell'impero persiano, famoso per i ricchi regali che faceva ai suoi ospiti.

della sera prima. Il sogno era stato un male immaginario; ma la realtà era un male positivo. Il ragazzo ebbe l'impeto di gridare; riconobbe, però, l'inutilità della risorsa; preferì aspettare.

Non aspettò per molto; dopo alcuni minuti sentì il rumore della chiave nella serratura.

Entrò il servo.

Portava in mano i giornali del giorno.

— Già in piedi?!

— Sì — rispose il dott. Antero —. Che ore sono?

— Le otto. Qui ci sono i giornali di oggi. Guardi, lì c'è un lavabo.

Il dottore non aveva ancora fatto caso al lavabo; la preoccupazione gli aveva fatto dimenticare di lavarsi il viso; cercò di rimediare alla dimenticanza.

Mentre si lavava, gli domandò il servo:

— A che ora pranza?

— Pranzare?

— Sì, pranzare.

— Perché io rimango qui?

— Sono gli ordini che ho.

— Ma insomma, sono curioso di parlare a questo maggiore che non conosco, che mi tiene prigioniero senza che io ne sappia il motivo.

— Prigioniero! — esclamò il servo —. Lei non è prigioniero; il mio padrone vuol parlarle, ed è per questo che sono venuto a chiamarla; le ha dato stanza, letto, le dà un pranzo; credo che questo non sia tenerlo prigioniero.

Il dottore si era asciugato la faccia, e si sedette su una poltrona.

— Ma che vuole il tuo padrone? — gli domandò.

— Questo non lo so — rispose il servo —. A che ora vuole il pranzo?

— Faccia come preferisce.

— Bene — rispose il servo —. Qui ci sono i giornali.

Il servo fece un rispettoso saluto al dottore ed uscì chiudendo la porta.

Ogni minuto che passava era per il disgraziato ragazzo un secolo di angoscia. Quello che più lo torturava erano giustamente quelle attenzioni, quegli ossequi senza spiegazione possibile, senza un presunto esito. Che uomo sarebbe questo maggiore, e che voleva da lui? Il dottore si fece migliaia di volte questa domanda senza trovare risposta plausibile.

Dal servo già lo sapeva che non avrebbe ottenuto niente; oltre che nuovo della casa, sembrava assolutamente stupido. Sarà stato onesto?

Il dott. Antero fece quest'ultima riflessione mettendosi la mano in tasca e tirandone fuori il portafoglio. Gli rimanevano ancora circa cinquantamila *reis*.

“È quanto basta”, pensò, “per convincere questo imbranato a mettermi fuori di qua.”

Il dottore dimenticava che solo la sera prima il servo aveva rifiutato denaro in cambio di un servizio meno importante.

Alle nove il servo tornò portando in un vassoio un pranzo delicato ed appetitoso. Nonostante la gravità della situazione, il nostro eroe attaccò il pranzo con l'ardimento di un vero generale della tavola. In venti minuti rimanevano nel piatto solo morti e feriti.

E mentre mangiava interrogava il servo.

— Dimmi un po'; vuoi farmi un grande favore?

— Quale?

— Ho qui cinquantamila *reis* a tua disposizione, e domani posso dartene altri cinquanta, o cento, o duecento; in cambio ti chiedo che arrangi un modo di mettermi fuori da questa casa.

— Impossibile, signore — rispose il servo sorridendo —; io obbedisco solo al mio padrone.

— Sì, ma il tuo padrone non verrà mai a sapere che ti ho dato del denaro; tu puoi dirgli che la mia fuga è avvenuta per una disattenzione, e in questo modo ci salviamo tutti e due.

— Io sono onorato; non posso accettare il suo denaro.

Il dottore rimase disanimato dall'austerità del famulo; bevve il resto del Borgogna che c'era nel bicchiere, e si alzò facendo un gesto di disperazione.

Il servo non si impressionò, preparò il caffè per l'ospite e glielo offrì. Il dottore ne bevve due o tre sorsi e gli restituì la tazza. Il servo raccolse le stoviglie nel vassoio ed uscì.

Passata mezz'ora tornò il servo dicendo che il suo padrone era pronto a ricevere il dott. Antero.

Anche se il dottore desiderava uscire da quella situazione in cui si trovava, e sapere il fine per cui lo avevano mandato a prendere, non per questo lo impressionò meno l'idea di andare a vedere finalmente il terribile e sconosciuto maggiore.

Si ricordò che potevano esserci dei pericoli, e istintivamente si palpò la tasca; si era dimenticato che nello sdraiarsi aveva posto la pistola sotto il cuscino. Era impossibile tirarla fuori davanti al servo, si rassegnò.

Il servo lo fece uscire per primo, chiuse la porta e si mise a camminare per guidare il misero dottore. Attraversarono il corridoio dove erano passati la sera prima; dopo entrarono in un altro corridoio, che conduceva a una piccola stanza. Lì il servo disse al dottore di aspettare mentre andava ad avvisare il suo padrone, e penetrando in una stanza che rimaneva a sinistra, tornò poco dopo dicendo che il maggiore Tommaso aspettava il dott. Antero.

Il dottore passò nell'altra stanza.

IV

Vi si trovava in fondo, seduto in una poltrona di pelle, un vecchio alto e magro, avvolto in una lunga veste da camera gialla.

Il dottore fece appena alcuni passi e si fermò; ma il vecchio, indicandogli una sedia di fronte a lui, lo invitò a sedersi.

Il dottore obbedì immediatamente.

Ci fu un breve silenzio, durante il quale il dott. Antero poté esaminare la figura che aveva davanti.

I capelli del maggiore Tommaso¹¹ erano completamente bianchi; la cute era pallida e macilenta. Gli occhi, vivi, ma incavati; si poteva comparare alla luce di una candela ridotta al lumicino, quando libera dal fondo del candelabro i suoi ultimi lampeggi.

Le labbra del vecchio erano sottili e bianche; e il naso, curvo come un becco d'aquila, poggiava sopra un paio di baffi del colore dei capelli; i baffi erano la base di quella enorme colonna.

L'aspetto del maggiore avrebbe potuto causare una meno sgradevole impressione, se non fosse per le abbondanti e folte sopracciglia, le cui punte interne si univano sulla parte superiore del naso; inoltre il vecchio contraeva costantemente la fronte, cosa che gli produceva un'enorme ruga che, vista da lontano, sembrava fosse la continuazione del naso.

Indipendentemente dalle circostanze speciali in cui il dottore si trovava, la figura del maggiore ispirava un sentimento di paura. Poteva essere un'eccellente persona; ma il suo aspetto ripugnava alla vista e al cuore.

Il dott. Antero non osava rompere il silenzio; e si limitava a contemplare l'uomo. Questi guardava alternativamente il dottore e le unghie. Le mani del vecchio sembravano artigli; il dott. Antero già se le sentiva conficcate addosso.

— Sto parlando con il dott. Antero da Silva? — domandò lentamente il maggiore.

— Servo suo.

— Servo di Dio — rispose il maggiore con un sorriso strano.

Dopo continuò:

— Dottore in medicina, no?

— Sì, signore.

— Ho conosciuto molto bene suo padre; siamo stati compagni al tempo dell'Indipendenza. Lui era più grande di me di due anni. Povero colonnello! Ancora oggi lamento la sua morte.

Il ragazzo respirò; le parole portavano su una buona strada; il maggiore si confessava amico di suo padre, e gli parlava di lui. Si animò un poco, e disse:

— Anch'io, signor maggiore.

— Buon uomo! — continuò il maggiore —. Sincero, allegro, valoroso...

— È vero.

Il maggiore si alzò un poco, appoggiando le mani sui braccioli della poltrona, e disse con voce sorda:

— E soprattutto, era obbediente a quelli che hanno un'origine nel cielo!

Il dottore spalancò gli occhi; non aveva capito bene il senso delle ultime parole del maggiore. Non poteva supporre che stesse alludendo ai sentimenti religiosi di suo padre, che era considerato alla sua epoca come un profondo materialista.

Comunque non volle contrariare il vecchio, e cercò allo stesso tempo di ottenere una spiegazione.

— Esatto — disse il ragazzo —; mio padre era profondamente religioso.

11 Tommaso vuol dire gemello.

— Religioso non è abbastanza — rispose il maggiore giocando con i cordoni della veste da camera —; conosco molta gente religiosa che non rispetta gli inviati dal cielo. Credo che lei sia stato educato con le stesse idee di suo padre, o no?

— Sì, signore — balbettò il dott. Antero attonito di fronte alle parole enigmatiche del maggiore.

Questi, dopo essersi sfregato le mani ed essersi attorcigliato il baffo ripetute volte, domandò al suo interlocutore:

— Mi dica, è stato ben trattato nella mia casa?

— Magnificamente.

— Sappia che qui può abitarci a suo piacere e il tempo che gli pare.

— Ne sarei molto onorato — rispose il dottore —, se potessi disporre del mio tempo; mi consenta, però, di rifiutare per il momento la sua offerta. Mi sono affrettato a venire ieri a causa del biglietto che mi ha mandato. Cosa vuole da me Sua Eccellenza?

— Due cose: la sua compagnia e il suo matrimonio; le do in cambio una fortuna.

Il dottore guardò stupito il vecchio, e questi, comprendendo la sorpresa del ragazzo, gli disse sorridendo:

— Di che si meraviglia?

— Io...

— Del matrimonio, non è vero?

— Sì, confesso che... Non so il perché merito quest'onore di essere invitato per diventare sposo mediante una fortuna.

— Comprendo la sua sorpresa; è proprio di chi è stato educato là fuori; io qui procedo in modo contrario a ciò che si pratica in questo mondo. Ma mi dica: accetta?

— Prima di tutto, signor maggiore, risponda: perché si è ricordato di me?

— Sono stato amico di suo padre; gli voglio offrire questo omaggio postumo, dandole in matrimonio la mia unica figlia.

— Si tratta quindi di sua figlia?

— Sissignore; si tratta di Celestina.

Gli occhi del vecchio divennero più vivi che mai nel pronunciare il nome della figlia.

Il dott. Antero guardò un momento per terra e rispose:

— Sa bene che è l'amore a fare i matrimoni felici. Consegnare una ragazza ad un ragazzo che lei non ama è darle un supplizio...

— Supplizio! Di nuovo lei con il linguaggio di là fuori. Mia figlia ignora perfino cosa sia l'amore; è un angelo nella razza e nel candore.

Dicendo queste ultime parole il vecchio guardò il soffitto e rimase così alcuni istanti come se contemplasse qualcosa di invisibile agli occhi del ragazzo. Dopo, abbassando un'altra volta gli occhi, continuò:

— La sua obiezione non vale niente.

— Ne ho un'altra; d'accordo che qui dentro non esiste lo stesso ordine di idee di là fuori; ma è naturale che quelli che sono di là fuori non partecipino delle stesse idee di qua dentro. In altri termini, io non vorrei sposarmi con una ragazza senza amarla.

— Accetto l'obiezione; sono sicuro che appena la vedrà morirà per lei.

— È possibile.

— È sicuro. Bene, vada pure in camera sua; all'ora di cena la manderò a chiamare; ceneremo tutti e tre.

Il vecchio si alzò e se ne andò in un angolo della stanza per tirare il cordone di una campanella. Il dott. Antero ebbe allora l'occasione di vedere la statura del maggiore, che era alta e fino a un certo punto maestosa.

Accorse il servo ed il maggiore gli diede l'ordine di condurre il dottore nella sua camera.

V

Quando il dottore si trovò solo in camera cominciò a meditare sulla situazione per come gli si era disegnata dopo la conversazione con il maggiore. Il vecchio gli sembrava singolarmente stravagante, ma gli aveva parlato di suo padre, si era mostrato affabile, e alla fine dei conti offriva la figlia ed una ricchezza. Lo spirito del ragazzo era un poco più tranquillo.

È vero che lui aveva fatto obiezioni alla proposta del vecchio, ed era sembrato volersi afferrare a tutte le difficoltà, per piccole che fossero. Ma io non posso nascondere che la resistenza del ragazzo era forse meno sincera di quanto lui stesso pensasse. La prospettiva di una ricchezza camuffò per alcuni istanti la singolarità della situazione.

Adesso si trattava di vedere la ragazza; se era carina; se dovesse avere una fortuna, che male c'era nello sposarsi con lei? Il dottore aspettò l'ora di cena con un'impazienza a cui già non erano estranei i calcoli dell'ambizione.

Il servo gli aveva messo a disposizione un armadio di vestiti, e mezz'ora dopo gli serviva un bagno. Soddisfatte queste necessità di accuratezza personale, il dottore si distese sul letto e prese a suo piacere uno dei libri che si trovavano sul tavolo. Era un romanzo di Walter Scott. Il ragazzo, educato ad uno stile telegrafico dei libri di Ponson du Terrail¹², si addormentò subito alla seconda pagina.

Quando si svegliò era tardi; guardò l'orologio, e vide che era fermo; si era dimenticato di dargli la corda.

Temeva che il servo fosse venuto a chiamarlo, e che si fosse ritirato dopo averlo trovato addormentato. Sarebbe stato un cattivo debutto della sua vita nella casa di un uomo che forse avrebbe fatto di lui quello di cui già non sperava più.

Si immagini, quindi, l'ansietà con cui aspettò il passare delle ore.

Gli giovava però che, nonostante i timori, la sua immaginazione lavorava sempre; e bisognava vedere il quadro che essa disegnava nel futuro, i castelli che costruiva in aria: creditori pagati, case magnifiche, saloni, balli, carrozze, cavalli, viaggi, donne infine, perché nei sogni del dott. Antero c'erano sempre una o due donne.

Il servo venne finalmente a chiamarlo.

La sala da pranzo era piccola, ma arredata con molto gusto e semplicità.

12 Autore della serie di romanzi il cui protagonista è *Rocambole*, scritti tra il 1857 e il 1870.

Quando il dottore entrò non c'era nessuno; ma poco dopo entrò il maggiore, ora vestito con una casacca nera abbottonata fino al collo che contrastava con il colore bianco dei suoi capelli e baffi e la cute pallida del viso.

Il maggiore si sedette a capotavola, e il dottore alla sua sinistra; la sedia a destra era riservata alla figlia del maggiore.

Ma dov'era la ragazza? Il dottore voleva domandarlo al vecchio; ma si rese conto in tempo che la domanda sarebbe stata indiscreta.

E più che indiscreta, sarebbe stata inutile, perché alcuni minuti dopo si aprì una porta che si trovava di fronte al posto in cui il dottore era seduto, e apparve una serva annunciando l'arrivo di Celestina.

Il vecchio ed il dottore si alzarono.

La ragazza apparve.

Era una figura magra e fragile, né alta né bassa, ma estremamente garbata. Non camminò, scivolò dalla porta al tavolo; i suoi piedi dovevano essere ali di colomba.

Il dottore rimase profondamente sorpreso dall'apparizione; contava fino a un certo punto su una ragazzina né bella né brutta, una specie di fardello che si potrebbe caricare soltanto sulle spalle di una fortuna. Al contrario, aveva davanti a sé una vera bellezza.

Era, in effetti, un viso angelico; traluceva dalle sue sembianze la verginità del cuore. Gli occhi sereni e dolci sembravano fatti per la contemplazione; i capelli biondi e sciolti in riccioli naturali assomigliavano ad un'aureola. La cute era candida e finissima; tutti i lineamenti erano di un'armonia e correttezza ammirabili. Raffaello poteva copiarvi una delle sue vergini.

Era vestita di bianco; un nastro azzurro, allacciato alla cintura, le delineava la figura elegante e graziosa.

Celestina si diresse verso il padre e gli baciò la mano; dopo salutò sorridendo il dott. Antero, e si sedette sulla sedia che gli era destinata.

Il dottore non gli toglieva gli occhi di dosso. Nello spirito superficiale di quell'uomo cominciava a scoprirsi qualcosa di profondo.

Poco dopo essersi seduta, la ragazza si girò verso il padre e gli domandò:

— È questo signore che sarà mio marito?

— Sì — rispose il maggiore.

— È bello — disse lei sorridendo al ragazzo.

C'era tanto candore e semplicità nella domanda e nell'osservazione della ragazza, che il dottore girò istintivamente la testa verso il maggiore, con l'impeto di domandargli se doveva credere alle sue orecchie.

Il vecchio comprese la sorpresa del ragazzo, e sorrise maliziosamente. Il dottore guardò un'altra volta Celestina, che lo contemplava con un'ammirazione così naturale e così sincera, che il ragazzo arrossì.

Cominciarono a cenare.

La conversazione iniziò stentata e maldestra, a causa del dottore, che andava da sorpresa in sorpresa; ma in poco tempo diventò espansiva e franca.

Celestina era la stessa affabilità del padre, rialzata dalle grazie della gioventù, e ancor di più da una semplicità tanto agreste, tanto nuova, che il dottore si credeva trasportato in una forma di civilizzazione sconosciuta.

Quando terminarono la cena passarono nella sala della siesta. Si chiama così una specie di galleria da cui si avvistavano i dintorni della casa. Celestina diede il braccio al dottore senza che questi glielo avesse offerto e seguirono i due davanti al maggiore, che borbottava dei salmi di Davide.

Nella sala della siesta si sedettero tutti e tre; era l'ora del crepuscolo; le montagne e il cielo cominciavano a spogliarsi dei veli del pomeriggio per vestire quelli della sera. L'ora era propizia alle elevazioni; il dott. Antero, considerato che era stato educato in un altro ordine di sensazioni, si sentiva trasportato dolcemente sulle ali della fantasia.

La conversazione trattava di mille cose da niente; la ragazza disse al dottore che aveva diciassette anni, e gli domandò la sua età. Dopo, raccontò nei dettagli tutti i costumi della sua vita, le sue abilità e il suo gusto per i fiori, il suo amore per le stelle, tutto ciò con una grazia che attingeva un poco dalla gioventù e un poco dall'infanzia.

Si tornò all'argomento del matrimonio, e Celestina domandò se il ragazzo aveva dei dubbi a sposarsi con lei.

— Nessuno — disse lui —; al contrario, ne ho sommo piacere... è una felicità per me.

— Che le avevo detto? — domandò il padre di Celestina —. Io lo sapevo che bastava vederla per innamorarsene.

— Allora posso contarci? Che sarà mio marito?

— Certamente — disse il dottore sorridendo.

— Ma cos'è un marito? — domandò Celestina, dopo alcuni secondi.

A questa domanda inaspettata, il ragazzo non poté reprimere un movimento di sorpresa. Guardò il vecchio maggiore; ma questi, appoggiato alla larga poltrona in cui era seduto, cominciava ad addormentarsi.

La ragazza ripeteva con gli occhi la domanda fatta con le labbra. Il dottore l'avvolse con uno sguardo d'amore, forse il primo che aveva avuto nella sua vita; dopo prese dolcemente la mano di Celestina e se la portò alle labbra.

Celestina rabbrivì tutta ed emise un piccolo grido, che fece svegliare di soprassalto il maggiore.

— Che è successo? — disse questi.

— È stato mio marito — rispose la ragazza — che ha toccato con la sua bocca la mia mano.

Il maggiore si alzò, guardò severamente il ragazzo, e disse alla figlia:

— Va bene, va' in camera tua.

La ragazza rimase un poco sorpresa dall'ordine del padre, ma obbedì immediatamente, salutandolo il ragazzo con la stessa disattenta semplicità con cui gli aveva parlato per la prima volta.

Quando i due rimasero soli, il maggiore afferrò il braccio del dottore, e gli disse:

— Mio caro signore, rispetti le persone del cielo; voglio un genero, non voglio un trafficchino. Perciò, attenzione!

E se ne andò.

Il dott. Antero rimase attonito per le parole del maggiore; era la terza volta che gli parlava di persone o inviati dal cielo. Che voleva dire con quello?

Poco dopo venne il servo con l'ordine di accompagnarlo in camera; il dottore ubbidì senza fare obiezioni.

VI

La notte fu travagliata per il dott. Antero; aveva appena assistito a scene tanto strane, aveva ascoltato parole tanto misteriose, che il povero ragazzo si domandò se non fosse vittima di un sogno.

Purtroppo non lo era.

Dove avrebbe portato tutto ciò? Qual era il risultato della cena della sera prima? Il ragazzo temeva, ma non osava più pensare alla fuga; l'idea della ragazza cominciava ad essere un vincolo.

Dormì tardi e male; gli furono agitati i sogni.

Il giorno seguente si alzò presto, e ricevette dal servo i quotidiani del giorno. Mentre aspettava l'ora di pranzo, volle leggere le notizie del mondo, dal quale sembrava esser separato da un abisso.

Orbene, ecco qui quello che trovò nel *Jornal do Comércio*:

Suicidio. L'altro ieri, di sera, il dott. Antero da Silva, dopo aver detto al suo servo di uscire e di tornare solo prima dell'alba, si è rinchiuso nella camera da letto della casa che occupava nella *Rua da Misericórdia*, e ha scritto la lettera che i lettori troveranno più avanti.

Da come si vede in questa lettera, il dott. Antero da Silva dichiarava la sua intenzione di uccidersi; ma la singolarità del caso è che, tornato il servo a casa prima dell'alba, ha trovato la lettera, ma non ha trovato il padrone.

Il servo ha avvisato immediatamente la polizia, che ha impiegato ogni solerzia per cercare di ottenere notizie del giovane dottore.

Effettivamente, dopo una serie di misure ben orchestrate, è stato trovato sulla spiaggia di *Santa Luzia* un cadavere che è stato identificato come quello dell'infelice ragazzo. Sembra che, nonostante avesse dichiarato che avrebbe impiegato la pistola, il disgraziato abbia cercato un altro mezzo meno violento di morte.

Si suppone che una passione amorosa lo abbia portato a commettere tale atto; altri vogliono che sia successo per fuggire dai creditori. La lettera a sua volta cita altri motivi. Eccola.

Qui seguiva la lettera che abbiamo visto nel primo capitolo.

La lettura della notizia produsse nel dott. Antero un'impressione singolare; sarebbe lui morto davvero? Sarebbe già uscito dal mondo della realtà verso il mondo degli eterni sogni? Era così stravagante tutto quello che gli succedeva da due giorni, che il povero ragazzo sentì per un istante vacillargli la ragione.

Ma a poco a poco tornò alla realtà delle cose; interrogò se stesso e tutto ciò che lo circondava; rilesse attentamente la notizia; l'identità riconosciuta dalla polizia, che al principio lo aveva impressionato, lo fece sorridere dopo; e non meno lo fece sorridere uno dei motivi che davano per il suicidio, quello della passione amorosa.

Quando il servo tornò, il dottore gli chiese notizie circostanziate del maggiore e di sua figlia. La ragazza stava bene; mentre del maggiore, disse il servo che gli aveva sentito di notte alcuni singhiozzi, e che la mattina si era alzato abbattuto.

— Ciò mi meraviglia — aggiunse il servo, — perché non so che motivo avesse per piangere, e poi il padrone è un vecchio allegro.

Il dottore non rispose; senza saperne il perché, si attribuiva la causa di quei singhiozzi del vecchio; fu l'occasione del suo primo rimorso.

Il servo gli disse che il pranzo lo aspettava; il dottore si diresse verso la sala da pranzo dove trovò realmente il maggiore un poco abbattuto. Fu diretto verso di lui.

Il vecchio non si mostrò risentito; gli parlò con la stessa bontà della sera prima. Poco dopo arrivò Celestina, bella, gentile, innocente come la prima volta; baciò la fronte del padre, strinse la mano del dottore e si sedette al suo posto. Il pranzo si svolse senza incidenti; la conversazione niente ebbe di notevole. Il maggiore propose che nel pomeriggio di quel giorno Celestina eseguisse al piano qualche composizione bella, perché il dottore potesse apprezzare il suo talento.

Intanto la ragazza voleva mostrare al ragazzo i suoi fiori, e il padre gliene diede il permesso; ad uno sguardo del vecchio la serva di Celestina accompagnò i due futuri sposi.

I fiori di Celestina si trovavano tutti in una mezza dozzina di vasi, messi su una finestra del suo studio di lettura e lavoro. Lei chiamava quello il suo giardino. Era proprio piccolo, e poco tempo esigeva per l'esame; anche così, il dottore fece in modo di prolungarlo il più che poté.

— Cosa mi dice di queste violette? — domandò la ragazza.

— Sono bellissime! — rispose il dottore.

Celestina dispose meglio le foglie con la sua manina delicata; il dottore avanzò la sua mano per toccare anche lui le foglie; le dita dei due si incontrarono; la ragazza rabbrivì, e abbassò gli occhi; un leggero rossore le colorì le guance.

Il ragazzo temette che da quell'involontario incontro potesse nascere qualche motivo di rimorso per lui, e decise di ritirarsi. La ragazza lo salutò, dicendo:

— Arrivederci, sì?

— Arrivederci.

Il dottore uscì dallo studio di Celestina, e già cominciava a pensare come avrebbe trovato il cammino per la sua camera, quando incontrò sulla porta il servo, che si dispose ad accompagnarlo.

— Tu sembri la mia ombra — gli disse il dottore sorridendo.

— Sono appena un servo del signore.

Entrava il ragazzo in camera pieno di vive impressioni; a poco a poco si sentiva trasformato dalla ragazza; perfino i suoi timori si dissipavano; gli sembrava che accanto a lei non dovesse temere nulla.

I giornali erano ancora sul tavolo; domandò al servo se il suo padrone avesse il costume di leggerli. Il servo rispose di no, che nessuno li leggeva in quella casa, e che si erano abbonati solo per lui.

— Solo per me?

— Sì.

VII

La cena e la musica riunirono i tre commensali durante circa quattro ore. Il dottore era al settimo cielo; ormai cominciava a vedere la casa come sua; la vita che trascorrevva era per lui la miglior vita di questo mondo.

“Un minuto più tardi”, pensava lui, “e avrei perso questa felicità”.

Infatti, per la prima volta il ragazzo amava seriamente; Celestina gli appariva come la personificazione della ventura terrestre e delle sante effusioni del cuore. La contemplava con rispetto e tenerezza. Avrebbe potuto vivere lì eternamente.

Però la conversazione sul matrimonio non si era ripetuta; il maggiore aspettava che il ragazzo si dichiarasse, e il ragazzo attendeva l'opportunità per fare la sua dichiarazione al maggiore.

Mentre Celestina, nonostante la sua angelica mancanza di controllo, evitava di trattare l'argomento. Era forse una raccomandazione del padre? Il dottore arrivò a supporlo; ma l'idea gli svanì davanti alla considerazione che era tutto così franco in quella casa che una raccomandazione di questo tipo sarebbe stata giustificata solo da un grande avvenimento. Il bacio sulla mano della ragazza non gli sembrava un avvenimento di così grande magnitudine.

Dopo cinque giorni di permanenza lì, il maggiore gli disse a pranzo che desiderava parlargli, e di fatto, appena si trovarono i due da soli, il maggiore prese la parola, e si espresse in questi termini:

— Mio caro dottore, già deve aver capito che non sono un uomo volgare; e non sono nemmeno un uomo. Lei mi piace perché sta rispettando la mia origine celeste; se io sono fuggito dal mondo è perché nessuno me la voleva rispettare.

Nonostante avesse già sentito dal maggiore alcune parole dubbie in quel senso, il dott. Antero rimase terrorizzato dal piccolo discorso, e non trovò risposta da dargli. Spalancò gli occhi ed aprì la bocca; era tutto un punto di ammirazione e interrogazione allo stesso tempo.

— Io sono — continuò il vecchio —, io sono l'angelo Raffaele, mandato dal Signore in questa valle di lacrime a vedere se colgo alcune buone anime per il cielo. Non ho potuto compiere la mia missione, perché appena ho detto chi ero sono stato considerato un impostore. Non ho voluto affrontare l'ira e il sarcasmo degli uomini; mi sono ritirato in questa abitazione, dove spero di morire.

Il maggiore diceva tutto con una convinzione e serenità che, in caso avesse parlato a un uomo meno mondano, lo avrebbe visto subito lì ai suoi piedi. Ma il dott. Antero non vide nell'origine celeste del maggiore altro che una monomania pacifica. Compresse che era inutile e pericoloso contestarlo.

— Ha fatto bene — disse il ragazzo —, ha fatto bene a fuggire dal mondo. Cosa c'è nel mondo che valga un sacrificio veramente grande? L'umanità ormai non si rigenera; se Gesù apparisse oggi nessuno sa se gli lascerebbero fare il discorso della montagna; lo avrebbero ucciso subito il primo giorno.

Brillarono gli occhi del maggiore mentre ascoltava le parole del dottore; quando lui finì, il vecchio gli saltò al collo.

— Ha detto perle — esclamò il vecchio —. Questo vuol dire vedere le cose. Vedo bene, ha ripreso a suo padre; giammai ho sentito da quell'amico parole che non fossero di venerazione per me. Ha lo stesso sangue nelle vene.

Il dott. Antero corrispose come poté all'effusione dell'angelo Raffaele, dai cui occhi uscivano scintille di fuoco.

— Molto bene — continuò il vecchio sedendosi di nuovo, — è appunto quello che io desideravo incontrare; un ragazzo di buon carattere, che potesse fare di mia figlia quello che lei merita, e non dubitasse della mia natura e neanche della mia missione. Mi dica, le piace mia figlia?

— Molto! — rispose il ragazzo —. È un angelo...

— Sicuro! — si affrettò a dire il maggiore —. Che voleva che fosse mai? Si sposerà con lei, no?

— Certamente.

— Bene — disse il maggiore guardando il dottore con uno sguardo pieno di così paterna tenerezza, che il ragazzo si sentì commosso.

In quel momento, la serva di Celestina attraversò la sala, e passando dietro alla sedia del maggiore, tintinnò la testa con aria di compassione; il dottore prese al volo il gesto che la serva aveva fatto solo per lui.

— Il matrimonio dovrà avvenire in breve — continuò il maggiore quando i due si trovarono da soli —, e, come le ho detto, le do una ricchezza. Voglio che ci creda, gliela mostro.

Il dott. Antero si rifiutò di andare a vedere la ricchezza, ma richiede la verità che si dica che il rifiuto era una semplice formalità. L'atmosfera angelica della casa già lo aveva migliorato in parte, ma c'era in lui ancora una parte dell'uomo, e dell'uomo che aveva passato metà della vita in dissipazioni di spirito e sentimento.

Siccome il vecchio insisteva, il dottore si dichiarò pronto ad accompagnarlo. Passarono da lì in uno studio in cui il maggiore aveva la biblioteca; il maggiore chiuse la porta a chiave; dopo disse al dottore di toccare una molla che si nascondeva nella costola di un libro finto, in mezzo ad uno scaffale.

Il dottore obbedì.

Tutta quella fila di libri era simulata; al tocco del dito del dottore si era aperta una porticina su un vano scuro dove si trovavano cinque o sei cofanetti di ferro.

— In queste casse — disse il maggiore — ho io cento *contos de reis*¹³: sono suoi.

Gli occhi del dott. Antero scintillavano; vedeva davanti a sé una fortuna, e solo da lui dipendeva il possederla.

¹³ Un *conto de reis* valeva 1 milione di *reis*.

Il vecchio gli fece chiudere un'altra volta il nascondiglio, un altro processo che gli insegnò.

— Sappia — aggiunse il maggiore — che è il primo a cui mostro tutto questo. Ma è naturale; già lo considero come un figlio.

In effetti, andarono nella sala della siesta, dove Celestina li raggiunse poco dopo; la vista della ragazza produsse nel ragazzo la buona impressione di fargli dimenticare i cofanetti di ferro e i cento *contos*.

Proprio lì si fissò il giorno del matrimonio, che sarebbe avvenuto un mese dopo.

Il dottore era disposto a tutto con tanta buona volontà, che la reclusione forzata terminò immediatamente; il maggiore gli permise di uscire; ma il dottore dichiarò che non sarebbe avvenuto prima di essersi sposato.

— Dopo sarà più difficile — disse il vecchio maggiore.

— Benissimo, non uscirò.

L'intenzione del ragazzo era di uscire dopo essersi sposato, e per questo avrebbe inventato qualsiasi pretesto; non voleva compromettere la sua felicità.

Celestina era contentissima per il matrimonio; era una diversione nella monotonia della sua vita.

Si separarono dopo cena, e il dottore già da quel momento non trovò il servo per condurlo in camera sua; aveva la libertà di andare dove voleva. Il dottore si recò dritto in camera.

La sua situazione assumeva un nuovo aspetto; ma non si trattava di un reato e neanche di un'imboscata; si trattava di un monomaniaco. Ora, per la felicità del ragazzo, quel monomaniaco esigeva da lui esattamente quello che lui era disposto a fare; considerando bene il tutto, gli entrava dalla porta una felicità inaspettata, che non era neanche lecito sognare quando si è sull'orlo del tumulo.

Nel mezzo dei bei sogni il ragazzo si addormentò.

VIII

Il giorno dopo era domenica.

Il ragazzo, dopo aver letto le notizie dei giornali ed alcuni articoli politici, passò ad argomenti più leggeri. Ora bisogna sapere che uno dei testi parlava esattamente del suicidio del dott. Antero da Silva. La lettera postuma serviva come pretesto per le considerazioni canzonatrici da parte dell'autore.

Uno dei periodi diceva così:

Se non fosse per il suicidio del giovane, non avrei avuto argomento ameno di cui trattare oggi. Fortunatamente si è ricordato di morire in tempo, cosa che non sempre succede a un marito, o a un ministro di Stato.

Ma morire non è niente; morire e lasciare una lettera ridicola come quella che il pubblico ha letto, questo sì che è aver compassione per uno scrittore *aux abois*¹⁴.

14 Locuzione francese che vuol dire "disperato".

Mi scusi il lettore per il termine francese; fa parte del tema; io sono convinto che il dott. Antero (che con il nome non ci perda) abbia letto qualche romanzo parigino in cui ha visto l'originale di quella lettera.
Salvo che non abbia voluto provare che non era semplicemente uno spirito mediocre, ma anche un formidabile scemo.
Tutto è possibile.

Il dottore accartocciò il giornale dopo aver finito di leggere l'opuscolo; ma dopo sorrise filosoficamente; e finì dando ragione all'autore dell'articolo.

Infatti quella lettera, che lui aveva scritto con tanta anima, e che riteneva avesse impressionato il pubblico, gli sembrava adesso una famosa scemenza.

Darebbe forse uno dei cofanetti di ferro del maggiore per non averla scritta.

Era tardi.

Ma il dispiacere per l'opuscolo non fu l'unico; più avanti trovò un invito per una messa per la sua anima. Chi invitava per la messa? I suoi amici? No; il servo Pietro, che, ancora commosso per il dono dei cinquantamila *reis*, pensò che compiva un dovere suffragando l'anima del padrone.

— Buon Pietro! — disse lui.

E così come aveva avuto in quella casa il primo amore, e il primo rimorso, vi ebbe la prima lacrima, una lacrima di gratitudine per il fedele servo.

Chiamato per pranzare, il dottore andò all'incontro del maggiore e di Celestina. Ormai la chiave della camera rimaneva con lui.

Senza saperne il perché, trovò Celestina più celeste che mai, ed anche più seria del solito. La serietà voleva dire che il ragazzo non gli era più indifferente? Il dott. Antero pensò di sì, e io, in qualità di romanziere, direi che pensava bene.

Tuttavia la serietà di Celestina non escludeva la sua affabilità, e neanche la sua leggerezza; era una serietà intermittente, una specie di attrazione e repulsione, la prima aurora dell'amore, che arrossisce le guance e circonda la fronte di una specie di aureola.

Visto che già vi erano libertà e confidenza, il dottore chiese a Celestina, alla fine del pranzo, di andare a suonare un poco. La ragazzina suonava deliziosamente.

Appoggiato al piano, con gli occhi fissi sulla ragazza, e l'anima imbevuta nelle armonie che le sue dita emettevano dalla tastiera, il dott. Antero si dimenticava del resto del mondo per vivere solo di quella creatura che in poco tempo sarebbe stata sua moglie.

Nel frattempo il maggiore passeggiava, con le mani incrociate dietro la schiena, e seriamente pensieroso.

L'egoismo dell'amore è implacabile; davanti alla donna che lo seduceva e attraeva, il ragazzo non aveva neanche uno sguardo per quel povero vecchio demente che gli dava moglie e fortuna.

Il vecchio di tanto in tanto si fermava ed esclamava:

— Brava! Brava! Così suonerai un giorno le arpe del cielo!

— Le piace sentirmi suonare? — domandò la ragazza al dottore.

— Varrebbe la pena morire sentendo questa musica.

Passato un quarto d'ora, il maggiore uscì, lasciando i due fidanzati nella sala.

Era la prima volta che rimanevano da soli.

Il ragazzo non osava riprodurre la scena dell'altra sera; poteva esserci un altro grido della ragazza e tutto sarebbe andato perso per lui.

Ma i suoi occhi, perdutoamente imbevuti in quelli della ragazza, parlavano meglio di tutti i baci di questo mondo. Celestina lo guardava con quella fiducia dell'innocenza e del pudore, quella fiducia di chi non sospetta il male e solo conosce il bene.

Il dottore comprese che era amato; Celestina non lo comprese, sentì che era legata a quell'uomo da qualcosa più forte della parola del padre. La musica si era interrotta.

Il dottore si sedette di fronte alla ragazza, e le disse:

— Si sposa con me per sua volontà?

— Io? — rispose lei —. Sì, certamente; lei mi piace; inoltre, mio padre lo vuole, e quando un angelo lo vuole...

— Non lo prenda in giro così — disse il dottore —; non è colpa...

— Prendere in giro chi?

— Suo padre.

— Ma che assurdo!

— È un disgraziato.

— Non conosco angeli disgraziati — rispose la ragazza con una grazia così infantile ed un'aria così convinta che il dottore arrugò la fronte con un gesto di sorpresa.

La ragazza continuò:

— Beato; magari fossi un angelo come lui! È vero che come figlia sua devo anch'io essere... e, in verità, sono anch'io angelica...

Il dottore impallidì, e si alzò con tanta precipitazione, che Celestina non riuscì a reprimere un gesto di spavento.

— Ehi! Cos'ha?

— Niente — disse il ragazzo passandosi la mano sulla fronte —; è stata una vertigine.

In quel momento entrò il maggiore. Prima che avesse il tempo di domandare qualcosa, la figlia corse verso di lui e disse che il dottore non si sentiva bene.

Il ragazzo dichiarò di sentirsi meglio; ma padre e figlia erano dell'opinione che doveva andare a riposarsi un poco. Il dottore obbedì.

Quando arrivò in camera si buttò sul letto e rimase alcuni minuti senza muoversi, immerso in riflessioni. Le parole incoerenti della ragazza gli dicevano che non c'era in quella casa solo un matto; tanta grazia e bellezza non valevano niente; l'infelice si trovava nelle condizioni del padre.

— Poverina! Anche lei è pazza! Ma per quale singolare accordo di circostanze ambedue sono d'accordo in questa monomania celestiale?

Il dottore faceva questa e mille altre domande a se stesso, senza trovare risposta plausibile. Quello che c'era di sicuro era che l'edificio della sua ventura era appena crollato.

Gli rimaneva solo una risorsa: approfittare della licenza concessa dal vecchio e uscire da quella casa, che sembrava rinchiudere una storia oscura.

Infatti a cena il dott. Antero aveva dichiarato al maggiore che aveva l'intenzione di andare in città a vedere delle carte, la mattina del giorno dopo; sarebbe tornato di sera.

Il giorno seguente, subito dopo pranzo, il ragazzo si preparava per andarsene, non senza aver promesso a Celestina che sarebbe tornato il più presto che poteva. La ragazza glielo chiedeva con l'anima; lui esitò per un momento; ma che fare? Era meglio fuggire da lì il prima possibile.

Era già pronto, quando sentì bussare alla porta molto lievemente; andò ad aprire; era la serva di Celestina.

IX

Questa serva, che si chiamava Antonia, dimostrava avere quarant'anni d'età. Non era brutta e neanche bella; aveva dei lineamenti comuni e irregolari. Ma bastava guardarla per vedere in lei il segno della bontà e della dedizione.

Antonia entrò precipitosamente, e s'inginocchiò ai piedi del dottore.

— Non se ne vada! Signor dottore! Non se ne vada!

— Alzati, Antonia — disse il ragazzo.

Antonia si alzò e ripeté le stesse parole.

— Non devo andar via? — domandò il dottore —. Ma perché?

— Salvi quella ragazzina!

— Cos'è successo? Si trova in pericolo?

— No; ma bisogna salvarla. Pensa che io non ho indovinato il suo pensiero? Lei vuole andarsene per sempre.

— No; prometto...

— Lo vuole sì, e io la prego di non andarsene... almeno fino a domani.

— Ma non mi spiegherai...

— Adesso è impossibile; può venire qualcuno; ma stanotte; guardi, a mezzanotte, quando lei già si sarà addormentata, io verrò qui e le spiegherò tutto. Ma promette che non se ne va?

Il ragazzo rispose macchinalmente:

— Prometto.

Antonia uscì di corsa.

In mezzo a quella costante alternativa di buone e cattive impressioni, in quel succedersi di emozioni diverse, di misteri vari, era da meravigliarsi che lo spirito del ragazzo non ne rimanesse colpito, tanto colpito come quello del maggiore. Arrivò al punto di dubitare di sé.

Subito dopo che Antonia era uscita, il dottore si sedette, e cominciò a fare congetture su che genere di pericolo sarebbe quello da cui bisognava salvare la piccola. Ma non trovandolo, decise di andare da lei o dal maggiore, e già si preparava a farlo, quando il futuro suocero entrò in camera.

Veniva allegro e lepido.

— Bene, che Dio lo protegga — gli disse mentre entrava —; è la prima volta che la visito in camera sua.

— È vero — rispose il dottore —. Si sieda pure.

— Ma c'è anche che il motivo che mi porta qui è importante —, disse il vecchio sedendosi.

— Ah!

— Lei sa chi è morto?

— No.

— Il diavolo.

Dicendo questo rise in modo tanto sgangherato e nervoso che fece rabbrivire il dottore; il vecchio continuò:

— Sissignore, è morto il diavolo; che è una grande fortuna per me, perché mi dà la più grande allegria della mia vita. Che gliene pare?

— Mi pare che sia una felicità per noi tutti —, disse il dott. Antero —; ma come ha saputo della notizia?

— L'ho saputo da una lettera che ho ricevuto oggi dal mio amico Bernardo, amico anche di suo padre. Non vedo Bernardo da dodici anni; è arrivato adesso dal Nord, e si è affrettato a scrivermi per darmi questa gradevole notizia.

Il vecchio si alzò, passeggiò per la stanza sorridendo, mormorando alcune parole da solo, e fermandosi ogni tanto per contemplare l'ospite.

— Non trova — disse lui una delle volte in cui si fermò —, non trova che questa notizia sia la migliore festa che io possa avere per l'occasione di sposare mia figlia?

— Infatti, è proprio così — rispose il ragazzo alzandosi —; ma, visto che il nemico della luce è morto, non parliamone più.

— Ha proprio ragione; non parliamone più.

Il dottore diresse la conversazione verso temi diversi; parlò di campagne, di letteratura, di piantagioni, di tutto quanto allontanasse il maggiore da argomenti angelici o diabolici.

Infine il maggiore disse che aspettava il colonnello Bernardo, amico suo, per cena, e che avrebbe avuto il sommo piacere di presentarglielo.

Ma l'ora di cena arrivò senza che arrivasse il colonnello, in modo che il dottore si convinse che il colonnello, la lettera e il diavolo non fossero altro che creazioni del maggiore. Avrebbe dovuto essersene convinto fin dall'inizio; e se ne fosse convinto sarebbe stato un errore, perché il colonnello Bernardo si presentò a quella casa all'ora dell'Ave Maria¹⁵.

Era un uomo pieno di corpo, robusto, rosso, occhi vivi, parlava velocemente, un uomo noncurante e senza rimorsi. Dimostrava quarant'anni e ne aveva cinquantadue; portava una casacca militare.

Il maggiore abbracciò il colonnello con una soddisfazione rumorosa, e lo presentò al dott. Antero come uno dei suoi migliori amici. Presentò il dottore al colonnello dichiarando allo stesso tempo che sarebbe stato suo genero; ed infine fece chiamare la figlia, che non tardò molto ad arrivare nella sala.

¹⁵ Le ore 18:00.

Quando il colonnello pose gli occhi su Celestina gli occhi gli si gonfiarono di lacrime; l'aveva vista da piccola e la trovava ragazza fatta, e ragazza bella. L'abbracciò paternamente.

La conversazione tra i quattro durò una mezz'ora, tempo in cui il colonnello, con una volubilità che contrastava con la frase pausata del maggiore, raccontò migliaia di circostanze della sua vita di provincia.

Finito questo momento, il colonnello dichiarò che voleva parlare in privato al maggiore; il dottore si ritirò in camera sua, lasciando Celestina che pochi minuti dopo si ritirò anche lei.

Il colonnello e il maggiore si chiusero in sala; nessuno ascoltava la conversazione, ma il servo vide che solo a mezzanotte il colonnello uscì dalla sala, diretto verso la camera che gli avevano preparato.

Per quanto riguarda il dottore, appena entrato in camera vide sul tavolo una lettera intestata a lui. La aprì e lesse quanto segue:

Sposo mio, le scrivo per dirle di non dimenticarsi di me, che mi sogni, e che mi voglia bene come io gliene voglio.
La sua fidanzata,
Celestina.

Nient'altro.

Era una letterina d'amore poco simile a quelle che si scrivono in questi casi, una lettera semplice, ingenua, audace, sincera.

Il ragazzo la rilesse, la baciò e se la portò al cuore.

Dopo si preparò a ricevere la visita di Antonia che, come i lettori ricorderanno, era stata fissata per mezzanotte.

Per passare il tempo il ragazzo aprì uno dei libri che erano sul tavolo. Volle il caso che parlava di Paolo e Virginia¹⁶; il dottore non aveva mai letto il celebre romanzo; il suo ideale e la sua educazione lo allontanavano da quella letteratura. Ma adesso aveva lo spirito preparato ad apprezzare tali pagine; si sedette e lesse velocemente metà dell'opera.

X

A mezzanotte senti bussare alla porta; era Antonia.

La buona donna entrò con circospezione; temeva che il più piccolo rumore la potesse compromettere. Il ragazzo chiuse la porta, e fece in modo che Antonia si sedesse.

¹⁶ Si tratta di un romanzo breve scritto da Bernardin de Saint-Pierre, del 1787, che narra il tragico idillio di due giovani in un ambiente naturale esotico e incorrotto. Siamo nell'Isola Mauritius: Paolo e Virginia sono due giovani che si amano fin dall'infanzia. Lontani dai pregiudizi e dagli artifici della civiltà, essi vivono nella felicità più innocente. Una ricca zia chiama improvvisamente Virginia in Francia per darle un'educazione. La fanciulla rifiuta il mondo parigino, si dispera, rimpiange l'amore e la felicità perduti. La zia si convince a farla tornare nell'isola.

— La ringrazio per essere rimasto — disse lei sedendosi —, e le dirò che pericolo minaccia la mia povera Celestina.

— Pericolo di vita? — domandò il dottore.

— Ancora più grave.

— Di onore?

— Meno.

— E allora...

— Il pericolo della ragione; io temo che la povera ragazza diventi pazza.

— Lo temi? — disse il dottore sorridendo tristemente —. Sei sicura che lei non lo sia già?

— Ne sono sicura. Ma lo può diventare, tanto pazza come il padre.

— Questi...

— Questi è perso ormai.

— Chi lo sa?

Antonia tintinnò la testa.

— Forse sì, perché è da dodici anni che ha perso la ragione.

— Ne sai il motivo?

— Non lo so. Io sono venuta in questa casa cinque anni fa; la ragazzina ne aveva dieci; era, come oggi, una creaturina vivace, allegra e buona. Ma non era mai uscita da qui; è probabile che non abbia visto nella sua vita più di dieci persone. Ignora tutto. Il padre, che già allora era convinto di essere l'angelo Raffaele, come ancor oggi dice, lo ripeteva alla figlia costantemente, tanto che lei crede fermamente di esser figlia di un angelo. Ho cercato di dissuaderla; ma lei lo è andata a raccontare al maggiore, e questi mi ha minacciata di mandarmi via se io avessi inculcato cattive idee a sua figlia. Era cattiva idea dire alla bambina che lui non era quello che diceva di essere ma semplicemente un disgraziato matto.

— E sua madre?

— Non l'ho conosciuta; ho domandato di lei a Celestina; e ho saputo che neanche lei l'ha conosciuta, per la ragione che non aveva avuto una madre. Mi ha riferito aver saputo, dalla bocca di suo padre, che lei era venuta al mondo per opera e grazia del cielo. Vede bene che la bambina non è pazza; ma dove andrà a finire con queste idee?

Il dottore era pensieroso; comprendeva adesso le parole incoerenti della ragazza al piano. La narrazione di Antonia era verosimile. Era doveroso salvare la ragazza portandola fuori di lì. Per questo il matrimonio era il miglior mezzo.

— Hai ragione, buona Antonia — disse lui —, salveremo Celestina; stai tranquilla.

— Giura?

— Lo giuro.

Antonia baciò la mano del ragazzo, versando alcune lacrime di contentezza. È che Celestina era per lei più di una padrona, era una specie di figlia creata nella solitudine.

La serva se ne andò, e il dottore si distese, non solo perché si era avanti con le ore, ma anche perché il suo spirito chiedeva un po' di riposo alla fine di tante e nuove emozioni.

Il giorno dopo disse al maggiore della necessità di accelerare il matrimonio, e di conseguenza di quella di preparare le carte.

Ci si mise d'accordo che il matrimonio sarebbe avvenuto nella cappella della casa, ed il maggiore concesse il permesso affinché un prete li potesse sposare; questo considerando che, se Celestina, come figlia di un angelo, era al di sopra di un prete, non era lo stesso per il dottore, che era semplicemente un uomo.

Per quanto riguardava le carte, sorse un dubbio circa la dichiarazione del nome della madre della ragazza. Il maggiore dichiarò perentoriamente che Celestina non aveva una madre.

Ma il colonnello, che era presente, intervenne nel dibattito, dicendo al maggiore queste parole, che il dottore non comprese, ma che gli fecero impressione:

— Tommaso! Ricordati di ieri sera.

Il maggiore si zittì immediatamente. Mentre il colonnello, girandosi verso il dott. Antero, disse:

— Tutto si sistemerà: si tranquillizzi.

La conversazione si chiuse così.

Ma ce n'era abbastanza perché il dottore scoprisse dalle mani del colonnello Bernardo il filo di quella matassa. Il ragazzo non esitò di approfittare della prima occasione per parlare con il colonnello al fine di informarlo circa i più di mille punti oscuri di quel quadro che da giorni aveva davanti agli occhi.

Celestina non aveva assistito alla conversazione; era nell'altra sala e suonava il piano. Il dottore andò a vederla, e la trovò triste. Gliene chiese il perché.

— Non lo so! — rispose la ragazza —. Mi sembra di capire che lei non mi vuole bene; e se mi domanda perché vogliamo bene gli altri, non lo so.

Il ragazzo sorrise, le prese la mano, la strinse fra le sue, e se la portò alle labbra. Questa volta Celestina non gridò, non fece resistenza; rimase a guardarlo assorta, pendendo dai suoi occhi, si può dire che pendeva dalla sua anima.

XI

La sera seguente, il dott. Antero passeggiava in giardino, proprio sotto la finestra di Celestina. La ragazza non sapeva che lui era lì, e neanche il ragazzo volle in nessun modo chiamare la sua attenzione. Si accontentava di guardare da lontano, vedendo di tanto in tanto disegnarsi sulla parete l'ombra di quel delicato corpo.

C'era la luna e il cielo era sereno. Il dottore, che fino a quel momento non aveva conosciuto e neanche apprezzato i misteri della sera, si compiaceva adesso di conversare con il silenzio, l'ombra e la solitudine.

Quando si trovava ancora più assorto con gli occhi sulla finestra, sentì che qualcuno gli batteva sulla spalla.

Rabbrividi, e si girò rapidamente.

Era il colonnello.

— Salve, mio caro dottore — disse il colonnello —, fa un idillio prima del matrimonio?

— Sto prendendo un po' di fresco — rispose il dottore —; la sera è magnifica e là dentro fa caldo.

— Questo è vero; anch'io sono venuto a prender fresco. Passeggiamo, se non le interrompo le riflessioni.

— Al contrario, e io perfino l'avrei...

— Voluti incontrare?

— Proprio così.

— Allora meglio ancora.

Il rumore delle parole scambiate tra i due si sentì in camera di Celestina. La ragazza si avvicinò alla finestra e cercò di vedere se scopriva di chi erano le voci.

— Eccola là — disse il colonnello —. Guardi!

I due uomini si avvicinarono, e il colonnello disse a Celestina:

— Siamo noi, Celestina; io e il tuo fidanzato.

— Ah! Che andate facendo?

— Come vedi, prendendo fresco.

Ci fu silenzio.

— Non mi dice niente, dottore? — domandò la ragazza.

— La contemplo.

— Fa bene — rispose lei —; ma siccome l'aria può far male, buonanotte.

— Buonanotte!

Celestina rientrò, e poco dopo la finestra si chiuse.

Mentre i due uomini si diressero verso una panchina di legno che si trovava nell'altra estremità del giardino.

— Ha detto allora che avrebbe voluto incontrarmi?

— È vero, colonnello; le chiedo un'informazione.

— E io gliela darò.

— Sa cos'è?

— Posso indovinare.

— Meglio così, mi risparmia un discorso.

— Vuol sapere chi è la madre di Celestina?

— In primo luogo.

— E che altro?

— Voglio sapere dopo qual è la ragione di questa pazzia del maggiore.

— Non ne sa niente?

— Niente. Io sono qui a causa di un'avventura singolarissima che le racconterò.

Il dottore ripeté al colonnello la storia della lettera e del messaggio che lo avevano chiamato lì, senza nascondere che l'invito del maggiore era arrivato giusto nel momento in cui lui si trovava disposto a rompere con la vita.

Il colonnello ascoltò attentamente la narrazione del ragazzo; ascoltò anche la confessione per cui l'entrata in quella casa aveva fatto del dottore un buon uomo, quando non era altro che un uomo inutile e cattivo.

— Confessione per confessione — disse il dottore —, venga la sua.

Il colonnello prese la parola.

— Sono stato amico di suo padre e del maggiore; suo padre è morto da molto tempo; siamo rimasti io ed il maggiore come due sopravvissuti dei tre fratelli Orazi¹⁷, nome che ci davano gli uomini del nostro tempo. Il maggiore era sposato, io celibe. Un giorno, per motivi di cui non è il caso parlare, il maggiore sospettò che sua moglie gli fosse infedele, e la espulse di casa. Anch'io credetti nell'infedeltà di Fernanda, ed approvai, in parte, l'atto del maggiore. Le dico in parte, perché la povera donna il giorno dopo non aveva neanche da mangiare; e fu dalla mia mano che ricevette qualcosa. Protestò lei per la sua innocenza con le lacrime agli occhi; io non credetti alle lacrime e neanche alle proteste. Il maggiore impazzì, e venne in questa casa con la figlia, e non ne uscì mai più. Avvenimenti imprevisi mi obbligarono ad andare poco dopo al Nord, dove sono rimasto fino a poco tempo fa. E non sarei ritornato se...

Il colonnello si fermò.

— Cosa c'è? — gli domando il dottore.

— Non vede una sagoma là?

— Dove?

— Là.

Effettivamente una figura si incamminava verso i due interlocutori; a pochi passi riconobbero che era il servo Giuseppe.

— Sig. Colonnello — disse il servo — la stavo cercando.

— Perché?

— Il padrone le vuole parlare.

— Bene; vengo subito.

Il servo si ritirò, e il colonnello continuò:

— Non sarei tornato se non avessi acquisito la certezza che i sospetti del maggiore fossero tutti infondati.

— Come?

Ho incontrato, dopo tanti anni, nella provincia in cui mi trovavo, la moglie del maggiore a servizio in una casa. Aveva avuto una vita esemplare; le informazioni da me ottenute confermavano le sue asserzioni. I sospetti si fondavano su una lettera trovata in suo possesso. Ebbene, quella lettera comprometteva una donna, ma non era Fernanda; era un'altra, la cui testimonianza ho ascoltato sul suo punto di morte. Compresi che era forse il mezzo di richiamare il maggiore alla ragione e venire a raccontargli tutto. Sono venuto, in effetti, per esporgli quello che sapevo.

— E lui?

— Non ci crede; e quando sta per convincersi delle mie asserzioni fondate, gli ritorna l'idea che lui non è sposato, perché gli angeli non si sposano; insomma, il resto lei lo sa.

— E allora non c'è scampo?

— Credo di no.

— In questo caso occorre salvargli la figlia.

— Perché?

¹⁷ Gli Orazi, i famosi fratelli dell'antica Roma, in Francia erano diventati il simbolo della lotta per la Repubblica con il quadro dipinto da Jacques-Louis David nel 1784, chiamato "Il giuramento degli Orazi" (tela, 330 x 425 cm, Louvre, Parigi).

— Perché il maggiore ha educato Celestina nella più assoluta reclusione possibile, e fin da piccola gli ha instillato l'idea da cui viene posseduto, quindi ho paura che la povera ragazza soffra allo stesso modo.

— Tranquillo; il matrimonio sarà fatto il più presto possibile, e lei la porterà via da qui; in ultimo caso, se non possiamo convincerlo, uscite senza che lui lo sappia.

Si alzarono tutti e due, e quando si trovano vicino casa, venne loro incontro il servo, portando un nuovo messaggio del maggiore.

— Mi sembra che sia malato - aggiunse il servo.

— Malato?

Il colonnello si affrettò a recarsi dall'amico, mentre il dottore andò in camera ad aspettare sue notizie.

XII

Quando il colonnello entrò nella camera del maggiore lo trovò molto afflitto. Camminava da un lato all'altro agitato, proferendo parole incoerenti, con lo sguardo delirante.

— Che hai, Tommaso?

— Meno male che sei venuto — disse il vecchio —; mi sento male; è venuto poco tempo fa un angelo a prendermi; mi ha detto che sentivano la mia mancanza in cielo. Credo che me ne vado questa volta.

— Ma lascia perdere — rispose il colonnello —; è stato uno scherzo dell'angelo; riposati, stai tranquillo.

Il colonnello riuscì a fare sdraiare il maggiore. Gli tastò il polso, e gli sentì la febbre. Capì che era conveniente mandare a chiamare un medico, e diede ordini al servo in questo senso.

Si calmò la febbre del maggiore, che riuscì a dormire un poco; il colonnello si fece preparare un letto nella stessa camera, e dopo aver comunicato al dottore quello che era successo, tornò nella camera del maggiore.

Il giorno dopo il malato si alzò migliorato; il medico, essendo arrivato quando era già mattina presto, non gli aveva applicato nessuna medicina, ma era rimasto lì nel caso fosse necessario.

Mentre Celestina non seppe niente di ciò che era successo; e si svegliò allegra e più viva che mai.

Ma verso il pomeriggio tornò la febbre al maggiore; e questa volta in maniera violenta. In poco tempo fu dichiarata la prossimità della morte.

Il colonnello ed il dottore si presero cura di allontanare Celestina, che non sapeva cos'era morire, e avrebbe potuto soffrire alla vista del padre moribondo.

Il maggiore, circondato dai due amici, chiedeva con insistenza di andare a chiamare la figlia; ma loro non lo consentirono. Allora il povero vecchio insistette con il dottore affinché non rinunciassero a sposarsi con lei, e allo stesso tempo gli ripetè la dichiarazione che gli lasciava una fortuna. Alla fine cedette.

Combinarono il colonnello ed il dottore che la morte del maggiore sarebbe stata resa nota alla figlia dopo aver fatto il funerale, e che questo avrebbe avuto luogo con la maggiore riservatezza possibile. Così fu fatto.

L'assenza del maggiore a pranzo e a cena il giorno seguente fu spiegata a Celestina come dovuta a una riunione in cui lui si trovava con persone a lui amiche.

In modo che, mentre dall'altro lato della casa c'era il cadavere di suo padre, la figlia rideva e chiacchierava a tavola come nei suoi migliori giorni.

Ma fatto il funerale bisognava dirlo alla figlia.

— Celestina — le disse il colonnello —, tu ti sposerai in breve con il dott. Antero.

— Ma quando?

— Tra qualche giorno.

— Mi dicono la stessa cosa da tanto tempo!

— Ma adesso è la volta giusta. Tuo padre...

— Che c'è?

— Tuo padre non torna per il momento.

— Non torna? — disse la ragazza —. Ma dov'è andato?

— Tuo padre è andato in cielo.

La ragazza impallì sentendo la notizia; non le suggeriva nessuna idea funebre; ma il cuore indovinava che dietro a quella notizia c'era una catastrofe.

Il colonnello cercò di distrarla.

Ma la ragazza, versando due lacrime, due sole, ma che valevano per cento, disse con profonda amarezza:

— Papà è andato in cielo e non mi ha salutata prima!

Dopo si ritirò in camera sua fino al giorno seguente.

Il colonnello e il dottore trascorsero la serata insieme.

Il dottore riferì che la fortuna del maggiore era dietro uno scaffale, in biblioteca, e che sapeva come aprirlo. I due concordarono sul mezzo di affrettare il matrimonio di Celestina senza pregiudicare gli atti della giustizia.

Era dovere però, prima di tutto, strappare la ragazza da quella casa; il colonnello indicò la casa di una parente sua, dove l'avrebbero portata il giorno seguente. Concordati questi dettagli, il colonnello domandò al dottore:

— Bene, mi dica; non crede adesso che ci sia una Provvidenza?

— Sempre ci ho creduto.

— Non menta; se ci avesse creduto non avrebbe fatto ricorso al suicidio.

— Ha ragione, colonnello; le dirò persino: io ero un poco di fango, oggi mi sento una perla.

— Mi ha compreso bene; io non volevo alludere alla fortuna che ha trovato qui, ma a questa riforma di se stesso, a questo rinnovamento morale, che ha ottenuto con quest'aria e con la contemplazione di quella bella Celestina.

— Dice bene, colonnello. Per quanto riguarda la fortuna, sono pronto a...

— A che? La fortuna è di Celestina; non deve disfarsene.

— Ma possono supporre che il matrimonio...

— Lasci supporre, amico mio. Cosa le importa a lei che suppongano? Non c'è la sua coscienza, che non lo accusa di nessuna cosa?

— È vero; ma l'opinione...

— L'opinione, mio caro, non è niente più che un'opinione; non è la verità. Ci indovina a volte; in altre calunnia, e la disgrazia vuole che calunni più di quanto indovini.

Il colonnello in materia di opinione pubblica era un perfetto ateo; gli negava l'autorità e la supremazia. Una delle sue massime era questa: "L'opinione pubblica è un muro in bianco: accetta tutto quanto gli scrivano sopra, che venga dalla mano di un ragazzino o da quella di un uomo di bene".

Fu difficile per il dottore e per il colonnello convincere Celestina che sarebbe dovuta uscire da quella casa; ma alla fine riuscirono a portarla in città quella sera. La parente del colonnello, preavvisata in tempo, la ricevette in casa.

Arrangiate le cose della giustizia, ci si occupò di realizzare il matrimonio.

Prima però di arrivare a quel punto tanto agognato dai due sposi, fu necessario abituare Celestina alla vita nuova che cominciava a vivere e che lei non conosceva. Educata tra le pareti di una casa isolata, lontano da ogni rumore, e sotto la direzione di un uomo infermo della ragione, Celestina entrò in un mondo che giammai avrebbe sognato, di cui non aveva avuto neanche notizia.

Tutto per lei era oggetto di curiosità e di sorpresa. Ogni giorno le recava un'emozione nuova.

Si sorprendeivano tutti che, nonostante la singolare educazione che aveva avuto, sapesse suonare così bene; aveva avuto effettivamente un maestro chiamato dal maggiore, che desiderava, diceva lui, mostrare che un angelo, e specialmente l'angelo Raffaele, sapeva fare le cose come gli uomini. Per ciò che riguardava la lettura e la scrittura, era stato lui stesso che gliele aveva insegnate.

XIII

Subito dopo essere tornato in città, il dott. Antero ebbe l'accuratezza di scrivere la seguente lettera ai suoi amici:

Il dott. Antero da Silva, recentemente suicidatosi, ha l'onore di partecipare loro che è tornato dall'altro mondo, e che si trova a loro disposizione nell'hotel di ***.

Si riempì la sala di gente che era corsa a vederlo; alcuni increduli avevano supposto che si trattasse di un semplice scherzo di qualche uomo uso a farsi beffe degli altri. Ci fu un coro di esclamazioni:

— Non sei morto!

— Ma guarda! Sei vivo!

— Ma che vuol dire!

— Qui c'è stato un miracolo!

— Che miracolo — rispondeva il dottore —; è stato semplicemente un mezzo ingegnoso per vedere l'impressione che avrebbe causato la mia morte; ho già saputo quello che volevo sapere.

— Oh! — disse uno dei presenti —. È stata profonda; domandalo a Cesare.

— Quando abbiamo saputo della disgrazia — aggiunse Cesare —, non volevamo crederci; siamo corsi fino a casa tua; era purtroppo la verità.

— Che stolto! — esclamava un terzo —. Farci piangere per lui, quando forse si trovava vicino a noi... Non te le perdonerò mai quelle lacrime.

— Ma — disse il dottore —, sembra che la polizia sia arrivata a riconoscere il mio cadavere.

— Hanno detto di sì, e io gli ho creduto.

— Anch'io.

In quel momento entrò nella sala un nuovo personaggio; era il servo Pietro.

Il dottore si fece largo tra gli amici e andò ad abbracciare il servo, che cominciò a versare lacrime di contentezza.

Quella effusione in relazione al servo, comparata alla freddezza relativa con cui il dottore li aveva ricevuti, diede fastidio agli amici che si trovavano lì. Era eloquente. Se ne andarono gli amici poco dopo dichiarando che la contentezza di vederlo aveva ispirato loro l'idea di offrirgli una cena. Il dottore rifiutò la cena.

Il giorno dopo, i giornali dichiararono che il dott. Antero da Silva, che era giudicato morto, era invece vivo ed era riapparso; e in quello stesso giorno ricevette il dottore la visita dei creditori che, per la prima volta, vedevano resuscitare un debito già sepolto.

Mentre l'autore dell'opuscolo letterario di uno dei giornali che si erano occupati della morte del dottore e della lettera che lui aveva lasciato, introduceva il suo articolo del sabato successivo così:

Dicono che sia riapparso l'autore di una lettera della quale mi sono occupato ultimamente. Sarà vero? Se è tornato non è l'autore della lettera; se è l'autore della lettera non è tornato.

A ciò rispose il resuscitato:

Sono tornato dall'altro mondo, e nonostante ciò sono l'autore della lettera. Dal mondo da cui vengo porto una buona filosofia: tenere in nessun conto l'opinione dei miei contemporanei, e in meno ancora quella dei miei amici. Ho portato anche un'altra cosa, ma questo importa poco al pubblico.

XIV

Il matrimonio si celebrò tre mesi dopo.

Celestina era un'altra; aveva perso quello stordimento ignorante che era il principale tratto del suo carattere, e con esso le idee stravaganti che il maggiore le aveva inculcato.

Il colonnello assistette al matrimonio.

Un mese dopo il colonnello andò a salutare gli sposi, tornava al Nord.

— Addio, amico mio — gli disse il dottore —; non scorderò mai quello che ha fatto per me.

— Io non ho fatto niente; ho aiutato la buona sorte.
Celestina salutò il colonnello in lacrime.
— Perché piangi, Celestina? — disse il vecchio —. Tornerò presto.
— Sa perché piange? — domandò il dottore —. Io le ho già detto che sua madre era al Nord; a lei dispiace non poterla vedere.
— La vedrà, perché io la vado a prendere.
Quando il colonnello uscì, Celestina mise le braccia intorno al collo del marito e disse con un sorriso tra le lacrime:
— Insieme a te e a mia madre, che cosa voglio di più io sulla terra?
Nell'ideale di felicità della ragazza già non rientrava più il colonnello. Ah amore!
Ah cuore! Ah egoismo umano!

Úrsula

Maria Firmina dos Reis

Traduzione di Manuela de Oliveira Magalhães

CAPITOLO IX

La Nera Susana

I preparativi per il viaggio erano già stati conclusi, e nel frattempo Tulio, nel pieno della sua felicità, a volte sembrava preso da una grande malinconia, che gli si disegnava sul volto, dove una lacrima recente aveva lasciato un solco profondo. Era indubbiamente il ricordo della separazione, quel dolore che affligge ogni cuore sensibile, a consumarlo in questo modo. Lui stava per lasciare la casa della sua padrona, dove se non felici, per lo meno non molto tristi, aveva passato i suoi primi anni di vita. Era il negro ad avere già nostalgia.

Lì c'era una donna schiava, negra come lui; ma buona e compassionevole, che gli aveva fatto da madre, mentre gli sorrideva quell'età allettante e felice, unica nella vita di un uomo che incide nel cuore segni d'amore - unica, il cui ricordo ci rallegra, e in cui...

Si chiama Susana, indossava una gonna di tessuto grezzo di cotone nero, il cui orlo le arrivava alla metà delle gambe magre, scarnite come tutto il suo corpo: aveva avvolto in testa un fazzoletto rosso e giallo, che le nascondeva a malapena i capelli bianchissimi.

Tulio le stava innanzi con le braccia conserte sul petto. Dalle sue sembianze traspariva un accenno di dolore represso a fatica sul volto, che ne denunciava il profondo rammarico.

L'anziana lasciò il fuso su cui filava, si alzò senza guardarlo, prese la pipa, la riempì di tabacco, l'accese, tirò qualche boccata di fumo, e di nuovo si mise a sedere: ma questa volta non riprese il fuso.

Poi fissò lo sguardo su Tulio, e gli disse:

— Dove vai, Tulio?

— Accompagno il signor Tancredo de *** — rispose l'interpellato.

— Accompanyare il signor Tancredo! — continuò l'anziana con aria severa — Sai che cosa fai? Tulio, Tulio! — Dopo una pausa, aggiunse: — Non ti manca questa casa, ingrato?

— No, mamma Susana, non chiamatemi ingrato. Quanta nostalgia ho di voi! Oh, solo Dio sa quanto mi pesa!

— Tu! — lei esclamò cercando di leggere nel profondo del suo cuore i sentimenti che lo animavano. — Tu non senti alcuna nostalgia. Tulio, se l'avessi, chi ti costringerebbe a lasciarci?

— La gratitudine — lui rispose con prontezza.

— La gratitudine? E non la devi a colei che ti ha fatto quasi da madre? Non la devi alla fanciulla? E perché le lasci? È che non senti nostalgia di loro.

— Oh, la sento, la sento, e molta, mamma Susana!

— Allora non cercare di andare con quell'uomo, che conosci a malapena! Guarda, poco fa ho visto una lacrima scendere dagli occhi di quella brava fanciulla; quella lacrima, credo che le sia stata strappata dal cuore alla notizia della tua partenza... E tu te ne vai! Quando tornerai qui?

— La nostra separazione, mi disse il signor Tancredo, sarà per breve tempo. Torno da voi, mamma Susana, e voi non vi lamenterete invano dei miei servizi.

— Voi! Rispose l'anziana amareggiata — Quella, figlio mio, non si lamenterà mai dei tuoi servizi; o io mi sbaglio, o tu mi darai l'ultimo addio!

— Tulio — continuò —, non sai quanto soffro quando mi ricordo che la nostra cara fanciulla rimarrà presto sola al mondo! Sola, Tulio! Chi la accompagnerà? Chi la potrà confortare? Io? No. Potrò restare ancora per poco in questo mondo. Figlio mio, penso sia un bene che tu non te ne vada. A cosa serve scambiare una cattività con un'altra! E tu sai se ti troverai meglio lì? Guarda, forse ti chiameranno ingrato, e io non dirò una sola parola per difenderti.

— Oh! su questo no, mamma Susana — rispose Tulio. — La signora Luiza B. è stata buona e affettuosa con me, il cielo la ricompensi per il bene che mi ha fatto, che io non dimenticherò mai e che mi ha risparmiato le più acerrime sofferenze della schiavitù, ma per quanto riguarda il giovane cavaliere, la mia sensazione, il mio sentimento è ben diverso; sì, molto diverso. Non scambio cattività per cattività, oh no! Scambio schiavitù per libertà, per ampia libertà! Vedete, mamma Susana, se la mia gratitudine debba proprio avere limiti: vedete se devo, o no, accompagnarlo, se devo, o no, dimostrargli la mia gratitudine fino alla morte!

— Tu! Tu, libero? Oh, non mi illudere! — Esclamò l'anziana africana sbarrando i grandi occhi. — Figlio mio, sei già libero?...

— Illudervi — rispose lui, ridendosela felice — e per che cosa? Mamma Susana, grazie alla generosa anima di questo giovane, oggi sono libero, libero come un uccello, come le acque; libero come eravate nella vostra patria.

Queste ultime parole risvegliarono nel cuore dell'anziana schiava un doloroso ricordo; emise un gemito di dolore, chinò la fronte, e con entrambe le mani si coprì gli occhi.

Tulio la guardò con attenzione; cominciava a comprendere i suoi pensieri.

— Non vi affliggete — disse. — A cosa servono queste lacrime? Oh, perdonatemi. Vi ho risvegliato un ricordo molto triste!

L'africana si asciugò il viso con le mani, e un secondo dopo esclamò:

— Sì, perché queste lacrime?... Dici bene! Sono inutili, Dio mio; ma è un tributo di nostalgia, a cui non posso rinunciare per tutto ciò che mi è stato caro! Libertà! Libertà... oh! ho goduto la mia giovinezza! — Continuò amaramente Susana. — Tulio,

figlio mio, nessuno l'ha vissuta più intensamente, non esisteva una donna più beata di me. Tranquilla nel grembo della felicità, guardavo sorgere il sole splendente e fiammeggiante nel mio paese, e, esaltata di piacere in quell'ora di primo mattino, quando tutto lì traspira amore; correvo lungo le spiagge spoglie e sabbiose, e lì con le mie giovani amiche, giocando allegramente, con il sorriso sulle labbra, la pace nel cuore, vagavamo alla ricerca delle mille conchiglie, che orlano le bianche sabbie di quelle vaste spiagge. Oh, figlio mio! Più tardi mi diedero in sposa a un uomo, che ho amato come la luce dei miei occhi, e come pegno di questa unione nacque una cara figlia, nella quale mi rivedevo, e nella quale avevo riversato tutto l'amore dell'anima mia. Una figlia che era la mia vita, le mie ambizioni, la mia suprema realizzazione, e che venne a suggellare la nostra così beata unione. E quel paese dei miei affetti, quell'amato marito, quell'amatissima figlia, oh, Tulio! Tutto questo mi costrinsero i barbari a lasciare! Oh, tutto, tutto perfino alla stessa libertà!

Era stremata dall'angoscia, il dolore le era ancora vivo, e le sopraffaceva il cuore.

— Oh, per carità! — esclamò il giovane negro, intenerito — sì, per carità, a cosa servono questi ricordi?

— Non uccidono, figlio mio. Se uccidessero, sarebbero morti molto tempo fa, perché vivono con me a tutte le ore.

Ti racconterò della mia cattività.

Era arrivato il tempo del raccolto, la pannocchia e l'igname e l'arachide si trovavano in abbondanza nelle nostre piantagioni. Era uno di quei giorni in cui la natura sembrava abbandonarsi a un languido piacere, era una mattina gioiosa e bella, come il viso di un bambino, eppure sentivo un peso enorme sul cuore. Sì, ero triste e non sapevo a cosa attribuire la mia tristezza. Era la prima volta che mi affliggeva un dolore così incomprensibile. Mia figlia mi sorrideva, lei era amabile, e nella sua innocenza assomigliava a un angelo. Maledetta me! L'ho lasciata tra le braccia di mia madre, e sono andata nelle piantagioni a raccogliere pannocchie. Oh!, non l'avrei mai più rivista!...

Ancora non avevo percorso un centinaio di metri di sentiero, quando un fischio, che echeggiò nella foresta, venne ad avvertirmi dell'imminente pericolo che lì mi attendeva. E improvvisamente apparvero due uomini, che mi legarono con delle corde. Ero una prigioniera, ero una schiava! Invano ho implorato nel nome di mia figlia, che la mia libertà mi fosse restituita: i barbari sorridevano dinnanzi alle mie lacrime, e mi guardavano senza compassione. Credevo di impazzire, credevo di morire, ma non era possibile... La sorte mi avrebbe riservato ancora lunghe battaglie. Quando mi hanno strappato da quei luoghi, dove tutto è rimasto — patria, marito, madre e figlia, e libertà! Dio mio, che cosa è accaduto nel profondo della mia anima, solo voi lo potreste valutare!

Mi hanno buttato, insieme a più di trecento compagni di sventura e di cattività, nella stiva stretta e putrescente di una nave.

Trenta giorni di crudeli tormenti, e di assoluta mancanza di tutto quanto di più necessario è alla vita passammo in quella tomba, finché ci avvicinammo alle spiagge brasiliane. Per far entrare la merce umana nella stiva, siamo stati legati in piedi, e, in modo che non ci fosse possibilità di ribellione, incatenati come le bestie feroci

delle nostre foreste, che vengono portate per divertimento ai potentati d'Europa; ci davano acqua sporca e marcia, data con meschinità, il cibo cattivo e ancora più sporco; abbiamo visto morire al nostro fianco molti compagni per la mancanza di aria, di cibo e di acqua. È orribile ricordare che creature umane trattino i loro simili in questo modo, e che la loro coscienza non ne rimanga minimamente turbata, nel portarli alla tomba asfissati e affamati!

Molti non si lasciavano arrivare a quest'ultimo estremo — si consegnavano alla morte.

Negli ultimi due anni non c'era più cibo. I più sofferenti iniziarono a invocare: Dio Grande! Dal boccaporto ci hanno lanciato addosso acqua e pece bollente, che ci ha ustionato e consegnato a morte i capi rivolta.

Il dolore della perdita della patria, dei propri cari, della libertà è stato soffocato in questo viaggio dall'orrore nella costanza di tali atrocità.

Non so ancora come ho fatto a resistere — è che Dio ha voluto risparmiarmi per mettere alla prova la pazienza di una sua serva con i nuovi tormenti che qui mi aspettavano.

Il commendatore P. è stato il signore che mi ha scelto. Cuore di tigre è il suo! Mi sono inorridita per l'aspetto dei miei fratelli... i trattamenti che hanno subito, mi hanno ferito nel profondo del cuore! Il commendatore P. versava, senza inorridirsi, il sangue dei disgraziati negri per una lieve negligenza, per un obbligo male adempiuto, per la mancanza di intelligenza! E io ho sofferto con rassegnazione tutti i trattamenti che venivano inflitti ai miei fratelli e così duri come quelli che sentivano loro. E anch'io li ho sofferti, come loro, e a volte con maggiore crudele ingiustizia.

Poco dopo si sposò la signora Luisa B., e ancora la stessa sorte: suo marito era un uomo cattivo, e io ho sopportato in silenzio il peso del suo rigore.

E lei piangeva, perché la durezza di suo marito verso i miseri schiavi le feriva l'anima, ma lui li vedeva spirare sotto i flagelli più crudeli, le torture con gli schiaccia pollici, il ceppo e altri strumenti della sua malvagità, oppure nelle carceri dove li seppellivano vivi, dove marchiati con i ferri come assassini malevoli finivano la loro esistenza, maledicendo la schiavitù, e tante volte quello stesso cielo!

Il signor Paulo B. è morto, e sua moglie e sua figlia hanno cercato con la loro estrema bontà di farci dimenticare le nostre disgrazie passate! Tulio, figlio mio, io le amo con tutto il mio cuore, e le ringrazio: ma il dolore che ho nel cuore, solo la morte lo potrà cancellare! — Mio marito, mia figlia, la mia terra, la mia libertà..

E poi lei tacque, e le lacrime, che le bagnavano il viso rugoso, scivolavano a terra.

Tulio si inginocchiò rispettosamente davanti ad un sentimento così profondo: prese le mani rinsecchite e rugose dell'africana, e posò su di esse un bacio.

L'anziana lo sentì, e due lacrime di sincera tenerezza le scesero sul viso: alzò allora i suoi occhi rossi di pianto, e gli tolse delicatamente la mano. E, sollevandola sopra la testa del giovane negro, gli disse commossa di gratitudine:

— Vai, figlio mio! Che il Signore guidi i tuoi passi, e ti benedica, come io benedico te.

La Regina dell'Ignoto

Emilia Freitas

Traduzione di Silvia La Regina

CAPITOLO XXVIII

Una riunione di massoneria femminile nella sala della nebbia

Batteva la mezzanotte sull'orologio della torre a guglia del palazzo della Regina dell'Ignoto, quando il dottor Edmundo, fingendosi Odete, si sedette al suo posto, e davanti ai suoi occhi apparve un vero miracolo dell'arte!

Le pareti del grande salone imitavano perfettamente le spume o le nebbie che circondano una nave in alto mare.

Il mosaico di piastrelle rappresentava l'oceano dolce e calmo, e il soffitto imitava il cielo leggermente azzurrognolo e nuvoloso, facendo intravedere la luna che diffondeva una luce soffusa commista di poesia e nostalgia.

La nuova Odete, sotto la maschera, spalancava gli occhi spalancati per scorgere i volti di un centinaio di donne, delle quali, a giudicare dalle loro apparenze, le più giovani avranno avuto ventiquattro anni e le meno giovani quaranta. E tra loro ce n'erano alcune mirabilmente belle!

Il trono della Regina dell'Ignoto era una specie di collinetta, le cui sabbie bianche parevano argentate dalla luce della luna. Su quel dosso artificiale c'era un'enorme conchiglia su cui sedeva la misteriosa sovrana con una corona d'alloro e con in mano una lira d'avorio dalle corde d'oro!

Si scorgevano, sparse nella nebbia, piccole imbarcazioni a forma di cigni, piene di paladine che impugnavano i remi.

Tra i vari gruppi che riempivano la sala, e che non si potevano cogliere con un'unica occhiata, spiccavano quelle dell'orchestra: erano vestite di raso verde, e i loro capelli erano intessuti di lucciole.

Una di loro sedeva al pianoforte in attesa che la direttrice d'orchestra desse il segnale, mentre altre, reggendo arpe, flauti e violini, la guardavano in attesa.

La musica finalmente irruppe, accompagnando un inno la cui bellezza estasiava! Sembrava salire e scendere sulla scala cromatica di tutti i toni maggiori e minori: ora era dolce e malinconica come la voce del sentimento in una ballata d'amore! a volte felice e vivace come il piacere travolgente della folle felicità! e si concluse con entusiasmo guerriero!

Il silenzio si fece così profondo che si sarebbe potuto sentire il battito delle ali di un insetto!

La segretaria disse:

— Sorelle nella fede, sorelle nell'esilio, la sovrana dell'Ignoto, la musa della Nebbia, vi fa sapere che quella di oggi non è la seduta ordinaria, limitata alle cerimonie della legge, ma è una seduta libera, straordinaria, nella quale ella desidera dire qualche parola a molte delle sue paladine. Nel giro di tre giorni ci muoveremo verso gli assalti del bene, combatteremo l'ingiustizia, proteggeremo i deboli contro i forti, entreremo nelle carceri per curare gli infermi, ci getteremo tra le onde per salvare i naufraghi e ci scaglieremo nel fuoco per strappargli le vittime! Coei che non è pronta a perdere la vita per la fede che ha giurato può firmare col proprio nome nel libro della codardia.

E indicò un grande libro, a forma di pipistrello, con le foglie nere, che era aperto su un tavolo, al centro della stanza.

Nessuna si fece avanti verso il libro, e quindi la segretaria della società disse:

— Venga il primo ordine, le paladine il cui motto è: Sottomissione e Volontà.

Si fecero avanti diversi gruppi di tredici ciascuno, ma solo una di loro era del tredicesimo grado: era una giovane bionda con languidi occhi azzurri che prese l'iniziativa e si inchinò davanti alla regina.

— Avete per voi stesse o per le vostre compagne, ella disse, qualche lamentela da farmi o qualche grazia da implorarmi?

— La grazia che devo chiedere per me e per le mie compagne, rispose, è di continuare a servirvi per tutta la nostra vita.

— Tornate, disse gentilmente la regina, e lavorate per meritare il primo grado del secondo ordine: Lavoro e Coraggio.

Venne avanti il secondo, diviso in gruppi di dieci, ciascuno organizzato dal primo al decimo grado, che spettava alla maestra del mestiere o dell'impresa in cui si impegnavano, a seconda del merito.

Il dottor Edmundo riconobbe immediatamente la barcaiola e la nordamericana macchinista della ferrovia sotterranea.

Il grado più alto di quest'ordine era quello dell'ingegnere—direttrice della ferrovia e delle fabbriche, anch'ella nordamericana, bassa e grassa, assai rossa in volto e già anziana, che parlò in inglese:

— *God save the Queen of the meadows. I am grateful for your kindness. You are adored by your people, and I am the representer of the fidelity of the servants Queen's.*

La regina rispose nella stessa lingua:

— *I thank you, Constance Herriel, you are a favorite of mine's.*

Venne il terzo ordine, composto dall'esercito di terra e di mare, che portava sulla sua bandiera "Audacia e Ingegno".

A capo di una divisione c'era la Generalissima Marta Vieira, quella bella ragazza di cui Probo aveva parlato nel suo racconto; comandava le marinaie Inês Racy, con il titolo di ammiraglia.

Le paladine di questa divisione vestivano alla turca, dell'altra all'indiana: c'erano tutti i gradi dell'esercito e della marina dei paesi civili, con la differenza che non erano stati conquistati né con scelleratezza né con inutile spargimento di sangue; le promozioni si ottenevano asciugando lacrime, salvando vite, sventando piani mortiferi, evitando delitti: erano quelli che chiamavano gli assalti del bene.

— L'attrezzatura è pronta, Inês Racy? — chiese la Regina d'Ignoto.

— Per avanzare domani, o ora stesso, se Vostra Bontà lo ordina — rispose Inês.

Si presentò il quarto ordine, con il motto Luce e Prudenza: erano le amanti delle Lettere e delle Belle Arti, guidati dalla direttrice d'orchestra Angelina Dolce; ella si inchinò davanti alla regina, che le disse, commossa e tenera:

— Venite, voglio chiedervi del vostro conservatorio, ditemi: quali sono le scuole più seguite dalle vostre allieve?

— Per il canto, l'Italiana, che è la signora della melodia; per eseguire la parte strumentale studiano l'armonia dei maestri tedeschi e anche dei francesi.

— Chiamate una delle vostre studentesse, voglio interrogarla.

Angelina Dolce fece un gesto e si avvicinò una giovane assai esile, bruna e dal volto comune: i suoi modi timidi e gli occhi bassi le davano l'aria di una scolaretta di un convento o di una casa di carità.

— È la migliore allieva? — chiese la regina.

— È stato un atto di vanità mia, perdonatemi, volevo che Vostra Bontà interrogasse l'allieva che è più indietro di tutte, perché le conoscete già tutte nel canto e nell'esecuzione.

— Buona idea. Andiamo, Otilia, quali sono i più importanti compositori della vecchia Scuola Italiana?

— Cimarosa, Cherubine [sic], Rossini, Donizetti, Bellini e Verdi, rispose Otilia senza alzare gli occhi.

— E quanto alla Scuola Tedesca, quali sono le figure di cui essa va fiera?

— Mozart, Haydn, Hasse, Haendel, Weber e molti altri che non ho ancora studiato.

— Basta, fanciulla, sono soddisfatta, disse la Regina dell'Ignoto. — La musica è una cosa divina! Risale alla creazione del mondo, e dicono che avvenga in essa come nella Poesia e Pittura: non c'è passione o sentimento che non essa non possa esprimere. Oh! Quanto velocemente ci fa passare da un sentimento all'altro! Per calmare i movimenti impetuosi di un petto in fiamme bastano i suoni armonici di uno strumento. Praticata dai popoli selvaggi, attrae anche gli stessi animali. Quante volte lenisce il dolore fisico, e la sua efficacia placa anche le affezioni morali!

Rifletté un attimo, con la mano appoggiata sulle corde della lira, e poi suonò la musica della canzone che attrasse il dottor Edmundo, a tarda notte lungo il fiume Jaguaribe.

Rose piovvero da ogni parte, spargendo al suolo i loro petali.

Quando la regina ebbe finito, si presentò un gruppo di quindici paladine: erano le pittrici; venivano usando berretto e grembiule, con i pennelli in mano, compresa la maestra Olga de Lemos, che si avvicinò e disse:

— Siamo venute a presentare l'elenco dei nostri lavori.

— Quali sono i vostri dipinti ad olio? — chiese la Regina dell'Ignoto.

— Sono i ritratti dei traditori dell'amore puro e sincero, dipinti da coloro che oggi entreranno nella gilda delle Paladine nella Nebbia.

— Fate portare questi dipinti e fateli porre nelle nebbie.

Si udì un fischio e apparve all'improvviso un gruppo di donne, anch'esse con berretto e grembiule, che portarono i quadri e li appesero alla parete a un metro di altezza.

Dappertutto si udì un brusio!

La tromba risuonò, il tamburo rullò e al segnale di far fuoco una ufficiale sguainò la spada e disse:

— Brandite i pugnali e trafiggete il petto dei nemici... — e indicò i ritratti.

Scintillarono lame d'oro e una schiera di paladine, con la divisa del primo grado del primo ordine, venne avanti brandendo i pugnali; ma, prima di piantarli nei quadri, molte caddero in ginocchio singhiozzando, e alcune svennero, e furono presto portate via.

Finito questo singolare combattimento, risuonò, come una campana a morto, una cavatina sorda e triste.

Avvenne una vera eclissi della luna che illuminava la sala delle Nebbie.

L'oscurità invase gradualmente quel vasto spazio e si fece un silenzio mortale.

Il dottor Edmundo, travestito da Odete, non si muoveva; era a bocca aperta! e aveva paura di impazzire!

Non provò ad andarsene da lì, perché non sapeva dove fossero le uscite. E poi diffidava di Probo e temeva che fosse una trappola; non sapeva cosa fare per scappare o nascondersi; ma presto udì la voce del cacciatore di giaguari che gli disse all'orecchio

— Venite, vi porto nella stanza che era di Odete.

Erano le quattro del mattino.

Il Fallimento

Júlia Lopes de Almeida

Traduzione di Monalisa Teixeira

CAPITOLO I

Rio de Janeiro ardeva sotto il sole di dicembre, che arroventava le pietre e soffiava nell'atmosfera un'aria da fornace. Tutta la via de S. Bento, ingombra di veicoli pesanti e fragorosi, odorava di caffè crudo. Era l'ora del lavoro.

Tra il fragore delle ferraglie scosse, il giro minaccioso delle ruote e i balzi degli animali trattiene da mani rozze, la folla nereggiava, sudata, compatta e ansimante.

Alla porta del magazzino di Francisco Teodoro quel giorno il movimento era intenso. Un carrettiere, in piedi sul carro dove sistemava i sacchi, gridava furioso, rivolgendosi verso il fondo nero della casa:

— Muovetevi, che alle undici devo essere alle Banchine!

E i facchini arrivavano, uno dopo l'altro, con una fretta allucinata, lanciando i sacchi sul fondo del carro e sollevando, con ogni colpo, nuvole di polvere che li avvolgevano. Alcuni erano bianchi, con petti pelosi appena coperti da magliette di cotone sporco e stropicciato; altri erano neri, a torso nudo, lucenti di sudore, con occhi spalancati.

All'odore del caffè si mescolava quello del sudore di quei corpi agitati, il cui sangue si vedeva pulsare nelle vene tumefatte del collo e delle braccia.

Nella fretta disperata, il carrettiere urlava imprecazioni, furioso contro gli altri carrettieri che passavano raschiando la cassa del carro, sfiancato dal carico dei sacchi, respirando la polvere che si sollevava da essi. Gli altri rispondevano con insulti simili, che i vetturini delle carrozze, costretti ad aspettare, ascoltavano ridendo e masticando una sigaretta. I facchini serpeggiavano sinuosi in mezzo a tutto quel caos, come formiche in marcia, con la testa piegata sotto il peso del sacco, sfiorando i fianchi lucidi dei muli. I passanti, ogni tanto, si rifugiavano velocemente in qualche porta aperta, temendo di essere schiacciati dalle ruote che invadevano i marciapiedi, per poi ruzzolare rumorosamente sui ciottoli della strada.

Qua e là, vecchie donnine nere, con un fazzoletto bianco annodato sulla testa, spazzavano agilmente con una scopa di paglia i chicchi di caffè sparsi a terra. Con la stessa sveltezza li setacciavano subito in una piccola bacinella di rame, con il fondo traforato. Era il loro affare, reso prospero da quei giorni di abbondanza.

Si arricchivano con le dovizie.

Così, in tutta la strada, non si vedevano che braccia in movimento, gambe in moto, voci che si confondevano, tra imprecazioni, risate trionfanti e gemiti di fatica, in un'orchestra rumorosa e disarmonica.

A parte le africane del caffè e qualche italiana che osava uscire da una fabbrica di sacchi portandone una dozzina sulla testa, nessun'altra donna calpestava quelle pietre, abituate solo al peso bruto.

Lì dominavano il lavoro virile, la forza fisica, mossa da muscoli d'acciaio e da petti decisi a guadagnarsi la vita duramente. E quei corpi di atleti e quelle voci che risuonavano alte, come squilli di un clarinetto di guerra, davano alla vecchia strada il pulsare del sangue vivo e giovane, che scorre sempre con vigore e impeto.

Da altre strade scendeva quella ondata calda e ansimante di lavoro; veniva dalla via dos Beneditinos e dai magazzini della via Municipal, tutti stracolmi di caffè, che scaricavano in abbondanza nei depositi e alle Banchine, per riempirsi subito di nuovo avidamente.

Su qualche soglia, lavoratori si sedevano per riposare un momento, con i gomiti appoggiati alle ginocchia piegate, sputando il tabacco delle sigarette, assaporando una boccata di fumo e guardando con indifferenza quella folla che passava, agitata e frenetica, nell'ansia della vita, in un vortice di polvere e urla.

Di tanto in tanto, gruppi di ragazzini, per lo più italiani, comparivano agli angoli e percorrevano tutto il quartiere ridendo a crepapelle, riempiendosi le tasche con il caffè delle vecchie africane, i cui strilli di protesta si perdevano soffocati dal rumore caotico della strada.

Dentro i magazzini, la stessa frenesia.

In quello di Francisco Teodoro non c'era tregua. Il primo commesso, il signor Joaquim, un uomo di carnagione olivastria, chiazzato dal vaiolo, con occhi infossati e zigomi sporgenti, gesticolava in maniche di camicia, affrettando i facchini trafelati.

Alla porta, un caposquadra mulatto perforava ogni sacco con uno strumento tubolare di acciaio e ottone, facendo uscire una manciata di chicchi dall'apertura. I facchini rallentavano appena il passo durante questa operazione, e il caffè cadeva tintinnando sulla soglia.

In fondo, un ragazzino magro e giallastro, Ribas, segnava su un quaderno il numero di sacchi trasportati, vicino alla scala a pioli su cui i facchini salivano per prendere i sacchi in cima alle pile, correndo poi sull'asfalto consunto e annerito del pavimento.

Tutto veniva fatto con urgenza, costretto dal grande movimento.

Un soffio ardente di vita, una folata di incendio, soffiata da cento uomini affanosì all'unisono nella febbre dell'ambizione, attraversava tutto quell'ampio magazzino nero, senza finestre, fiancheggiato da sacchi sovrapposti e adornato nelle travi sporche del soffitto da un'infinità di ragnatele intrecciate, simili a lunghe frange vischiose di crepe russo.

Ogni tanto, un rumore di cascata risuonava all'interno del magazzino. Era il caffè, che veniva insaccato nell'area sul fondo e che, cadendo dalle pale, sprigionava una polvere sottile e un odore violento.

Fuori, frustate fendevano l'aria con schiocchi, e maledizioni irrompevano alte, in un suono confuso in cui voci umane e ruote dei veicoli si amalgamavano con il calpestio delle zampe degli animali.

Alcuni facchini, esausti, si fermavano un attimo, asciugando il sudore, ma subito riprendevano a correre, richiamati dallo sguardo del signor Joaquim, che andava e veniva, molto indaffarato, tirandosi su i pantaloni che gli scivolavano dai fianchi magri. — Sbrigatevi! Sbrigatevi! Oggi abbiamo molto da fare!

Era il suo ritornello.

E c'era sempre molto da fare in quella casa, una delle più grandi nel commercio del caffè. Si sarebbe detto che il denaro avesse imparato da solo la strada verso le sue casse, correndo verso di esse senza sosta.

Accanto al magazzino, comunicando con esso attraverso una porticina stretta, si trovavano, a sinistra, un corridoio e una scala che conducevano all'ufficio sopra, al primo piano.

In una sala ampia, quadrata, con mobili vecchi e pareti rivestite di carta economica, Senra, il contabile, scriveva in piedi, accanto alla scrivania collocata al centro. Ad un altro tavolo lavoravano due assistenti: uno era il vecchio Mota, dal sorriso amabile e dai modi sottomessi; l'altro, un giovane bilioso con un pizzetto nero, mal piantato su un mento squadrato.

In quella sala il lavoro era silenzioso. Le penne non si fermavano, concedendo appena il tempo alle mani di sfogliare i libri e i vari documenti.

Si pronunciavano frasi senza alzare gli occhi dalla scrittura, e le domande venivano risposte solo con monosillabi.

In un angolo, su un robusto tavolino tra una finestra e il muro, si trovava la pressa per copiare; nell'altro angolo, su un alto banco di legno dipinto, c'era la caraffa del filtro, ormai annerita dall'uso. Sulle pareti, file di cartelle a molla, etichettate, piene di conti, ricevute e lettere da rispondere. Sul fondo, tra la caraffa e il corridoio d'ingresso, si apriva una finestra che dava sul buio del magazzino, sotto una stretta lucernaia da cui entrava poca luce.

Era in uno studio adiacente, con una finestra sulla strada e la stessa avarizia di mobilia, che il proprietario della casa scriveva la sua corrispondenza, comodamente seduto su una larga poltrona con braccioli.

Lì si trovava, finendo di sigillare una lettera. Tutto nel suo aspetto emanava abbondanza e l'orgoglio di chi è uscito vincitore da una lotta ostinata.

Grasso, calvo, con una barba grigia ben tagliata che incorniciava un viso chiaro, occhi azzurri tranquilli e denti piccoli e bianchi, aveva l'aria di un borghese soddisfatto.

Non era alto, ma quando camminava faceva tremare la casa, tanta era la solidità dei suoi passi pesanti. Uno o l'altro impiegato ogni tanto si avvicinava per porgli una domanda, alla quale lui rispondeva con pazienza, spiegando tutto chiaramente e con minuzia, per evitare qualsiasi confusione.

Francisco Teodoro, seduto alla sua ampia scrivania in legno di peroba, aveva di fronte a sé la cassaforte di ferro, con chiavistelli e serrature aperte.

Aveva l'abitudine, ormai divenuta un tic, di rigirare con la mano corta e robusta le monete e le chiavi che teneva nella tasca destra dei pantaloni. All'inizio della

sua vita, segnata dal duro lavoro e da un'economia rigida, quel gesto aveva forse un'intenzione precisa; ora era un atto meccanico, privo di ogni pensiero di avarizia o di orgoglio di possesso.

Dopo molte ore di lavoro febbrile e senza sosta, arrivava il momento della pausa, l'ora del caffè, che un giovane mulatto, Isidoro, portava prima nell'ufficio e poi serviva agli impiegati del magazzino.

Gli scalini consumati della scala scricchiolavano allora sotto il peso di un commissario vicino: João Ramos, e dell'insaccatore Lemos della via dos Beneditinos, Negreiros della via das Violas e Inocêncio Braga, recentemente associato al gruppo. Alle due, si riunivano sempre lì per sorseggiare il caffè, riposando il corpo e alleggerendo lo spirito con conversazioni di loro interesse e gradimento.

Quel giorno erano già passate le due quando i negozianti fecero la loro comparsa.

Francisco Teodoro si alzò e batté i piedi a terra, lisciandosi i pantaloni.

— Amico! Avete tardato...

— Colpa del Lemos...

E poi:

— Hai la casa piena di attività!

— Sto esportando molto caffè!

— Fortunato! Approfittane, il momento è davvero propizio!

Correva l'anno del 1891, quando il prezzo del caffè aveva raggiunto proporzioni straordinarie. Il commercio cresceva, e anche le piccole aziende facevano rapidi balzi verso posizioni di rilievo.

— Quello che ti invidio, disse Ramos, l'unico che osava dare del tu a Teodoro, non è la fortuna, ma la mulatta che ti stira le camicie!

Gli altri risero, guardando il candido e lucido pettorale del padrone di casa, che assaporava il caffè con aria soddisfatta, in piedi, tenendo il piattino ben distante dal corpo, appoggiato sulla punta delle dita.

— Non male questa battuta, ribatté Lemos, il commendatore della Beneficenza, arricciando il piccolo naso, sommerso tra due guance paffute, come quelle di un bimbo.

Dopo una risata fioca e stonata, si sentì la vocina acuta di Inocêncio, che si rivolse a Teodoro:

— Il Suo vicino Gama Torres ha davvero costruito una gran casa da un giorno all'altro, vero?

— Amico, è davvero così?!

— Sì... ne ho le prove. In fin dei conti, l'ho un po' ispirato io in quell'affare...

Tutti fissarono Inocêncio Braga. Era un uomo piccolino, magro, con occhi neri e febbrili e un sottile baffo castano, quasi impercettibile.

— Mi riesce difficile credere a questi miracoli... osservò Teodoro, posando la tazza sul vassoio che Isidoro gli porgeva.

— Lo garantisco; questione di audacia. Ha stimato un rialzo, ha riempito il magazzino e ha aspettato l'occasione giusta. Suo suocero l'ha aiutato, è ovvio...

— Non ha considerato le conseguenze di un eventuale ribasso.

— Chi parla di ribasso?! Ti dico solo che il commercio di Rio de Janeiro sarebbe il migliore al mondo se ci fossero più uomini come lui. Signori, l'audacia aiuta la fortuna. Ricordate, un buon commerciante non è chi lavora come un nero e segue la routine dei suoi avi analfabeti. Il commerciante moderno agisce più con lo spirito che con le braccia e allarga i propri orizzonti attraverso le nobili conquiste del pensiero e del calcolo. Torres è di buona stoffa; è uno di questi. Conosco gli uomini.

Tutti guardavano Inocêncio con un certo rispetto, riconoscendogli una superiorità intellettuale.

— Gama Torres aveva fiuto, eccome, — sentenziò Lemos.

E subito Inocêncio aggiunse:

— Anche lui è destinato a diventare il nostro Rothschild!

Teodoro aggrottò le sopracciglia. Essere il primo commerciante, il più abile, il più forte, era sempre stato il suo sogno... Voltandosi, interrogò gli altri, chiedendo dettagli su quell'affare favoloso. Il momento favoriva le speculazioni, e lui meditava sulla questione, accarezzandosi la barba grigia, corta e aderente alle guance rotonde e morbide.

Negreiros, dopo aver girato per la stanza e infilato nella porta dell'ufficio il suo naso enorme e arcuato, si rivolse agli altri, dicendo a mezza voce:

— Accidenti! Non riesco ad abituarvi a vedere quel vecchio come aiutante contabile!

— Che ci vuoi fare? — mormorò Teodoro. — Matos ha interceduto per lui, e alla fine si è rivelato una buona acquisizione. Ha più bisogno dei giovani e, dato che fa bene il suo lavoro, non penso a sostituirlo. È assiduo.

— Un altro strano tipo che hai qui è Joaquim, giù nel magazzino... nessuno direbbe che sia lo stesso, fuori di qui...

— Molto amante del carnevale e invischiato con le dame, eh? Che si diverta pure, qui lavora come nessuno. È un asso: mi fa stare tranquillo.

— Ho sentito dire che sta per sposare Delfina del Recreio...

— Sciocchezze! È un ragazzo serio.

— Non è mica stupido, — borbottò Negreiros, cercando il cappello.

Anche Inocêncio si congedò; doveva fare un salto da Torres. Gli impegni erano così tanti che a malapena aveva il tempo di ingoiare il caffè. Quando uscì, gli altri si guardarono interrogativamente. Il commendatore Lemos sentenziò:

— Quel Inocêncio è un furbacchione! È qui, è direttore della banca. Non mi sorprenderebbe se Torres fosse stato spinto da lui... Ha una parlantina! — E sa appoggiarsi alle persone giuste. Barros gli ha dato delle belle commissioni, e non è un caso che ora cerchi tanto Torres... Si inserisce sempre nel giro migliore. Non è arrivato dal Portogallo come noi, senza bagagli e puzzando di legno di pino; lui è arrivato con guanti e calze di seta... Il mascalzone!

— Sono quelli che fanno naufragio...

— Quando non vengono a cacciare e non hanno l'abilità che lui dimostra. Canta come un uccello per attirare le persone!

— E una mente superiore! — sospirò Ramos, tirandosi il gilet sopra la pancia rotonda con entrambe le mani. Poi, sprofondandosi nel piccolo divano austriaco,

ebbe una punta di critica verso le cose di questo Paese: il governo era debole, il popolo indisciplinato, la città insalubre.

Quella stessa mattina, vedendo sfilare un plotone di soldati senza ritmo né ordine, si era ricordato di come marciavano i soldati della sua patria. Le uniformi erano più belle, i metalli più lucenti, i passi perfettamente sincronizzati, uno—due, uno—due; era un piacere vederli. Ma qui, tutto sembrava allo stesso modo trascurato.

La maledetta Repubblica avrebbe finito di rovinare tutto. Vedremo.

Solo alla fine si informarono delle famiglie.

— A proposito, — chiese Ramos a Teodoro, — quella ragazza che suonerà il violino al concerto per i poveri è tua figlia?

— Quale concerto?

— Quello di domani al Casinò. Mia moglie l'ha letto su un giornale...

— Può essere... sono cose che riguardano sua madre. La piccola ha un grande talento; persino il maestro si stupisce.

— Ed è bella! L'ho vista l'altro giorno, — osservò Lemos.

— No, non ancora! Per ora non si può paragonare a sua madre... — protestò Francisco Teodoro con sincerità e un certo orgoglio.

Gli altri sorrisero.

— Ecco, Lei ha proprio tutto. Fortunato in tutto, questo diavolo! Ci fu una pausa.

— In effetti, — insistette Francisco Teodoro, — Gama Torres ha fatto un colpo grosso. Ma guardate, non avrei mai puntato su di lui: un brasiliano mingherlino...

— E ha iniziato solo pochi giorni fa!

— Tra l'altro, sembrava timido... riservato...

— Ma quale timido! L'ho conosciuto commesso da Leite Bastos. È sempre stato intraprendente; ecco la prova: ha costruito un palazzo in un giorno. Do ragione a Inocêncio: è destinato a diventare il nostro Rothschild...

— Vedete un po', — borbottò Lemos con il doppio mento tremolante e un luccichio di cupidigia negli occhi castani, — volevo fare lo stesso affare, ma il mio socio è pauroso e: "no, no, no, meglio aspettare..." Ecco il risultato!

— Hai fatto bene, sei stato prudente! Lasciate parlare Inocêncio. Signori, il commercio di Rio de Janeiro è onesto e non è andato male con il suo sistema, osservò Teodoro.

— Sì, ma Inocêncio vede le cose dall'esterno, per questo dice il contrario. Chiama il commercio di Rio de Janeiro ignorante e sporco.

— Sporco?! — urlarono gli altri, indignati.

— Sporco, — confermò Ramos con solennità.

— Accetto tutto il resto, ma "sporco" non lo mando giù, — osservò dal suo angolo Lemos, l'obeso.

Ramos si trattenne dal rispondere: "perché gli animali della stessa specie non si divorano tra loro". Confessava, tuttavia, di essere affascinato dalle osservazioni di Inocêncio. Che talento!

— Ma, in fin dei conti, cosa vuole Inocêncio?! — chiese Teodoro, in piedi, incrociando le braccia sul gilet bianco di fustagno.

– Vorrebbe... pensava di trovare qui un mercato più sviluppato, transazioni più consistenti, aziende di maggiore rilievo. Dice che non abbiamo saputo sfruttare i venti favorevoli. Che lavoriamo solo con il corpo. Non l'hai sentito?

– E con cosa diavolo vorrebbe che lavorassimo?

– Con l'intelligenza. È chiaro. E lui spiegò bene la cosa. Il nostro commercio è composto da gente senza istruzione, proveniente da piccoli villaggi... lo, per quanto mi riguarda, confesso di aver frequentato solo pochi mesi scarsi di scuola! Ho preso tante botte e non ho imparato nulla.

Ci fu un breve silenzio, durante il quale negli occhi di tutti passò la nostalgica visione di una scuola rudimentale, in un angolo tranquillo di un villaggio. Dopo un sospiro, Teodoro concluse:

– Che vengano qui i dottori con le loro teorie e modernismi, e vedremo che caduta farà tutto questo!

Si guardarono tra loro. La verità è che tutti loro provavano un sovrano disprezzo per le classi intellettuali. Ne seguì un sorrisetto dal significato eloquente.

Ancora un po' di chiacchiere sul cambio, sulle transazioni di borsa e su argomenti letti nel *Jornal do Comércio* del giorno riempirono un quarto d'ora, che passò rapidamente. Infine, se ne andarono parlando ad alta voce, dicendo che quella casa profumava di denaro.

Francisco Teodoro scese per fare un giro nel magazzino. Vedendolo di sotto, Joaquim accorse subito, pulendosi con la lingua i baffi bagnati di caffè, per dare informazioni.

– Stiamo aspettando il caffè di Simas. Il carro è già vicino, ma si è incastrato tra i carri di Gama Torres. È uno sproposito il caffè che quel magazzino sta inghiottendo.

– Lo so già... bene. Hai mandato i conti sopra?

L'altro dissimulò un moto di fastidio e rispose appena:

– Sì, signore. Poi gridò verso il fondo:

– Ribas!

Ribas si incrociò con Francisco Teodoro, che si diresse verso l'area per vedere l'insaccamento del caffè. La gente del magazzino ce l'aveva con quella dell'ufficio: valorizzava i propri servizi, sminuendo quelli degli altri. Il signor Joaquim si considerava il miglior dipendente della casa e amava mostrare le sue pretese. I commessi lo temevano, ma il personale dell'ufficio lo trattava con una certa superiorità, che lui non perdonava.

Il vecchio Mota, assistente contabile, era ancora l'unico a rivolgergli amabilità e cortesie; ma, anche in questo, il sig. Joaquim vedeva un'adulazione. Di certo, il vecchio pensava solo a rifilargli la figlia, che languiva nei suoi trent'anni in una casetta della via Funda.

Francisco Teodoro si trattenne un po' nell'area a osservare l'insaccamento. Gli venne in mente il tempo degli schiavi, quando quel lavoro era svolto esclusivamente dai neri della nazione, con il loro triste canto, africano. Era più bello. Le pale andavano avanti e indietro cantando, in un ritmo ben cadenzato, sempre seguito dalla voce: eh, eh! eh, eh!

E ora si vedeva a malapena un nero in quel servizio! E ancora c'è chi pensa che le cose cambino lentamente! Chicchi di caffè rotolavano per terra, come perline di cemento, e nell'atmosfera carica si respirava a fatica.

Francisco Teodoro tornò indietro. Il carro era già alla porta e i caricatori si muovevano nelle loro corse ansimanti. Stava per salire, quando fu avvicinato da un proprietario di deposito, Neves, che, vedendolo dalla strada, entrò per chiedergli la clientela, aggiungendo per stimolarlo:

— Proprio adesso vengo dal Suo vicino, Gama Torres, che mi ha mandato al deposito un numero spaventoso di sacchi!

Il movimento del magazzino li interrompeva di tanto in tanto. Francisco Teodoro rispondeva a malapena, distratto da pensieri rivolti altrove.

Pensava a Gama Torres, di cui tutti parlavano con elogio e stupore. Quello è destinato a diventare il primo uomo della piazza, gli aveva detto Inocêncio, e Inocêncio era un uomo di buon fiuto e di successo certo in tutte le sue previsioni... Ma quel ruolo, di finanziere e commerciante forte tra i più forti, era stato l'ideale di tutta la sua lunga vita di fatiche, sottomissioni e amarezze! Sarebbe stato giusto che l'altro, con un balzo, erigesse un edificio più alto e glorioso del suo, cementato con lacrime, sacrifici, tanti anni di sforzi e di lavoro?

Francisco Teodoro si congedò da Neves senza incoraggiarlo, stringendogli la mano debolmente, e salì verso l'ufficio. Sulle scale incontrò il mulatto Isidoro, con una scopa in mano.

— Attento!... non toglietemi le ragnatele dal magazzino...

— No, signore! So bene che portano fortuna...

Francisco Teodoro si trattenne un momento nell'ufficio e poi entrò nel suo gabinetto. Fuori, il sole arrossava le facciate brutte e disuguali delle case di fronte. Vecchie pareti riverniciate, altre con crepe nell'intonaco, custodivano i loro segreti e le loro fortune.

Un alito ardente d'estate pervadeva tutta la strada febbrile. Dai magazzini, attraverso le bocche nere delle porte spalancate, uscivano ancora sacchi e sacchi di caffè, che le locomotive e i carri trasportavano con fragore di ruote e sferragliate di ferri verso Prainha e Saúde, sollevando dal terreno schiacciato strati di polvere, che si spargevano nell'aria scintillando come oro.

I Sertões

Euclides da Cunha

Traduzione di Sandra Bagno

CAPITOLO VI

LA FINE

Non è possibile riferire cosa accadde nei giorni 3 e 4.

La lotta, che giorno dopo giorno era venuta perdendo il suo carattere militare, alla fine degenerò del tutto. Scomparvero le ultime tracce di un formalismo inutile: decisioni dei comandi, movimenti coordinati, distribuzione delle forze, gli stessi tocchi delle cornette, e alla fine la stessa gerarchia, già venuta meno in un esercito senza distintivi e senza divise.

Vi era un'unica certezza: gli *jagunços* non avrebbero potuto resistere per molte ore. Alcuni soldati, avvicinatasi all'ultima ridotta, avevano colto a colpo d'occhio la situazione degli avversari. Era incredibile: in una fossa quadrangolare, di poco più di un metro di profondità, a lato della chiesa nuova, una ventina di lottatori, affamati, stremati, ripugnanti a vedersi, si predisponavano a un suicidio formidabile. Quello fu chiamato "l'ospedale da campo" degli *jagunços*. Era un tumulo. Difatti c'erano là, in quantità maggiore, i morti, alcuni già da molti giorni, allineati lungo i quattro bordi della fossa, formando l'inquietante quadrato dentro il quale una dozzina di moribondi, vite concentrate nell'estremo contrarsi delle dita sui grilletti delle spingarde, combattevano contro un esercito.

E lottavano con un relativo vantaggio, ancora.

Per lo meno erano riusciti a fermare gli avversari. Di costoro, quelli che più si erano avvicinati, là rimasero, accrescendo la sinistra trincea di corpi lacerati e sanguinanti. Si vedevano, sparpagliati sull'ammucchiata di cadaveri degli *jagunços* coperti di stracci, brandelli rossi di uniformi, e fra essi quelli del sergente aiutante del 39° che là era entrato, per subito crollare. Altri avevano avuto eguale destino. Avevano l'illusione di un ultimo scontro facile e sicuro: lanciarsi tra le ultime casupole che la circondavano, scagliarsi sui titani esausti, fulminandoli, annientandoli...

Ma erano azioni temerarie, di cui nessuno ormai potrà più riferire. Coloro che vi si cimentavano raramente ne tornavano. Si ergevano sulla fossa e gli bloccava lo slancio l'orrore di un quadro in cui la realtà tangibile di una trincea di morti, cementata di sangue e spruzzante pus, superava tutte le esagerazioni delle idealizzazioni più ardite. E li assaliva l'atonia della terrificante sorpresa...

CANUDOS NON SI ARRESE

Chiudiamo dunque questo libro.

Canudos non si arrese. Esempio unico in tutta la storia, resistette sino al completo esaurimento. Espugnato palmo a palmo, nel senso letterale del termine, cadde nel giorno 5, verso sera, quando caddero i suoi ultimi difensori, che morirono tutti. Erano quattro appena: un vecchio, due uomini adulti e un bambino, di fronte ai quali ruggivano rabbiosamente cinquemila soldati.

Sottraiamoci all'onere di descrivere i loro ultimi momenti. Né potremmo farlo. Questa pagina, la immaginammo sempre profondamente emozionante e tragica; ma la chiudiamo vacillante e senza sfavillii.

Vedemmo come colui che s'inerpica su una montagna altissima. In cima, da una prospettiva maggiore, la vertigine...

E poi, non sfiderebbe forse l'incredulità dei posteri narrare dettagli come quelli di donne lanciantesi nelle fiamme delle proprie dimore, con in braccio i figli piccoli?...

E in che modo potremmo commentare, con la sola fragilità della parola umana, il fatto singolare che non comparvero più, sin dal mattino del 3, i prigionieri validi radunati la sera precedente, e fra essi quell'Antônio Beatinho che si era consegnato, fiducioso — e al quale dobbiamo preziosi chiarimenti su questa fase oscura della nostra storia?

Cadde l'abitato il 5. Nel giorno 6 finirono di distruggerlo abbattendone le case, 5.200, meticolosamente contate.

IL CADAVERE DEL CONSELHEIRO

Prima però, all'albeggiare di quel giorno, una commissione appositamente scelta aveva scoperto il cadavere di Antônio Conselheiro¹⁸.

Giaceva in una delle casupole vicine alla tettoia e fu rinvenuto grazie all'indicazione di un prigioniero. Rimosso un sottile strato di terra apparve, nel triste sudario di un lenzuolo immondo sul quale mani pietose avevano cosperso alcuni fiori appassiti, il corpo del "famigerato e barbaro" agitatore che riposava su una vecchia stuoia di *tabua*. Era nauseabondo. Avvolto nel vecchio abito azzurro di cotone americano, mani incrociate sul petto, volto tumefatto e ripugnante, occhi infossati ripieni di terra — a stento lo riconobbero coloro che più da vicino avevano trattato con lui in vita.

Lo disinterrarono con cura. Dono prezioso — unico premio, uniche spoglie opime di tale guerra! — si rendevano necessari i massimi riguardi affinché non si disarticolasse o deformasse, riducendosi a una massa nauseabonda di tessuti decomposti.

Poi lo fotografarono. E fu redatto un verbale accurato a testimoniare della sua identità: era importante che il paese si convincesse per davvero che, finalmente, era morto quel terribilissimo antagonista.

Lo restituirono alla fossa. Pensarono però, poco dopo, di conservarne la testa tante volte maledetta — e poiché riesumarlo di nuovo sarebbe stato uno spreco di tempo, un coltello abilmente brandito, con eguale abilità gliela tagliò; e il volto orrendo, tempestato di piaghe e di pus, apparve ancora una volta davanti a quei trionfatori...

In seguito portarono verso la costa, dove deliravano moltitudini in festa, quel cranio. Che la scienza dicesse l'ultima parola. In esso c'erano, nel rilievo di circonvoluzioni espressive, i tratti essenziali del crimine e della follia...

¹⁸ Estratto dalla relazione sul combattimento del comandante della 1a colonna: "[...] per cui ordinai che si estraesse da quella fossa, con la massima attenzione, il cadavere, e lo portassero nella piazza per poter così meglio verificare l'identità della persona: essendo stato riconosciuto essere quello del famigerato e barbaro Antônio Vicente Mendes Maciel (detto *Bom Jesus Conselheiro*), come risulta dall'atto redatto; ordinai che lo fotografassero affinché coloro che lo avevano conosciuto avessero certezza che fosse lui". (Nota dell'autore)

Vita urbana

Lima Barreto

Traduzione di Giorgio Buonsante

LA PESCA

Jorge, pur essendo bohémien, era un buon capofamiglia. Sua moglie, che lo sapeva cavaliere e buon marito, non si preoccupava affatto delle sue stravaganze. Vivevano nella più grande pace e armonia. Che lui rientrasse alle dieci, alle undici o alle quattro del mattino, l'accoglienza era sempre la più amorevole possibile.

Un giorno, durante la Settimana Santa, precisamente il Giovedì Santo, Jorge tornò a casa e disse alla moglie:

— Eugênia, domani vado a pescare, fammi il piacere di svegliarmi presto.

Dona Eugênia accolse la richiesta con tutto il suo affetto e, il giorno seguente, alle prime luci dell'alba, svegliò il marito.

Jorge uscì di casa lepido e contento, pensando al piacere che avrebbe dato alla sua dolce metà.

Tuttavia, passando dal primo bar, decise di sedersi e si mise a bere. Mangiare e bere, è questione d'iniziare, e lui aveva iniziato... e continuò.

Quando era circa mezzogiorno, si ricordò del pescato promesso alla moglie.

— E ora, come faccio? — pensò tra sé e sé.

La barca e i compagni ormai dovevano essere partiti, e lui non poteva rincasare a mani vuote.

Entrò in una bottega e comprò gamberi, tranci di pesce, granchi, ostriche e così via.

Salì sul tram e tornò a casa. Consegnate le vaschette a sua moglie, andò a dormire, sfinito dalla... pesca.

Alle cinque del pomeriggio, Dona Eugênia andò a svegliarlo:

— Jorge! Jorge! Vieni a cenare.

Si alzò e andò in sala da pranzo. Quando vide quei capolavori imbanditi a tavola, chiese confuso alla moglie:

— Che diavolo è questo? Siamo a un picnic?

E la moglie rispose prontamente:

— È il pesce che hai preso tu!

Careta, Rio, 13-8-1921.

Un aneddoto

Non so perché quel diavolo di ladruncolo si sia fissato a derubare proprio me.

— A te?

— Sì, proprio a me.

— E com'è andata?

— Ti racconto. Vivevo in una stanza povera, sulla Rua de São Pedro. Era una specie di tumulo, e ci andavo solo per dormire. Più di metà della giornata la passavo a girovagare per strada. Una notte mi ritirai un po' prima del solito e, molto assonnato, mi stesi sul mio giaciglio. Ad un certo punto, mi svegliai e scrutai qualcuno nel buio della stanza. Chi poteva essere? Non esitai! Afferrai un enorme revolver Nagant, non so nemmeno da dove provenisse, e minacciai l'intruso.

— Oppose resistenza?

— No. Si arrese subito. Lo catturai e decisi di consegnarlo alla polizia.

— A che pro?

— Aspetta, ti spiego. Uscimmo e, durante il tragitto, iniziai a chiacchierare con il ragazzo. Mi piacque. Passando davanti a un caffè, lui mi invitò a entrare e a prendere qualcosa. Accettai. Presto dimenticai che avevo dinanzi uno che voleva derubarmi.

Quando ci congedammo, mi chiese:

“Sei senza soldi?”

Gli risposi di sì. Sai cosa fece?

— Cosa?

— Mi diede una moneta da duemila réis!

Careta, Rio, 16-10-1920.

Disse il Corvo

Allora il Corvo mi disse:

Non so perché oggi gli esseri umani si facciano guerra. Una volta, noi pensavamo con convinzione che fosse a nostro vantaggio. Si battevano, si ferivano, si uccidevano. Alcuni scappavano da una parte, altri dall'altra. Sul campo restavano dei cadaveri insepolti, ed era per noi un gran banchetto. Non c'è niente che dia tanto piacere al palato quanto una carogna umana. Il suo sapore non ha eguali, moltissimo differisce da quello di altre bestie; e non spetta all'intelligenza dei corvi e ai loro mezzi di espressione stabilirne le differenze o descriverne il sapore.

Un nostro saggio aveva già cercato di ridurre il sapore a numeri, per dare una rappresentazione adeguata dei piaceri del palato. Ma non ci riuscì; intanto, un altro aveva elaborato una teoria della guerra, piena di giustezza e profondità.

“La guerra - dice - è un'attività dettata da forze occulte della natura con l'intento/ allo scopo di provvedere ai corvi piaceri sublimi al palato. Il decorso oscuro delle cose induce all'attività inconsapevole degli animali inferiori, noti come umani, lo scontro fra loro grandi greggi, dal quale risulta la morte di migliaia, grazie alla quale, mediante

un piacere più sofisticato del palato, i corvi possano perfezionarsi l'intelligenza. Se non fosse per la guerra tra gli esseri umani, i corvi, nutriti sempre di carogne inferiori, non avrebbero mai maturato i prodigi di olfatto e vista ai livelli correnti. La loro superiore socialità, che permette una più sicura scoperta delle carogne, nasce da questa dieta privilegiata che proprio la guerra umana gli fornisce. Anche il loro volo sicuro, alto, planato, sempre più perfetto, proviene da qui. La guerra umana ha permesso il progresso della razza solare dei corvi." Il nostro saggio così si esprime sulla guerra: e la sua teoria si era tanto stabilita nelle nostre scuole e nelle società sapienti che nessuno avrebbe osato metterla in dubbio, a meno che non si volessero ricevere il peggior trattamento possibile e le più sgradevoli ingiurie.

Non avrò cent'anni, ma la mia età è avanzata; tuttavia, fino a oggi, che io ricordi, non ho mai sentito nessuno contestare la teoria del nostro vecchio saggio sulla guerra tra gli umani. È arrivata, però, quest'ultima guerra; e, se la teoria non è stata smentita, è stata annullata. Gli umani si sono combattuti ferocemente e uccisi con violenza; ma, quando ci avvicinavamo per approfittare delle carogne, subito comparivano giganteschi 'uccellacci' senza becco, senza piume, senza occhi, che si scaricavano colpi e proiettili enormi gli uni contro gli altri. Fuggivamo a stormi e li spiavamo per vedere se si sarebbero fiondati sulle carogne degli abbandonati sui campi di battaglia. Ma niente. Alcuni tornavano indietro, altri cadevano; e noi non avevamo il coraggio di avanzare. In seguito, abbiamo scoperto che anche in tali "uccellacci" c'erano degli umani; e ora, il problema, la questione più trascendente che adombra la sapienza dei nostri saggi è comprendere: "Se non per dar carogne ai corvi, perché gli umani si fan guerra?"

E il corvo non disse più nulla. Tacque.

Careta, Rio, 1-5-1920.

Prose Poetiche

Murilo Mendes

Traduzione di Rapahel Salomão Khéde

DA SETTIMIO, VIA DEI CATARI, 36¹⁹

Situata in un quartiere tipicamente romano, l'osteria da Settimio è frequentata dalla gente del popolo — che ancora esiste. Non vedo mai turisti lì — visto che non posso considerare turisti il poeta Rafael Alberti e la sua incantevole sposa Maria Teresa León, che a volte incontro lì. Sono stati loro che, a causa dei dipinti che l'abbelliscono da su in giù, hanno battezzato l'osteria come "Capela Sistina". Ma non vi si veda in ciò nessuna irriverenza nei confronti di Michelangelo. Con Metastasio invece, la cui statua s'erge nella vicina piazza della Chiesa Nuova, potremmo mostrarci meno rispettosi: difatti non lo racconta Alfieri nella sua autobiografia che, dopo essere andato a Vienna per conoscere il noto poeta, rinunciò all'idea di fronte ai suoi salamalecchi all'imperatrice e ai funzionari della corte?

Non c'entra niente con Metastasio il soldato che va lì a cenare con la fidanzata, il piccolo burocrata tristissimo, i vecchi che si riuniscono intorno a una tavola per far girare la ruota del passato. Il sig. Settimio, maestro di cerimonie del modesto rituale, introduce i clienti nei chiari misteri della sua cucina che è sana e rifiuta le novità. Noi pure, davanti a piatti che usufruiscono dell'entrata libera nei labirinti dello stomaco e degli intestini, esenti dall'attacco dei minotauri e delle bombe atomiche che rappresentano certi ingredienti traditori e piccanti.

Tornando a casa, dopo le fettuccine o l'abbacchio al forno, ci siamo imbattuti, girando l'angolo, nel fantasma del Belli anch'egli abitante di questo quartiere.

19 Il testo *Da Settimio, Via dei Catari, 36*, già pubblicato in portoghese nel 1965 (nel volume *L'Osteria cucinante*, a cura di Mario Dell'Arco), fu inserito nel libro *Conversa portátil*, pubblicato dopo la morte di Murilo Mendes, nel volume dell'opera completa del 1994 (*Poesia completa e prosa*, Nova Aguilar, Rio Janeiro), a cura di Luciana Stegagno Picchio.

LO ZODIACO²⁰

- Lo Zodiaco: un punto di riferimento nella creazione poetica di Cesare Vivaldi. “La nota più alta del diapason”. Scintille e bagliori estratti dal caos del linguaggio.
- Qui il testo autonomo si è incontrato e riconosce se stesso: testo che esce da una crisi e ne prepara (meno male) un'altra. Ma la crisi esplicita ne Lo Zodiaco non si manifesta al buio, non domanda ma risponde.
- Risposta vivaldiana: l'unica soluzione per la crisi della poesia risiede nell'invenzione permanente del linguaggio, nel dominio del tempo e dello spazio, nella superazione dello choc tra il classico e il moderno, tra il quotidiano e l'eccezionale, tra il fascino del subconscio e il rigore della ragione, tra Ronsard e Rimbaud.
- Vivaldi scompone la struttura del discorso classico: propone dialetticamente al suo posto un'altra struttura fondata sull'opposizione dei contrari. Hegel e i greci diventano modernissimi.
- Il rinnovamento dei miti è qui fondamentale. Siccome Vivaldi è uno studioso dell'arte, forse si potrebbero scoprire corrispondenze e parallellismi tra i testi de Lo Zodiaco e i quadri di Max Ernst, Magritte e il primo De Chirico: invenzione, metamorfosi, abolizione dei confini tra il reale e l'immaginario, attualizzazione del simbolo. Poesia visuale.
- Surrealismo: tecnica avanzata del nostro tempo, nonostante il movimento si sia dissolto? È nell'aria, persino in politica. Dio e il diavolo, probabili surrealisti? Ma Vivaldi non è un surrealista ortodosso. Contaminazioni — fertili — sì, le ammette.
- Lo Zodiaco presuppone letture di diverso stampo: dalla nota umoristica o ironica agli scoppi di rabbia e anticonformismo, dai riferimenti a Eros e persino ai riferimenti a una natura rielaborata dalla cultura, in una sequenza di piani sovrapposti. Poesia di cultura.
- Linguaggio di una proprietà spietata, che raggiunge sempre il bersaglio prefissato. Simultaneamente, il poeta si stacca dalla propria personalità (vedi Mallarmé, Pound, Eliot) e la rende partecipe del tema. Equilibrio esatto tra i versi di metro corto e di metro lungo. Realismo misto a fantasia. L'aggettivo accendendosi accanto al sostantivo.
- Vivaldi ci introduce in una nuova e immensa arca di Noè da dove assistiamo allo spettacolo formidabile di elementi di mito e “realtà” che si scontrano, “automi dalla testa vuota”, “Eros [che] si scatena in cielo / seguendo le orme di Venere”, “una pioggia infiammata di pupille”, “la vendita all'incanto delle stragi”, “la mano che scocca la freccia / verso l'invisibile”. Il gallo cade in ginocchio per amore, vocali ruotano sull'asfalto, costellazioni entrano dalla porta aperta. Tutti aspettiamo l'arrivo irrevocabile del Dramma, della Cosa tragica: “allora,

20 Lo Zodiaco, scritto a Roma (dicembre del 1972), fu inserito nel libro *Conversa portátil*, pubblicato dopo la morte di Murilo Mendes, nel volume dell'opera completa del 1994 (*Poesia completa e prosa*, Nova Aguilar, Rio Janeiro), a cura di Luciana Stegagno Picchio.

arriva o no questo colpo di scure?” I poteri ipnotici del poeta lo conducono alla pianetizzazione dell’immagine.

- Vivaldi eccelle nella creazione di un’atmosfera loplop. Mi spiego. Nel 1929 Max Ernst pubblica (con prefazione di Breton) il suo meraviglioso libro di fotomontaggi *La femme 100 têtes*, dei quali uno dei personaggi è Loplop, l’uccello incaricato di fornire l’alimento notturno ai lampioni di Parigi. Affascinato dalla parola loplop, l’ho trasformata in aggettivo, per designare persone, cose, artisti, poeti, etc. di carattere o forma inconsueti, bizzarri, enigmatici. Esempi: una persona loplop: Cagliostro. Una cosa loplop: la cometa di Halley. Un artista loplop: Bosch o Max Ernst. Un poeta loplop: Lautréamont. Persino una persona banale può contenere elementi di loplop.
- Certe allusioni del testo presuppongono l’abbandono, incosciente o no, dell’uomo alle forze sotterranee, il precario equilibrio di dati positivi e negativi: “Venere pone su un piatto / della bilancia la gioia, / sull’altro l’amarezza”.
- Da oggi in poi starò più attento ai segni dello zodiaco;
- Poeta dai contrasti violenti e dalle proposte liriche, Vivaldi sa unire la misura e il furore scatenato. Latinista, ha bevuto in Ovidio il senso delle metamorfosi. Frequentatore-traduttore di Virgilio, qua e là ci sorprende con un accenno epico, fonde attraverso il linguaggio i tempi; fa esplodere dagli strati culturali del passato e del presente la forza fiduciosa del futuro.

SIMONE MARTINI²¹

Simone Martini è il primo nome internazionale nella storia della pittura italiana: lavorò in Francia, motivo per cui la sua opera per molto tempo ha influenzato artisti della Boemia, delle Fiandre e della Catalogna. Praticò il cielo della Provenza, il cui azzurro violento, secondo Francesco Ponge, corrisponde alla notte. Conobbe Petrarca, a quei tempi recluso nei dintorni di Avignone. Ci resta la leggendaria amicizia tra il poeta e il pittore, ma nessun documento di archivio ne registra i dialoghi: e qui la posterità, come in altri casi, si frustra. Quali ritocchi, usando ora la parola, ora la penna, ora il pennello, si saranno i due proposti di fare alla condizione della poesia e alla condizione dell’arte?

L’Annunciazione, già al Duomo di Siena, oggi agli Uffizi di Firenze, è un’opera capitale dal punto di vista della raffinatezza tecnica. Secondo alcuni il pittore avrebbe evocato qui una scena di stampo terrestre piuttosto che celeste. Ma credo che Simone Martini lo si può giustificare, visto che la scena avviene sulla terra, in un punto geografico ben preciso: Nazaret in Galilea. Quanto all’inconsueta eleganza e grazia

²¹ Secondo Luciana Stegagno Picchio (1994), Simone Martini è stato composto tra il 1965 e il 1966, così come gli altri testi riuniti in *Retratos-relâmpago: 1ª série*, pubblicato in Brasile nel 1973 (Conselho Estadual de Cultura, São Paulo).

delle due figure, è chiaro che l'artista ha voluto fare la trasposizione estetica di un tema, seguendo la sua idea personale del ritmo ondeggiante, della linea, del colore, e sottolineare la poesia dell'affettività per quanto riguarda le due figure di Maria e Gabriele, poste su uno sfondo aureo che allo stesso tempo le isola e le distingue. Nelle opere di questo spessore il pericolo consiste nello sfiorare il decorativismo; ma trattandosi di Simone Martini e di Crivelli in séguito, la soluzione proviene dal rigore stilistico dell'artista, cosciente di introdursi in un territorio ambiguo. Per questo motivo rinuncio a scegliere se L'Annunciazione è opera divina o umana: accogliendola nella sua qualità di frammento d'alta pittura e alta poesia, delicato impatto.

Nel Palazzo Comunale di Siena un affresco di Simone Martini dell'anno 1328 esibisce il guerriero Guidoriccio da Fogliano a cavallo in un campo grigiastro, innalzandosi tra steccati, palizzate, castelli con stendardi e gonfaloni svolazzanti dalle torri. Secondo gli storici, l'evento militare che ha originato questa pittura fu piuttosto modesto: la conquista dei due castelli i cui signori si erano ribellati alla Repubblica di Siena. Ma in ciò risiede di fatto la grandezza dell'artista: partire da un fatto e da un personaggio mediocri per, usando la singolarità della propria invenzione, sollevarli, sul piano della metamorfosi, alla categoria di opera d'arte. Il cavaliere, fisionomia comune, piuttosto uno sconfitto che un vincitore, il quale indossa un mantello che gli nasconde la corazza, si fonde al cavallo e alla sua bizzarra gualdrappa, ma senza la forza del centauro. I due sono coperti da losanghe scure su uno sfondo arancione; l'occhio sinistro dell'animale si trova inserito in un cerchio. La pittura nella sua totalità risulta quasi astratta nonostante i dati materiali che la costituiscono. Non escludo la possibilità dell'influenza di questo inquietante affresco sul primo De Chirico e su altri pittori italiani detti "metafisici".

Ed eccolo che se ne va Guidoriccio da Fogliano, sottomesso all'animale; anonimo, nonostante se ne conosca il nome e le gesta. Eccolo che se ne va il guerriero nella solitudine creata dal proprio pittore, in anticipo di sei secoli sull'astronauta inserito dentro di una capsula. Qui, forse più che in qualsiasi altra sua opera, Simone Martini si rivela un testimone dell'enigma cosmico e della relatività di questo fragile spazio che alla fine è l'uomo oppresso da forze terribili, conosciute o meno.

Vaccino di rospo e alti ricordi

Zélia Gattai

Traduzione di Manuela de Oliveira Magalhães

BATATINHA

Il rapporto che Jorge aveva con i poeti popolari di Bahia era molto stretto. Da loro lo scrittore riceveva le più sorprendenti manifestazioni di affetto, con loro imparava. Le riprese di Dona Flor i suoi due mariti furono effettuate nel Centro Storico di Salvador. Il Pelourinho, palcoscenico della storia e delle riprese, era affollato, tutti volevano vedere Sônia Braga, José Wilker, Mauro Mendonça, Nilda Spencer, tutti lì, accessibili... Bruno Barreto, il giovane regista, era insofferente alla folla che vociferava, spesso disturbando le riprese. È stato in quell'occasione che Jorge ricevette una visita del famoso cantautore popolare Batatinha. Entusiasmato dai commenti che sentiva su Dona Flor, decise di unirsi ai festeggiamenti, e compose una canzone:

— Sono venuto a cantare al padre della ragazza la musica che ho composto per lei — disse ridendo, quando si presentò a casa nostra quel giorno.

Il testo ingenuo, valorizzato dal compositore, che cantava scuotendo il corpo:

Tranquillità nell'amore,
Dona Flor con i suoi due mariti
Non mi ci metterò in mezzo perché
pericoloso.
Penso anche che sia divertente il modo
in cui custodiva.
Un titolare e l'altro di riserva

Peccato che non avessimo un registratore in quell'occasione, poiché, del testo così divertente di Batatinha, mi è rimasto in memoria solo il poco che riproduco qui.

Conteggiamento in poesia

Un clima magico esisteva fra Jorge e me fin dal primo incontro, che però non si era ancora manifestato in alcun modo. Lui dichiarava appena il suo amore attraverso le cronache giornaliere, sulla rubrica "Conversa Matutina" che scriveva per un giornale di São Paulo.

"L'hai letta oggi?" mi domandava, imbarazzato, come se fosse un adolescente.

Annucendo con il capo, tornavo anch'io all'adolescenza, e la situazione rimaneva così.
Una di queste cronache, una vera e propria poesia d'amore, quasi mi uccide:

Io ti darò un pettine
per pettinarti
Una collana per abbellire il tuo collo
Un'amaca su cui dondolarti
Il cielo e il mare io ti darò...

Nuove strofe di amore

Tre anni dopo, a Parigi, Jorge scrisse nuove strofe per la poesia che mi aveva dedicato nel 1945 sulla sua rubrica "Conversa Matutina". Il maestro Cláudio Santoro l'aveva musicata e orchestrata. Jorge aspettava il mio arrivo in Europa, dove lo avrei incontrato in esilio. Lui era partito dal Brasile nel mese di gennaio ed io non avevo potuto accompagnarlo. Nostro figlio, João Jorge, era nato alla fine di novembre, ed io non mi trovavo nelle condizioni di avventurarmi per questo mondo di Dio, senza destinazione certa con un neonato tra le braccia. Rimasi con il colonnello João Amado e Lalu, presso il loro appartamento a Copacabana, aspettando che Jorge decidesse dove vivere, rimettesse in sesto la sua vita e mi chiamasse. Credo che questi siano stati i mesi più tristi della mia vita. Finalmente, dopo aver visto frustrata la sua idea di vivere in Italia, Jorge decise di vivere a Parigi, dove la traduzione di *Seara vermelha* era appena stata pubblicata da un editore francese.

Gli amici con i quali conviveva Jorge a Parigi erano: Carlos Scliar, Arnaldo Estrela, Mariucia Jacobino, con le sue due bambine, Maria Helena Viera da Silva, Alberto Castiel, Paulo Rodrigues, Israel Pedrosa con Jamile. In quell'occasione, Jorge conobbe il maestro Cláudio Santoro, che lì viveva con la famiglia.

Fu Cláudio, come detto prima, a mettere in musica la poesia che Jorge mi aveva dedicato, adesso con una modifica, l'aggiunta di altri versi:

Un'altra cosa che non so come fare
Ovunque ti trovi, lì
Il mio pensiero lontano
Tenero amore mio
Ti amò per sempre.

Vieni, che la notte è lunga
Triste per la tua mancanza
Infinito amore mio...

Con questa canzone Jorge mi sorprese nel mese di maggio, quando eravamo arrivati a Parigi, lasciando l'Italia, dove lui era andato ad aspettarmi.

La donna che ammazzò i pesci

Clarice Lispector

Traduzione di Elena Manzato

La donna che ha ammazzato i pesci purtroppo sono io. Ma vi giuro che non l'ho fatto apposta. Proprio io! che non ho il coraggio di ammazzare nessun essere vivente! Non ammazzo neanche gli scarafaggi.

Vi do la mia parola d'onore, sono una persona di fiducia e ho un cuore dolce: in mia presenza non permetto che soffrano né bambini né animali.

E proprio io ho finito per uccidere due pesciolini rossi che non fanno del male a nessuno e che non hanno ambizioni: loro che vogliono solo vivere.

Anche le persone vogliono vivere, ma per fortuna desiderano anche fare qualcosa di buono della loro vita.

Non ho ancora il coraggio di raccontarvi com'è successo. Ma prometto che alla fine di questo libro ve lo racconto e voi, che leggerete questa storia triste, deciderete se perdonarmi.

Vi starete chiedendo: perché solo alla fine del libro?

E io vi dico:

— Perché all'inizio e nel mezzo vi racconterò un po' di storie dei miei animali, solo per dimostrarvi che ho finito per uccidere i pesciolini senza volerlo.

Spero che alla fine del libro mi conoscerete già meglio e mi potrete offrirmi il perdono che chiedo per la scomparsa dei due "rossini" — a casa chiamavamo i pesci "rossini".

Prima vi racconterò delle cose importantissime così non sarete tristi per il mio crimine. Se fosse colpa mia ve lo confesserei, perché non dico bugie ai bambini o alle bambine. Solo qualche volta dico bugie ai grandi perché non c'è alternativa. Ci sono dei grandi che sono così noiosi! Non vi sembra? Non capiscono neanche l'anima di un bambino. I bambini non sono mai noiosi.

Per ora posso solo dirvi che i pesciolini sono morti di fame perché mi sono scordata di dargli da mangiare. Poi vi racconto, ma in segreto, lo sapremo solo io e voi.

Spero che entro la fine del libro possiate perdonarmi.

Mi sono sempre piaciuti gli animali. Ho avuto un'infanzia circondata da gatti. Una gatta che avevo ogni tanto faceva i gattini. E io non lasciavo che ne mandassero via nemmeno uno.

Come risultato la casa per me diventò allegra, ma per i grandi era un inferno. Alla fine, visto che non sopportavano più i miei gatti, diedero via la gatta con gli ultimi gattini che aveva fatti, senza dirmi niente.

E io ero così infelice che mi sono ammalata, avevo la febbre alta.

Allora mi diedero un gatto di peluche per farmi giocare.

Io non lo badavo, perché ero abituata ai gatti vivi.

La febbre mi passò solo molto tempo dopo.

Vabbè, cambiamo argomento.

Prima di cominciare, voglio che sappiate che mi chiamo Clarice. E voi? Come vi chiamate? Dite sottovoce il vostro nome e il mio cuore lo sentirà.

Vi chiedo di leggere questa storia fino alla fine. Vi dirò delle cose: la mia casa ha degli animali naturali. Gli animali naturali sono quelli che non invitiamo e neanche che compriamo. Per esempio, io non ho mai invitato uno scarafaggio a fare merenda con me.

La mia casa ha un sacco di animali naturali, tranne i ratti, grazie al cielo, perché mi fanno paura e schifo.

Quasi tutte le mamme hanno paura dei ratti. I papà no: anzi, gli piacciono, perché si divertono a cacciare e ammazzare quelle bestioline che detesto. A voi fanno pena i ratti?

A me sì perché non sono animali adatti a volergli bene e a fargli le coccole. Voi fareste le coccole a un ratto? Magari voi non avete neanche paura e per tante cose siete più coraggiosi di me.

Un mio amico, quando era piccolo, allevò un ratto bianco. Mi faceva così schifo... vorrei solo stringere la mano del mio amico quando mi passa lo spavento. Il suo ratto, a dire il vero, era una ratta e si chiamava Maria di Fatima.

Maria di Fatima è morta in modo un pochino orribile (dico un pochino orribile perché in fondo sono proprio contenta): un gatto se l'è mangiata con la stessa velocità con cui noi ci mangiamo un panino.

Come stavo dicendo, gli animali naturali di casa mia non sono stati invitati. Sono apparsi così, dal nulla.

Per esempio: ho degli scarafaggi. E sono degli scarafaggi bruttissimi e vecchissimi che non fanno bene a nessuno. Anzi, mi rosicchiano anche i vestiti che tengo nell'armadio.

Sapete che ho fatto una guerra di quelle toste contro gli scarafaggi, e che ho vinto io?

Ho fatto così: ho dato dei soldi a un signore che fa solo questo nella vita: ammazza scarafaggi.

Questo signore fa una cosa che si chiama detetizzazione. Sparge una medicina per tutta la casa. Questa medicina ha un odore fortissimo che a noi non fa male ma intontisce così tanto gli scarafaggi che a un certo punto muoiono.

Ma a quanto pare c'è uno scarafaggio che, prima di morire, racconta sottovoce agli altri scarafaggi che la mia casa è pericolosa per la loro specie, e così la notizia circola per il mondo degli scarafaggi e loro a casa mia non ci tornano. Solo che dopo sei mesi si fanno coraggio e ritornano, però io chiamo di nuovo il signore delle medicine e loro scappano di nuovo.

Gli scarafaggi sono un altro animale che mi fa pena. Non piacciono a nessuno e tutti vogliono ammazzarli. A volte ci sono dei papà che corrono per tutta la casa con una ciabatta in mano finché non ne beccano uno e ci sbattono sopra la ciabatta finché non lo spiaccicano. Mi fanno pena gli scarafaggi perché nessuno ha voglia di essere buono con loro. Si vogliono bene solo fra scarafaggi. Non è colpa mia: chi gli aveva detto di venire? Sono venute senza essere invitate. Io invito solo gli animali che mi piacciono. E ovviamente invito le persone, i grandi e i piccoli.

La sapete una cosa? L'ho deciso proprio adesso: inviterò bambini e bambine per farmi visita a casa. Sarò così felice che darò a ognuno una fetta di torta, una bevanda buonissima, e un bacio sulla fronte.

Un altro animale naturale di casa mia è... indovinate!

Avete indovinato? Se non avete indovinato non importa, ve lo dico io. L'altro animale naturale di casa mia è il piccolo gecko. Sono simpatici e non fanno nessun male. Anzi: adorano mangiarsi le mosche e le zanzare, e così mi ripuliscono tutta la casa.

Io ai gechi non faccio niente ma c'è gente che li rompe con le ciabatte. Allora è curioso: ogni pezzetto del gecko inizia a muoversi da solo. Per esempio un pezzo della zampa staccata del gecko inizia a muoversi e a tremare a terra per tutto il tempo. È un mistero questo, che prima di morire i pezzi si muovono.

Quello che non capisco è il gusto orribile che ha il gecko per mosche e zanzare. Ma ovviamente, siccome non sono un gecko, non mi piace quello che piace a loro, e a loro non piace quello che piace a me.

Una volta abbiamo catturato una zanzara e l'abbiamo guardata da vicino vicino con una lente enorme. E voi non avete idea di com'è la faccia di una zanzara. È molto strana. Non mi fanno paura le zanzare, e neanche le mosche, ma mi danno tanto fastidio tutte e due.

Il gecko, che è un mio grande amico, mi aiuta con molta gioia perché per lui le zanzare sono un dolcetto. A noi persone piacciono i dolcetti al cocco, per esempio, invece al gecko sembra quasi che facciano schifo.

Il gecko non parla, non canta, non balla, non apprezza le persone perché le persone gli fanno paura. Il gecko sarebbe pericoloso per noi se avesse le stesse dimensioni di un alligatore.

Adesso vi parlerò degli animali invitati, così come siete invitati anche voi. A volte non basta invitarli: bisogna comprarli.

Per esempio, avevo invitato due conigli a venire ad abitare con noi e avevo dato dei soldi al loro proprietario. I conigli hanno una storia molto segreta, cioè, con molti segreti.

Fra l'altro ho già raccontato la storia di un coniglio in un libro per i piccoli e per i grandi. Il mio libro sui conigli si chiama così: "Il mistero del coniglio che sapeva pensare". Mi piace tanto scrivere storie per i piccoli e per i grandi. Sono proprio contenta quando ai grandi e ai piccoli piace quello che scrivo.

Se vi piace scrivere o disegnare o ballare o cantare, fatelo perché è bellissimo: mentre si gioca in questo modo non ci si sente più soli, e ci si scalda il cuore.

Tornando ai conigli, c'è gente che li mangia i conigli. Io non ne ho il coraggio perché è come se mangiassi un mio amico. I due conigli che abbiamo avuto erano miei amici.

Qui in casa abbiamo anche avuto due papere che ci venivano dietro tutto il giorno con quel loro modo simpatico di zampettare, e pensavano che fossimo la loro mamma. Quando ci troviamo, vi faccio l'imitazione della camminata delle papere.

Un altro animale che pensa che siamo la sua mamma è il pulcino. Da questo punto di vista i pulcini sono uguali a noi: hanno nostalgia del calore della mamma chioccia. Possiamo fare qualcosa di buono per un pulcino che si mette a pigolare e

a piangere di nostalgia: tenerlo in mano e scaldargli il corpo. Quando li prendiamo in mano sentiamo il loro cuore minuscolo battere nel corpicino morbido e tiepido. Sotto le piume lisce si sentono le ossa finissime delle loro costole. I pulcini sono sempre magrolini. E, lontano dalla gallina, muoiono per un nonnulla. Ho già comprato molti pulcini e la maggior parte è morta. Sopravvivevano solo i pulcini che avevano lo spirito più forte.

Per quanto riguarda i cani, ne ho avuti due.

Con il primo è andata così: all'epoca abitavo nel paese che si chiama Italia. Un giorno, mentre camminavo per le vie della città, vidi un cane randagio.

I randagi sono così intelligenti. Quello lì che avevo visto, aveva sentito subito che era buona con gli animali e, tutto scalmanato, ha iniziato subito a scodinzolare.

Per quel che mi riguarda, mi è bastato guardarlo e mi sono subito innamorata del suo musetto. Anche se era italiano aveva una faccia da brasiliano, e una faccia da Dilermando. Ho pagato la sua proprietaria e mi sono portata Dilermando a casa. Gli diedi subito da mangiare. Mi sembrò così felice di avermi come proprietaria che passò tutto il giorno a guardarmi e a scodinzolare. Magari l'altra proprietaria lo picchiava, quindi Dilermando era felice di cambiarla.

Dilermando era intelligente quasi quanto un bambino di due anni. Mi stava sempre appresso per non sentirsi solo.

E mangiava di tutto e così tanto che ingrassò subito.

Passava le sue giornate ad annusare le cose: i cani annusano le cose per capirle; non ragionano tanto, sono guidati dall'amore del cuore degli altri e dal loro.

Dilermando mi voleva così bene che per poco non impazziva quando sentiva con il suo fiuto il mio odore di donna—mamma e l'odore del profumo che uso sempre. Il mio profumo in francese si chiama "Vert et Blanc", cioè, "Verde e Bianco", e lo ha inventato un uomo che si chiama Carven. Come vedete, esiste di tutto a questo mondo: donne che picchiano i cani, gente che non li picchia mai, uomini che guadagnano soldi ad ammazzare scarafaggi, uomini che fanno dei miscugli e s'inventano profumi. Ve lo dico perché vi ricordiate, quando diventerete grandi, che ci sono un sacco di cose da fare nella vita.

Bene. Però... l'odore di Dilermando. Detestava farsi il bagno, pensava che fossimo cattivi quando lo obbligavamo a fare questo sacrificio. Siccome ci dava un gran da fare a lavarlo tutti i giorni e siccome scappava via dalla vasca tutto insaponato, finii per fargli il bagno solo due volte alla settimana. Come risultato, ovviamente, aveva un odore fortissimo di cane e io lo sentivo subito con il mio fiuto, perché ce l'abbiamo anche noi il fiuto. Ce l'avete anche voi il fiuto? Scommetto di sì perché, oltre a essere persone, siamo anche animali. L'uomo è l'animale più importante del mondo perché, oltre a sentire, l'uomo pensa e risolve e parla. Gli animali parlano senza parole.

Sapete come ho dovuto separarmi da Dilermando?

È che ho dovuto lasciare l'Italia e andare in un paese che si chiama Svizzera. E in quel paese gli alberghi non fanno entrare i cani. Quindi ho scelto una ragazza molto buona perché se ne prendesse cura. Quando l'ho salutato ero così triste che mi sono messa a piangere. E anche Dilermando ha pianto.

Molti anni dopo andai ad abitare in un altro paese, che si chiama Stati Uniti d'America. E comprai un cane americano di nome Jack. Non mi ricordo di che razza fosse perché per me non fa differenza, mi piacciono tutte le razze umane e di animali.

Jack era uno di quei cagnoni che abbaiano tutto il tempo e che fanno la guardia alla casa per non far entrare i ladri.

Jack faceva solo alcune cose nella sua vita disciplinata: abbaiva, mangiava, amoreggiava molto, faceva la guardia, dormiva, giocava con noi.

Aveva una vita molto entusiasmante perché gli piaceva tutto quello che faceva. Proprio come me, perché faccio varie cose nella vita e mi piace quello che faccio. Tante cose le faccio anche se non mi piacciono, solo per dovere. Jack era meno intelligente di Dilermando, ma era un cane molto coraggioso. Non aveva paura di niente.

Sapete cos'è successo? È andata così: di notte Jack stava nel nostro giardino di fronte a casa e si dava così tante arie di importante che iniziò a fare la guardia a tutta la via, senza che nessuno glielo chiedesse. Quando passava per strada una persona, abbaiva così tanto da svegliare tutto il vicinato.

Finché una notte è arrivato a casa nostra un vicino in pigiama a dirci che era stufo di non dormire e che, se Jack fosse rimasto con noi, gli avrebbe sparato.

Il vicino era molto arrabbiato, e io ho capito che l'avrebbe ammazzato sul serio. Per salvare la vita di Jack lo consegnammo a una famiglia molto buona che abitava in una tenuta dove Jack avrebbe potuto abbaire a volontà.

Nella mia vita ho avuto solo questi due cani felici. Adesso vi racconto una storia di scimmie un po' allegra e un po' triste.

Pensate un po': ero uscita a fare la spesa e quando tornai ed entrai in casa, sentii che stava succedendo qualcosa di strano. Si trovavano tutti quanti nella terrazza sul retro e andai a vedere che cosa c'era lì dietro.

Che ci crediate o no, non mi sarei mai aspettata quello che ci trovai: una scimmia. In realtà era una scimmietta talmente grande e grossa da sembrare un cucciolo di gorilla. Era molto agitata e nervosa perché non conosceva ancora bene la casa. Per pura agitazione si arrampicava dal nulla su per i panni appesi, sporcando tutti i vestiti puliti. Da lassù lanciava delle urla da marinaio che dà ordini su una nave. E gettava bucce di banana anche se poi ci cadevano addosso.

Ecco, questa scimmietta enorme iniziò ad abitare con noi. Ogni volta che andavo in lavanderia si rallegrava così tanto che iniziava a saltellare da un angolo all'altro e a sporcare tutto.

Voi sapete benissimo che le scimmie sono gli animali che somigliano di più alle persone. Questa scimmietta sembrava avere addirittura una vita umana. Sembrava un uomo tutto matto. Visto che faceva una confusione tremenda in casa, decisi di darla ai bambini che abitano in cima alla collina: loro adorano le scimmiette. In casa tutti si sono intristiti e arrabbiati con me.

Trascorse più di un anno. Un pomeriggio passeggiavo per strada per comprare i regali di Natale. Le strade erano pienissime di persone che compravano i regali. In mezzo a tutta quella gente vidi un assembramento, andai a vedere: era un uomo che vendeva delle scimmiette, tutte vestite da persone e molto simpatiche. Ho pensato

che a casa tutti avrebbero adorato quel regalo di Natale, una scimmietta. Scelsi una scimmietta molto calma e bella, che era piccolissima. Indossava una gonna rossa, e portava orecchini e collare baiane. Era molto delicata con noi, e dormiva tutto il tempo.

Venne battezzata con il nome Lisetta. Lisetta a volte sembrava sorridere e chiedere scusa perché dormiva tantissimo. Di cibo quasi non ne mangiava, e se ne stava ferma in un cantuccio tutto suo.

Il quinto giorno cominciai a sospettare che Lisete non fosse in buona salute. Perché quel suo modo di stare tranquilla e in silenzio non era normale.

Il sesto giorno quasi gridai quando intuì: "Lisetta sta morendo! Portiamola da un veterinario!"

Il veterinario è il dottore che si occupa solo degli animali.

Eravamo molto spaventati perché ormai amavamo Lisete e il suo visino da donna. Ah, mio Dio, quanto volevamo bene a Lisetta! E quanto desideravamo che non morisse! Ormai era parte della famiglia. Avvolsi Lisete in un tovagliolo e andammo di corsa in taxi all'ospedale per gli animali. Lì le fecero subito un'iniezione perché non morisse subito. L'iniezione fu così efficace che sembrava quasi guarita definitivamente, perché improvvisamente diventò così vivace che saltava da un angolo all'altro, emetteva gridolini di felicità, faceva proprio delle smorfie da scimmietta, era impaziente di farci piacere. Scoprimmo così che ci voleva tanto tanto bene, ma non lo aveva dimostrato prima perché era così malata che non aveva le forze per farlo.

Però, quando passò l'effetto dell'iniezione, si fermò di colpo e tornò ad essere tutta tranquilla e triste nella mia mano. Il medico allora disse una cosa terribile: che Lisetta stava per morire.

Capimmo quindi che Lisetta era già molto malata quando l'avevo acquistata. Il medico disse che non si dovrebbero acquistare scimmie per strada, perché a volte sono molto malate. Chiedemmo, molto agitati:

— E adesso? Cosa farà per lei, dottore?

Lui rispose:

— Proverò a salvarle la vita, ma deve passare la notte in ospedale.

Tornammo a casa con il tovagliolo vuoto e con il cuore altrettanto vuoto. Prima di dormire pregai Dio di salvare Lisetta.

Il giorno seguente il veterinario telefonò per avvisare che durante la notte Lisetta era morta. Compresi allora che Dio aveva voluto portarla con sé. Avevo gli occhi pieni di lacrime e non trovavo il coraggio di dare questa notizia al resto della famiglia. Alla fine lo dissi e tutti furono molto, molto tristi.

Per pura nostalgia, uno dei miei figli chiese:

— Secondo te è morta con gli orecchini e la collana addosso?

Risposi che ne ero certa e che, anche da morta, sarebbe rimasta bellissima.

Sempre per pura nostalgia, l'altro mio figlio mi guardò e disse con tanto affetto:

— Sai, mamma, che somigli tantissimo a Lisetta?

Se pensate che mi sia offesa per il fatto di assomigliare a Lisetta, vi sbagliate. Primo, perché noi somigliamo davvero alle scimmiette; secondo, perché Lisetta era adorabile e molto bella.

— Grazie, figlio mio — fu ciò che gli dissi e gli poi diedi un bacio sulla guancia. Un giorno comprerò una scimmietta in buona salute. Ma dimenticare Lisetta? Questo mai.

Bene, ora riposatevi un po' perché dopo vi racconterò una storia così terribile da sembrare un film di eroi e banditi. È una storia d'amore e odio mescolati in un unico cuore.

Vi siete già riposati? Bene, allora prestate molta attenzione, perché questa storia di cani è davvero terribile. Non pensate che mi stia inventando le storie. Vi do la mia parola d'onore che le mie storie non sono inventate: sono successe davvero.

Bene, preparatevi che inizio.

Un mio amico, di nome Roberto, aveva un cane che si chiamava Bruno Barberini di Monteverdi. È un nome lungo per un cane, ma era così che si chiamava.

Quando volevamo chiamarlo, lo chiamavamo semplicemente Bruno, perché altrimenti il suo nome era troppo lungo.

Bruno aveva un amico, un cane anche lui, che sorvegliava la casa di un vicino. Questo amico—cane di Bruno si chiamava Max.

Erano così amici che uno chiamava l'altro per invitarlo a pranzo e mettevano entrambi i musetti nella stessa ciotola di cibo. Ovviamente né Bruno né Max parlavano, si limitavano ad abbaiare. Gli inviti a pranzare a casa dell'uno o dell'altro venivano trasmessi così: abbaiando un po', scodinzolando, fermandosi uno davanti all'altro e, all'improvviso, zampettando. Allora un cane capiva che doveva seguire l'altro e andavano a pranzo insieme.

Ho dimenticato di dire che Bruno Barberini di Monteverdi era molto affezionato al suo proprietario, Roberto. Ed era estremamente fedele. Bruno non permetteva a nessuno di avvicinarsi troppo al padrone, pensava che potessero attaccarlo. Tutte le sere aspettava sveglia che Roberto tornasse a casa e andava a dormire solo dopo il suo arrivo. Questo lo racconto per farvi capire la tragedia che successe.

Un giorno Max stava pranzando a casa di Bruno, quando il proprietario entrò in cucina. Non si sa perché, ma Max decise di fare le feste al proprietario di Bruno. Per farlo, gli si avvicinò e si strofinò contro la sua gamba.

Bruno per un attimo rimase sconvolto: pensò che Max stesse per attaccare Roberto e corse in sua difesa.

Per proteggere il suo proprietario si lanciò contro Max, che non aveva fatto nulla di male. Ma Max, vedendosi attaccato ferocemente, reagì. Il risultato fu una lotta sanguinosa.

Max era più forte di Bruno. Bruno stava venendo dilaniato. Alla fine, Roberto riuscì a separarli.

Bruno era gravemente ferito e sul punto di morte. Il suo cuore quasi non batteva più. Roberto portò subito Bruno all'ospedale per animali. Lì gli fecero un'iniezione per rianimare il cuore, che si stava quasi fermando. Si occuparono delle ferite sul corpo e sulla testa e Bruno rimase in ospedale per molti giorni. Finché alla fine si riprese e poté tornare a casa.

Ora io vi chiedo: cos'avrà fatto Bruno?

Bruno era così coraggioso che, guarito dalle ferite, andò ad attaccare Max.

Max, allora, gli diede la più grande batosta che si possa immaginare. E questa volta le ferite furono così gravi che persino le orecchie di Bruno finirono completamente lacerate. Roberto lo portò di nuovo all'ospedale dove, questa volta, Bruno rimase per due mesi. Quando si ristabilì, tornò a casa.

E ora ditemi: cosa pensate che abbia fatto Bruno?

Esatto. Bruno andò a vendicarsi e attaccò Max.

Ma questa volta era così arrabbiato, ma così arrabbiato, che la sua forza crebbe e divenne diabolica.

E alla fine uccise Max.

Eh, però nel mondo dei cani è diverso. Non c'è polizia a cui possano rivolgersi per lamentarsi. Quindi sono proprio i cani a risolvere le dispute fra di loro, a fare il giudice e il poliziotto, e molte volte agiscono come banditi armati. I cani non si perdonano.

Quello che accadde fu che i cani del vicinato si schierarono contro Bruno, non perdonarono la terribile morte di Max.

Così, per vendicarsi, iniziarono a circondare Bruno.

Bruno aveva persino paura di uscire di casa. Quando usciva, era molto sospettoso, si guardava continuamente intorno.

Alla fine, vedendo che non accadeva nulla di male, ricominciò a uscire tranquillamente. E fu questo il grande errore di Bruno.

Un pomeriggio passeggiava tutto solo e si rammaricava anche della morte di Max, che era il suo unico amico. Gli mancava moltissimo. Un buon amico non si trova tutti i giorni. I cani hanno davvero un'anima enorme, capiscono persino noi esseri umani. Il mondo dei cani è pieno d'amore da dare, e loro lo offrono gratuitamente. Bruno era tristissimo, sentiva la mancanza di colui che aveva ucciso per amore di Roberto.

Quel pomeriggio così triste, quando non provava piacere nemmeno nell'annusare le cose, apparve d'un tratto un cane all'angolo della strada.

E, di colpo, un altro cane sbucò da un altro angolo. Poi, dalle case del vicinato, uscirono altri tre cani.

Bruno capì subito di essere circondato da molti cani forti ed enormi. Bruno sapeva che la legge dei cani è la vendetta. Provò a fuggire, ma non riuscì a rompere l'assedio. I cani formavano una sorta di cerchio intorno a lui.

E il cerchio si faceva sempre più stretto. Finché i cani riuscirono a mettere Bruno all'angolo contro un albero.

Allora i cani all'improvviso attaccarono Bruno tutti insieme, facendosi giustizia da soli perché, come dicevo, nel mondo dei cani sono proprio loro a incaricarsi di fare il giudice e il poliziotto. Erano cinque cagnoni contro Bruno. Bruno cercò anche di difendersi ma non aveva forze contro di loro.

E successe quello che c'era da aspettarsi: il peggio. I cinque cani diedero una lezione a Bruno finché non si spense.

E fu così che Bruno Barberini di Monteverdi morì una volta per tutte.

Vi manca Bruno? Anche a me. La storia della vita e della morte di Bruno Barberini di Monteverdi è la storia di un grande amore:

Bruno voleva così bene a Roberto che non permetteva a nessun cane di fargli le coccole o di attaccarlo.

Era un grande amore anche quello fraterno che legava Bruno e Max. Ma il primo amore era per Roberto.

Vi ha reso tristi questa storia? Vi faccio una richiesta: ogni volta che vi sentite solitari, cioè, soli, cercate una persona con cui parlare. Scegliete una persona grande, che sia molto buona con i bambini e che capisca che a volte i bambini o le bambine soffrono. A volte per pura nostalgia, come i pappagallini australiani. Conosco una ragazza che suona molto bene il pianoforte nei teatri. Questa ragazza aveva ricevuto in regalo per il suo compleanno un pappagallino australiano. Le avevano regalato solo la femmina. Il problema è che le persone che regalano un pappagallino australiano devono comprarne due: un maschio e una femmina perché, per via della loro specie, sono così affettuosi che passano tutto il giorno a baciarsi e non possono essere separati. La pappagallina finì per ammalarsi di nostalgia per il suo pappagallino.

Bene, dopo aver raccontato una storia un po' triste sulla nostalgia della pappagallina, voglio sentirmi allegra e far rallegrare anche voi con un'altra storia.

Vi parlerò di una cosa molto bella: un'isola.

Vi piacerebbe avere un'isola tutta per voi e per i vostri amici? A me piacerebbe tantissimo, ma non ce l'ho.

Ma una mia amica si è comprata un'isola tutta per lei e per i suoi amici per riposare. Sapete cos'è un'isola? È un pezzo di terra circondato d'acqua da tutti i lati.

Mi piacerebbe che veniste a fare una visita con me all'isola della mia amica. Potreste fare il bagno in mare, andare in cerca di animali, e di notte dormireste in un'amaca. Non avreste paura perché dormirei nella vostra stessa stanza, proteggendo ogni bambino e ogni bambina.

Nel mare di quest'isola c'è di tutto: tutte le specie di pesci. Ci sono anche i cavallucci marini. Vedere un cavalluccio marino nuotare è bellissimo: è proprio come un uomo o una donna che ballano lentamente.

Quest'isola è un po' incantata.

Perché? Per via dell'aria sempre fresca, dell'erba chiamata sapè che sembra cantare al vento, della città delle farfalle.

Quando la mia amica e un gruppo di suoi amici stavano esplorando l'isola, hanno trovato nel mezzo di una bambusaia la città delle farfalle. Vivono in quella radura, volano in alto, volano in basso, ci volano attorno. Piccole, grandi, blu, gialle e di tutti i colori.

Sembrava un ballo di farfalle in quel silenzio che solo un'isola possiede.

Il silenzio dell'isola è un silenzio diverso: è attraversato dai suoni tipici degli abitanti animali e vegetali. Le piante, se le tocchiamo con delicatezza, hanno le foglie che sembrano cantare. E parlano con noi. Cosa dicono? Dipende se siamo tristi o felici, affamati di bellezza e di chiacchiere.

La mia amica si è comprata l'isola perché possano viverci per del tempo i bambini un po' tristi che non hanno mai parlato con piante e animali. Un cavalluccio marino ha accolto la mia amica mentre faceva il bagno nel mare.

Là in fondo al mare è tutto blu e di tutti gli altri colori, anche grazie ai ricci di mare colorati, alle stelle marine e alle alghe che si muovono e danno quel colore ondeggiante.

Pensate che me lo stia inventando?

Ma se vi giuro su Dio che tutto ciò che ho raccontato in questo libro è vero, ci credete? Beh, giuro su Dio che tutto quello che ho raccontato è la pura verità e che è successo davvero. Rispetto i bambini e le bambine e per questo non ne inganno nessuno.

Bene, grazie per avermi creduto. Non mi piace passare per bugiarda.

Oltre ai banchi di pesci grandi e piccoli, nel mare dell'isola ci sono anche banchi di delfini: sembrano delle piccole balene.

Gli animali della terra sono gli uccelli di tutti i colori e le dimensioni. Sull'isola ci sono anche molti serpenti e molte lucertole.

La casa dell'isola ha porte e finestre che riparano da zanzare, lucertole e serpenti. Ci sono anche mandrie di tapiri.

L'isola è così grande che la sua proprietaria non ha scoperto ancora tutto. E c'è una parte selvaggia che non è mai stata esplorata.

La parte incantata sono i giochi nel mare di notte: dalla pesca con la luce della lanterna all'immersione tutta illuminata dalla fosforescenza delle piante marine. Chiedete ai grandi di spiegarvi cos'è la fosforescenza.

Ci sono frutti come la jaca, gli anacardi, il cajá, la graviola e le banane. E dalle palme altissime cadono cocchi a volontà, anche addosso a noi se non stiamo attenti. Ci sono anche guaiave bianche e rosse e pitanga scarlatte.

L'acqua da bere è stata canalizzata con i giganteschi bambù dell'isola.

È un'isola così incantata che avrei paura di stare da sola di notte nella mia amaca. Su quest'isola ci sono tutte le specie di alberi, piante, frutti e fiori.

Vivere su un'isola per sempre è triste perché non ci vogliamo separare dalla famiglia e dagli amici. Ma non dobbiamo viverci. Basta passarci il sabato e la domenica.

Va bene, lasciamo in pace l'isola e torniamo agli animali. Ho un'amica che ha un cane che abbaia così tanto e così forte che mi faceva venire voglia di abbaiargli in risposta.

Mi offendo molto quando un animale ha paura di me, perché sono coraggiosa e proteggerei gli animali. Qualcuno di voi ha paura? Io me ne occupo e lo consolo. Perché so cosa significa avere paura da bambini, visto che sono stata una bambina anch'io. Ancora adesso ho paura di certe cose.

Un'altra mia amica aveva una cagnolina chiamata Pallina. Era molto normale, più normale di molta gente umana e di molti cani. Era una madre perfetta. Si occupava da sola dei cuccioli e li leccava invece di fargli il bagno. Quando la mia amica si avvicinava, spingeva i cuccioli con il muso per presentarli. Pallina insegnava ai suoi figli a correre e a giocare.

Era molto sensibile e un po' nervosa. Sentiva da lontano l'arrivo delle persone. Quando le persone erano arrabbiate, o se lei faceva qualcosa di sbagliato, si accostava al muro e stava lì a guardarle imbarazzatissima.

Non ho storie di cavalli da raccontare ed è un peccato, perché il cavallo è un animale di grande bellezza.

Bene, ora è arrivato il momento di parlare del mio crimine: ho ammazzato due pesciolini. Giuro che non l'ho fatto apposta. Giuro che non è stata tutta colpa mia. Se fosse stato così, l'avrei detto.

Mio figlio era andato in viaggio per un mese e mi aveva chiesto di badare a due pesciolini rossi dentro l'acquario.

Ma era troppo tempo per lasciarmi i pesci.

Non è che non sia affidabile. È solo che sono molto occupata, perché scrivo anche storie per i grandi.

E così come la madre o la domestica si dimenticano una pentola sul fuoco e quando vanno a vedere tutto il cibo si è bruciato – ecco che anch'io ero occupata a scrivere storie. E ho semplicemente fatto una cosa simile a lasciare bruciare il cibo sul fuoco: mi sono dimenticata per tre giorni di dare da mangiare ai pesci! Proprio a loro che erano così ghiotti, poveretti.

Oltre a dare loro da mangiare, dovevo sempre cambiare l'acqua dell'acquario, per farli nuotare nell'acqua pulita.

E il cibo non era del cibo semplicemente: veniva comprato in negozi specializzati. Sembrava una polverina orribile, ma doveva essere buono per i pesci perché se lo mangiavano tutto.

Devono aver patito la fame, come le persone. Ma noi parliamo e ci lamentiamo, il cane abbaia, il gatto miagola, tutti gli animali parlano con i suoni. Ma i pesci sono muti come un albero e non avevano voce per lamentarsi e chiamarmi. E quando sono andata a vedere, erano fermi, magri, rossini – e purtroppo ormai morti di fame.

Vi siete arrabbiati molto con me per quello che ho fatto?

Allora perdonatemi. Anche io ero molto arrabbiata per la mia distrazione. Ma ormai era troppo tardi per rammaricarmene.

Vi chiedo davvero di scusarmi. D'ora in poi non mi distrarrò mai più.

Mi perdonate?

Il Grande Mentecatto

Fernando Sabino

Traduzione di Monalisa Teixeira

CAPITOLO IV

Di come Viramundo colse rose e spine a Barbacena finendo in un manicomio dal quale riuscì a fuggire, grazie a un imbroglio ben riuscito, e finì candidato a sindaco della città.

AL SUO arrivo nella sua nuova residenza, Geraldo Viramundo fu condotto direttamente nell'ufficio del direttore, un vecchietto con la testa bianca e gli occhi azzurri che rispondeva al nome di Dr. Pantaleão.

— Tu cosa sei, figliolo? — chiese il Dr. Pantaleão.

— Sono cristiano per grazia di Dio — rispose Viramundo.

— Bravo! Così va bene. Questo almeno parla. Ogni pazzo con la sua mania. Di medico e di matto, tutti ne abbiamo un tratto. Sto chiedendo quale è la tua incarnazione.

Prima che Viramundo pensasse a una risposta, il Dr. Pantaleão cominciò a parlare molto velocemente:

— Di Napoleone ne abbiamo ancora tre o quattro. Ne abbiamo avuti molti. Non abbiamo mai avuto un papa, ma santi ne abbiamo parecchi. Abbiamo anche uno che è un chicco di mais, non può vedere una gallina, scappa correndo. E c'è un altro che è proprio una gallina, vive dietro al povero chicco di mais, coccodando. C'è uno che è una caffettiera: passa tutto il giorno con un braccio in vita e l'altro in alto, ma non serve caffè a nessuno, penso che sia vuota. C'è di tutto. Abbiamo due Dom Pedro. Pedro Secondo, dico. Non so perché, ma Pedro Primo non n'è più apparso. L'ultimo che abbiamo avuto, molto tempo fa, è morto a forza di fare "l'urlo dell'Ipiranga" proclamando l'indipendenza. Indipendenza o morte! Indipendenza o morte! Indipendenza o morte! Continuava così tutto il tempo, cavalcando una scopa. Tu chi sei?

— Io sono più io — rispose prontamente Viramundo.

— Non puoi. Se tu fossi più tu, non saresti qui. Tu sei meno tu, questo sì. E nove meno nove, zero. Se io fossi te, sarei qualcun altro, non sarei io. Quindi, devi essere qualcuno. Basta scegliere. Non scegliere Tiradentes, però, che potrebbe andare male. Ne abbiamo avuto uno, e finì impiccato. Dovette venire Caxias, il pacificatore, a mettere ordine in questo manicomio, che qui era una vera pazzia. Se mi permetti questa ridondanza, hi! hi! hi! Tutti qui dentro devono essere qualcuno o qualcosa. Tu chi sei?

Senza aspettare risposta, il Dr. Pantaleão si avvicinò e continuò a parlare, abbassando la voce e con un luccichio di astuzia negli occhi:

— Ti darò un consiglio: sii una cosa, non una persona. Essere una cosa è molto meglio. Qualcosa di molto morbido, molto leggero, molto soffice... Una nuvola, per esempio. Ti racconterò un segreto, ti chiedo di non dirlo a nessuno. Quando sono venuto qui, la mia intenzione era di essere una nuvola, ma non potevo, perché avrei dovuto girare nudo, il che era incompatibile con la mia condizione di direttore. E hai mai visto una nuvola con i pantaloni? Eh! eh! eh!

— Vladimir Majakovskij! — esclamò solennemente Viramundo.

Il Dr. Pantaleão sobbalzò, fece un passo indietro e iniziò a guardarlo con più rispetto:

— Di che parli, figliolo?

— Poeta russo. Autore di quella poesia che lei ha menzionato, “Nuvola in calzonni”.

Come già detto, e se non detto, lo dico ora, Geraldo Viramundo amava la poesia, e aveva letto quella poesia in una traduzione di un altro poeta, sudamericano, di nome Pablo Menendez de los Campos, pubblicata in una rivista che per caso gli era capitata tra le mani. Tutto ciò Viramundo riuscì a dire in fretta, approfittando dello stupore del Dr. Pantaleão, che era veramente impressionato da tanta erudizione:

— Bene, può essere un poeta russo. Ma che idea, ih! ih! ih! Non mi fraintendere se lo trovo divertente. Come si chiama? Merdakovski?

Da qui l'origine dell'epiteto Merdakovski, generale Bulgaro, costante nella lista di soprannomi che ho raccolto e già presentata in questo lavoro. Solo che Majakovskij non era bulgaro e, per quanto ne so, non è mai stato generale. Ma chi può trovare una ragione in un soprannome originato in un manicomio? Perché, da quel momento, lui è diventato Merdakovski per il Dr. Pantaleão e i suoi inquilini, per tutta la durata della sua permanenza in quell'istituzione.

Permanenza più breve di quanto si potrebbe immaginare, e conclusa grazie a un ingegnoso stratagemma del grande mentecatto, come avremo occasione di vedere più avanti, nel prosieguo del nostro racconto.

Inviato dal direttore nel cortile dove si trovavano gli altri interni, Viramundo ebbe subito la sorpresa di verificare che praticamente tutto ciò che il Dr. Pantaleão gli aveva detto, lì si confermava. Entrando, gli passò accanto, correndo spaventato, il tizio che era un chicco di mais, inseguito da un altro che, coccodando, sbatteva le braccia a mo' di ali. Più avanti incrociò un barbuto che gli altri trattavano rispettosamente come Sua Maestà, l'Imperatore. Ce n'erano davvero più di uno con tale titolo e, indispettiti l'uno dall'altro, i due imperatori non si parlavano, ciascuno circondato dai propri cortigiani. Al centro del cortile trovò un gigante alto più di due metri, con le braccia alzate, immobile come se fosse un albero. Nel suo turbato intendimento, era davvero un albero, o, più precisamente, una quercia, a causa del suo nome, poiché si chiamava Salustiel Carvalho, come gli altri internati informarono subito il nuovo arrivato, invitandolo a sedersi all'ombra dei suoi rami. Viramundo si sentiva a suo agio in mezzo a loro, parlava con l'uno e con l'altro, rideva e scherzava, come se finalmente fosse tra i suoi simili, creature della sua stessa raffinata stirpe.

In un angolo, vide un tizio con l'orecchio incollato al muro. Si avvicinò a lui.

— Ssh — fece l'altro, chiedendo silenzio con il dito sulle labbra. Poi invitò il suo nuovo collega con un gesto della mano: — Vuoi ascoltare anche tu?

Viramundo accostò l'orecchio al muro e rimase in ascolto. Niente, silenzio totale.

— Non sento niente — confessò, alla fine.

L'altro confermò, con uno sguardo astuto, senza staccare l'orecchio dal muro:

— Nemmeno io. E sono più di dodici ore che è così!

Riempirei pagine e pagine se dovessi descrivere in minuzia ogni momento vissuto dal grande mentecatto nel manicomio. Ripeterò solo che lì si sentiva bene, come se fosse a casa sua, a Rio Acima, circondato dai suoi fratelli. E non avrebbe usato alcuno stratagemma per scappare, come fece, se non avesse scoperto che si trovava lì non proprio per sua libera e spontanea volontà, ma come un condannato rinchiuso in prigione, come il suo amico Barbeca, che un giorno decise di visitare. Essendo andato dal direttore per sapere quando sarebbe stato possibile farlo, il Dr. Pantaleão gli rispose con un sorriso malizioso:

— Il giorno di San Mai, Merdakovski.

— Merdakovski un corno: José Geraldo Peres da Nóbrega e Silva — protestò Viramundo, ferito nel suo orgoglio, poiché sapeva perfettamente che non esisteva nessun santo con tale nome, essendo quindi improbabile che ci fosse nel calendario un giorno a lui dedicato. Si sentiva privato della sua libertà di andare e venire, che era uno dei postulati più cari alle sue convinzioni, *libertas quae sera tamen!* Anche se tarda, sapeva come conquistarla. Non ci volle molto. Uscendo dall'ufficio del direttore, ebbe la sorpresa di incontrare nella sala d'attesa qualcuno che lo fece indietreggiare per non essere visto, e scappare subito per un corridoio. Era nientemeno che Herr Bosmann, il tedesco delle rose sfogliate, che, accigliato, aspettava di essere ricevuto. Infatti, Herr Bosmann, dopo essere passato per la prigione locale per verificare se uno dei due vandali che avevano devastato il suo roseto stava scontando adeguatamente la pena, era andato al manicomio per accertarsi anche della situazione dell'altro.

Viramundo si trovò in un'infermeria deserta a quell'ora. Vedendo un camice da medico su un appendiabiti, non ci pensò due volte prima di indossarlo e passare a una saletta adiacente, dove due infermieri robusti stavano prendendo un caffè con *requijão* e discorrevano allegramente, mentre i pazienti nelle gallerie e nel cortile concedevano loro una tregua. Vedendo quel medico, uscito dall'ufficio del direttore, dirigersi verso di loro, si fecero seri, rispettosi:

— Ai suoi ordini, dottore.

Il grande mentecatto non perse tempo a renderli strumenti dell'inganno che gli era venuto in mente di mettere in atto. Disse loro che nella sala d'attesa c'era un paziente pericoloso che aveva portato, soggetto a crisi di collera nelle sue allucinazioni, in cui afferma di essere straniero e proprietario di vasti roseti in città; era urgente che fosse immediatamente internato, tanto più che, nella sua follia, diceva di essere vittima di lui stesso, Dr. José Geraldo Peres da Nóbrega e Silva, rinomato alienista, con lunga pratica negli ospedali di Berlino e Vienna e che, travestito da vagabondo qualunque, avrebbe distrutto le sue rose.

I due guardiani non esitarono a eseguire gli ordini del Dr. Peres da Nóbrega e Silva. Si diressero decisi verso la sala d'attesa, afferrarono senza indugio il tedesco

per le braccia e le gambe e lo rinchiusero nel manicomio, nonostante si dimenasse, preso dalla furia nel vedere Viramundo tutto elegante nel suo camice da medico:

— È lui! È il vagabondo che ha distrutto le mie rose! È lui il pazzo, non io!

La cronaca della città narra che Herr Bosmann sarebbe rimasto nel manicomio per il resto della sua vita, ormai incarnato nella personalità del Kaiser Guglielmo II, Re di Prussia e Imperatore di Germania, assicurando a tutti che la Germania avrebbe vinto la guerra del 1914. Quanto a questo, non saprei dire. So solo che le sue grida di protesta risuonavano ancora nei corridoi del manicomio mentre il Dr. José Geraldo Peres da Nóbrega e Silva stava già raggiungendo tranquillamente la strada, rammaricato solo di non essersi congedato dal Dr. Pantaleão che, da collega a collega, non era una cattiva persona, solo un po' offuscata dall'età nel suo discernimento mentale.

È ora di nutrire i serpenti

Marina Colasanti

Traduzione di Ivana Xenia Librici

PROLOGO

Infilò il serpente nell'ago. E iniziò a cucire.

Tattica
Una finestra dipinta in *trompe l'oeil* sulla facciata di una casa. Nel davanzale di questa finestra, accanto a un vaso di gerani dipinto anch'esso, un gatto vivo che vuole far parte dell'insieme e per questo si sforza di mantenersi immobile.

Per annientare la concorrenza, il vaso di gerani lascia cadere una foglia.

Al sole

Allora, quell'estate, l'albero generoso alla cui ombra si riparavano le mucche, iniziò a produrre latte.

Amata nascosta

Desideroso di voler bene a qualcuno, si innamorò di una volpe. Le volpi, è risaputo, sono creature incantate che racchiudono in sé lo spirito di una donna. La amò con devozione per molti anni, senza che la donna nascosta si facesse conoscere. Quando la volpe infine morì, la solitudine si mise a sedere dinanzi a lui. Il quale, ormai abituato, continuò a nutrirsi di carne cruda.

Tra il bianco e il nero

Non crede di essere capace di vivere quest'uomo che, tutto solo, gioca a scacchi con il computer. Come in tante partite giocate, tutte perse, non affronta solo l'avversario invisibile,

ma duella con un dubbio. È meglio:

- perdere e rinforzare la certezza della sua incapacità?
- o vincere e distruggere abitudini e identità?

Da Dentro

Così difficile, per lei, scaldarsi di notte.

Indossava le calze, ma i piedi, gelati. Si metteva il pigiama di flanella, e le gambe, di marmo.

Maglioni e braccia incrociate sul petto non aiutavano quasi per niente. E coperte, coperte, coperte. La notte in cui sopra a tutto stese la sua giacca di montone, si sentì finalmente protetta.

Si svegliò all'alba, la nuca bollente, i capelli inzuppati di sudore, e una nausea, un impeto che le riempiva la bocca di saliva e cercava di farle espellere ciò che aveva in lei di più profondo.

Senza curarsi del tappeto, si affacciò dalla sponda del letto e, in un getto, vomitò i primi coaguli di fuoco.

Nella misura

Aveva solo mezza ombra. Nessuna sorpresa.

Era solo mezzo uomo.

Come il cavallo

Camminava sulle mani perché, come il cavallo del Barone di Munchausen, era stato tagliato a metà. Non da una palla di cannone, ma dalla vita. Attorcigliati attorno al braccio portava tralci di edera con cui avrebbe unito la parte assente nel momento in cui l'avesse trovata. E palmo a palmo la cercava, anche se sospettava che fosse a pezzi.

Per conservarlo nel posto giusto

Un uomo si sveglia, si alza, va in bagno, apre il rubinetto, alza il viso verso lo specchio. Il suo viso non c'è. Nello specchio c'è la struttura del viso, il supporto, ma non i lineamenti. Sorpreso e ancora assonnato, l'uomo si palpa la fronte, la testa, la nuca. Chissà, magari il viso è scivolato indietro. Non lo trova. L'angoscia inizia a salirgli su per la gola. Si guarda intorno, cerca. Le piastrelle asettiche sono la solita scacchiera bianca e nera, niente tappa lo scarico del lavandino, niente galleggia sull'acqua del gabinetto.

L'uomo ritorna in camera, cerca meticolosamente, come un segugio. Controlla dappertutto, i luoghi ovvi e i più improbabili. Apre le tende. Solo in quel momento vede il suo viso disteso sulla federa del letto. Sentendosi quasi tradito, senza osare toccare quella pelle, se di pelle si tratta, scuote il cuscino piano piano. Il viso non si muove. L'uomo scuote con più energia, lo chiama. Il viso non risponde né sente, le orecchie infatti sono rimaste attaccate alla testa. Con la punta delle dita, improvvisamente diventate molto delicate, l'uomo cerca di scollare dal tessuto una qualche linguetta, un qualche filino che spunti e che gli permetta di tirar via il resto. Invano. Il viso è fuso nel lino come un ritratto sulla tela. Lentamente, per non rovinare i suoi lineamenti, toglie il cuscino dalla federa. Pensa che forse, se la bagna. Ma si ferma prima ancora di tornare in bagno. Due timori lo trattengono: che il viso si sciolga sotto l'acqua, o che affoghi nel rubinetto.

Con la federa in mano, non osa piegarla, potrebbero crearsi delle crepe nel viso. Nemmeno può lasciarla su una sedia, abbandonare se stesso come uno straccio. Per un po' di tempo rimane così, sperduto nel mezzo della stanza, la federa penzoloni dalle mani. E d'un tratto se la infila in testa, come un cappuccio, cercando di mettere

il viso là dove dovrebbe stare. Così passa la giornata. Quando viene notte, esce. Le persone si sorprendono nel vederlo incappucciato. Ma non si rendono conto, non esattamente. Prendono la federa stampata per un foulard, per il cappuccio di un giubbotto. Un uomo strambo non attira troppa attenzione per strada, soprattutto al buio. La gente si allontana e continua a camminare. L'uomo ritorna a casa all'ora di andare a dormire, si toglie la federa dalla testa, ci infila dentro il cuscino, ormai senza troppi riguardi. Ha capito che non sono necessari. E si corica a pancia in giù, con la faccia sopra il viso. Ma poco dopo si sente soffocare non si sa se dalle piume d'oca del cuscino o dai suoi vecchi lineamenti ed è costretto a girarsi un poco di lato. Il mattino dopo, quando si sveglia, guarda subito la federa. Il viso non è più lì. Felice, speranzoso, corre allo specchio. Il viso è tornato al suo posto. O meglio, quasi al suo posto. Si è incollato un po' storto. Una guancia gli copre l'orecchia, l'altra sembra corta e, decisamente, il naso non è centrato.

L'uomo unge il viso con la crema, cerca di farlo scivolare, metterlo a posto. Il viso non si muove. Meglio di ieri, però, pensa l'uomo. Si infila un cappello e abbassa la visiera, si arrotola una sciarpa alta attorno al collo e va a lavorare.

Che freddoloso! Pensano i colleghi. Ma la giornata finisce e l'uomo torna a casa.

A casa si studia allo specchio. Il viso è ancora storto verso destra. Allora toglie lo specchio dal chiodo, lo inclina verso sinistra e inizia a dargli dei colpetti con la mano, a sbatterlo pian piano sul tavolo. Colpo dopo colpo, il viso scivola tra il vetro e lo strato d'argento dello specchio, si stacca, si sposta. Quando alla fine il naso è al centro, l'uomo appende lo specchio e si guarda. Il suo vecchio amato viso è tornato a posto. Ma gli occhi, forse più profondi del solito, si chiedono come fare per conservarlo così.

Prima storia dell'insonnia

Siccome il sonno si rifiuta di accoglierlo nel letto, un uomo inizia a contare pecore. Della qual cosa ne approfitta il lupo, per scivolare furtivo nella scena e mettersi a bocca aperta dall'altro lato del recinto.

Diritti di proprietà

La verità non era disponibile in quella stanza, in quella casa, quel pomeriggio. Eppure, due uomini discutevano, con ironica eleganza al principio e con ferocia poi, entrambi sicuri di possederla. Sarebbero arrivati a disputare un duello, se non fosse intervenuto un terzo a offrire la pace attraverso un'altra opinione. Tornati al territorio sicuro della civiltà, ognuno mantenendo in silenzio il proprio lotto, adesso erano in tre a possedere la verità inesistente.

Storia 1

In tempi di cui mancano testimonianze perché non esisteva la scrittura, gli sciiti furono oppressi da affollati stormi di aquile che oscuravano il sole e minacciavano i bambini. Arco e freccia erano, oltre alle lame, la loro unica arma. Solo molti secoli dopo discesero dalle terre del Nord. E gli assiri, che per primi testimoniarono la

presenza di quei barbari, non capirono mai la loro strana usanza di sparare frecce verso le nuvole.

Un poco, per amore

Siccome si amavano, si abbracciarono e confusero i loro corpi. Quando, finito l'amore, si separarono, lui si allontanò un po' zoppicante perché, oltre al ventricolo sinistro, si era appropriato di una tibia di lei, leggermente più corta della sua. E lei se ne andò, più alta di quando lo aveva incontrato, ma con le palpebre socchiuse sui cristallini prima di lui, e adesso suoi. E miopi.

Scritto nelle squame

Acquattato nella selva con il sole e con la pioggia, immerso nelle acque fluviali sotto attacco degli insetti, cacciò per anni la leggendaria Anaconda. Alla fine, prima che si esaurissero le sue forze, si accontentò di un boa. Adesso, sventrato l'animale, percorre la pelle con dita ansiose che cercano di leggere la storia ancestrale scritta nelle squame. In effetti, come gli aveva detto lo sciamano, uno schema emerge progressivamente da questa lettura. Ciò che lo sciamano aveva ommesso è che a lui, pallido intruso, sarebbero serviti secoli per decifrarlo.

Quarenta giorni

Maria Valéria Rezende

Traduzione di Ana Maria Chiarini

*Non chiedermi perché ti scrivo. Scrivo perché le parole sono lì, come
la città, la notte, la pioggia, il fiume, davanti a me, dentro di me, un
torrente di parole che non mi spettano.*

Marília Arnaud

Solo ora so perché mi sono messa in testa di portare nel bagaglio questo vecchio quaderno vuoto, trecento pagine ingiallite, questa Barbie sulla copertina con una cornice rosa, chissà di chi era o come era andato a finire a casa mia. Quando Norinha era piccola, credo che questi quaderni di Barbie neanche esistessero. Eppure è vecchio, non è politicamente corretto, viene da una epoca in cui non si riciclava niente, una volta era bianchissimo, non so quanti alberi sono stati assassinati, insomma, tutta questa storia. Mi sono impuntata e basta. Lo voglio, lo voglio, nonostante la furia organizzatrice della cugina Elizete avesse cercato di metterlo nel mucchio delle vecchie cianfrusaglie, quasi spazzatura, da vendere in quel tale "garage sale" che ha imparato dalla figlia vissuta negli Stati Uniti e si è inventata di fare con la mia roba.

Mia figlia ha detto Ma che cavolo, mamma? Pare tu sia diventata una vecchia signora sentimentale, attaccata a cose che sono completamente superate. Ecco, non è servito altro: Elizete ha preso la palla al balzo e si è data da fare per svuotare cassetti e scaffali, per scegliere vestiti, Madonna, Alice, vanno bene solo per il mercatino dell'usato, o nemmeno per quello, tutta roba vecchia! Da quanto tempo non rinnovi il guardaroba? spostare i mobili, noleggiare furgoni e portare le mie cose nel suo garage, attaccare in giro cartelli famiglia vende tutto, che fatica solo a guardarla. A quel punto non ho più provato a resistere, non potevo proprio permettermi di portare dietro tutta quella roba, valeva molto meno del costo del camion per un trasloco di cinquemila chilometri. L'ultimo oggetto a lasciare la casa è stata la sedia a dondolo austriaca con la paglia consumata protetta da un cuscino a punto croce, resti della casa della nonna, sulla quale mi sono abbandonata con il muso a guardare lo scompiglio, il crollo della mia vita così bellina, a pensare che grazie a Dio non avevo ancora messo in pratica l'idea di prendere un gatto, poverino, che ne sarebbe stato di lui in una situazione così, vero, Wislawa? Tranquilla, Barbie, sto parlando con un'altra persona.

Il cuscino se n'è andato anche lui. Ci sono rimasta io, in piedi, al centro del soggiorno dell'appartamento vuoto, sentendomi ugualmente svuotata come se l'aspirapolvere che Elizete brandiva in giro per la casa ormai sgombra avesse risucchiato tutto quel che ho dentro e la cara cugina stesse per vendere le mie budella nel suo garage, insieme al resto della chincaglieria. No, no, anzi! avevo ancora tutto dentro e per qualche secondo ho provato un senso di vertigine e di nausea. Elizete mi

gridava che dovevamo andar via, mi teneva la porta dell'ascensore, dovevo togliere l'impiccio, poveri vicini, mi sforzavo di togliermi da lì e, prima di arrivare alla porta, il telefono, lasciato da solo sul pavimento in un angolo della stanza, ha cominciato a squillare, ancora più stridente riecheggiando nello spazio completamente vuoto, mi sono fermata, ma l'ho lasciato squillare, squillare, squillare, alla fine me ne sono andata, sbattendo la porta, l'apparecchio vecchio No, Alice, non è buono neanche per essere venduto, chi vorrebbe un telefono a disco? L'ho lasciato lì, abbandonato, dove non ci viveva più nessuno, nessuno avrebbe risposto per conto di quella casa.

Elizete ha una grinta, qualsiasi cosa faccia... Il garage e il sudore erano suoi. Un po' mi vergogno a vendere questa robbaccia. Darei tutto a São Vicente de Paulo, ma volevo evitare qualsiasi discussione. Come minimo ti pagherai il viaggio e ti avanzerà qualche soldino per spassartela a Porto Alegre! Spassarmela, io?! Poi è saltato fuori il quaderno. Che scema, Alice! Non mi dire che hai intenzione di ricominciare al Sud con questa sciocchezza di insegnare per l'intera giornata e ti servirà un quaderno vecchio vuoto e spesso che invece potresti vendere per otto o dieci reais, uno nuovo come quello lì costerà venti reais o anche di più, perché portare peso inutile in valigia? Con due pensioni, assurdo! quella di tuo marito e quella delle lezioni di francese, basta e avanza.

Che ne so, questa volta ho resistito fino alla fine, mi sono aggrappata al quaderno come a una boa, forse solo per dire NO a qualcuno, per non mollare davanti all'ennesima volontà altrui di prendere il controllo di quella mia vita che ormai scivolava giù per lo scarico come acqua della doccia da quando avevo deciso, o avevano deciso loro, di chiedere la maledetta seconda pensione. Un patetico tentativo di resistenza, ma in fondo aveva un senso, adesso lo capisco. Il quaderno l'ho messo in valigia per pura testardaggine, ma con una destinazione nascosta, un'ancora di salvezza per riscattarmi dalla confusione che mi aveva inghiottito. Forse

*Quella figura fatta di
pezzi assemblati
non mi sorride
ma neanche mi chiede nulla
ma neanche mi risponde nulla*
Luci Collin

Sono appena entrata in questo appartamento — non riesco ancora a dire “casa”, ci provo, ma non c'è verso — esausta, con un calpestio nel petto, senza sapere dove scaricare sto macello di immagini impressioni sentimenti accumulati in quaranta giorni, ho posato lo sguardo su Barbie e ho capito subito su chi avrei scaricato tutto. Per fortuna il quaderno era lì, vicino alla porta d'ingresso, sul tavolino del telefono, dove l'avevo lasciato da quando avevo disfatto le valigie, senza saperne cosa fare. Non ho chiuso la porta a chiave, non sono andata in bagno, né ho bevuto un bicchiere d'acqua, tanto meno ho pensato di telefonare a Norinha, a Elizete o al Papa, una sensazione di esistere sciolta, in mezzo al mondo, senza determinazioni altrui, ma esposta a tutto, una conquista dura, persistendo come se fossi ancora per

strada, ho preso il quaderno, ho cercato una penna, ho gettato via la borsa che odio con te, Barbie, sulle ginocchia, appoggiandomi sul cuscino viola con volant, odiato pure lui, che Norinha però ha amato, ha comprato e devo ammettere ti si abbina perfettamente, "my dear friend". Ed eccomi qui a vomitare su queste pagine ingiallite i primi scarabocchi con cui le riempirò finché non tirerò fuori tutto e scongiurerò tutta sta gente che si è impossessata di me e urla e va su e giù e piange e impreca e sghignazza e geme e piscia e sorride e caga e scopa e canta e predica e sputa e parla e scopa e parla e vende e parla e sanguina e si vende e sogna e muore e resuscita senza sosta.

Santo cielo! Quante parolacce ho appena scritto! Proprio io che sono una così ammodino! Ma che me ne frega, nessuno la leggerà questa.

Ecco, raccontare a me stessa, per filo e per segno, ciò che mi sta succedendo, sfogarmi con la bambola bionda e i fogli a righe, sordi e zitti, incapaci di spaventarsi, di darmi della pazza, di mandarmi dallo psicoterapeuta o di suggerirmi un corso di ballo per fare amicizia oppure di scrittura creativa per occuparmi il tempo, qui ce ne sono diversi, ottimi! Popolo di scrittori, e ti è sempre piaciuto scrivere, scrivi così chiaro e pulito!, di riempirmi la testa di mille consigli, Abbi cura di te, non sei mica a João Pessoa, Porto Alegre è una città enorme moderna metropoli violenta..., che io non conosco e questo e quello.

Questo quaderno di nessuno e questa comunissima biro che Milena ha lasciato qui sono esattamente ciò di cui ho bisogno. Un sollievo, un compito e delle cose familiari per la vecchia insegnante, una fessura attraverso la quale respirare e far entrare un po' di luce, per pensare di nuovo con un po' di chiarezza, per riscoprire le parole, vecchi strumenti di lavoro. Mi rassicura. "Thank you, Barbie!" Adesso posso andare a bere un po' d'acqua, vedere in che stato di muffa e putrefazione sono le cose nel frigo abbandonato e mettermi sotto la doccia per ore. Dopo

... siamo sempre diversi ogni giorno, cresciamo in continuazione e impariamo sempre di più, anche quando ci rendiamo conto che quello in cui credevamo non era giusto e sembra che siamo tornati indietro. Non torniamo mai indietro. Non si può tornare indietro...

José Luís Peixoto

Niente, Barbie, poi non ce l'ho fatta a stare sotto la doccia per ore, nemmeno per mezz'ora. Ho bisogno di scrivere per non soffocare, adesso, proprio così, a mano, seduta al tavolo della cucina, circondata da pezzi di carta stropicciati, anche sporchi, che ho raccolto per strada per prendere appunti sul retro, come questi qui che ho già copiato fronte e verso, la raccolta bilingue di poesie di Borges, trovata in un negozio di libri usati, unta e bisunta, alcune pagine strappate da vecchi libri, poi tre foto di sconosciuti, il cellulare del morto, sempre muto che nessuno reclamerà, e proiettati dalla mia memoria ancora ed esalante di umanità, o disumanità?, i volti di tutti loro ovunque: sulle pareti, sul pavimento, sul soffitto, sui fornelli, sulla porta del frigorifero, sulla credenza.

Nel frigo non c'era nulla di marcio, ma c'erano, nell'armadio sopra il lavello, una confezione di latte, un pacchetto di biscotti e un barattolo di prugne secche. Una lauta cena per chi non ha né fame né sonno, ma solo un bisogno urgente di dire tutto. Milena è passata di qui, non c'è proprio niente in frigo, ma le bottiglie di acqua sono piene. Tutto pulito e senza lo strato spesso di polvere che mi aspettavo di trovare. Milena è venuta, anche se non riceve la sua paga da quaranta giorni! Milena.

Quaranta giorni nel deserto, quarant'anni. Solo ora so esattamente quanto è durata questa follia, perché a Milena non è venuto in mente di strappare i giorni trascorsi dal calendario del Sacro Cuore di Gesù che zia Brites continua a mandarmi ogni Natale, e quando sono entrata ho chiesto la data di oggi al portiere Jerônimo, che mi guardava come se vedesse un fantasma. Ci credo! L'orologio all'ingresso del condominio segnava le sei e dieci del mattino, lui doveva essere appena arrivato per il cambio del turno e io dovevo sembrare proprio un fantasma. Non gli ho spiegato nulla, né lui mi ha chiesto delle valigie che non c'erano, della mia lunga assenza che in qualche modo continua, io assente da me stessa, apparentemente dentro, ma assente da questo appartamento che più che altro sembra il set di una fiction. Quaranta giorni. Ho attraversato la Geenna. Sono appena uscita dalla quarantena. Non ho pianificato niente, ci sono caduta senza volerlo, senza rendermi conto che quella poteva essere la barca dell'inferno.

Nessuno leggerà quello che scrivo, ma scrivo comunque. È l'unico modo per ritornare interamente, come se fosse possibile fare dietrofront. Ma ci provo, perciò lascio tranquillo il mio dinosauro elettronico tenuto così bene in camera ospiti/studio e quello che voglio è il manoscritto, per farsi che tutto scorra direttamente dal corpo alla penna e poi alla carta. È l'unica cosa che riesco a fare in questo momento. L'unico modo possibile per liberarmi di loro, per cacciarli dallo spazio che occupano dentro di me e recuperare la mia propria presenza è ridurli a carta e inchiostro e rinchiuderli in un cassetto o dargli fuoco per sempre. Sarà così?

Scrivere tutto, va bene, l'ho già detto in tante maniere, è ciò che voglio e di cui ho bisogno, ma da dove comincio? Si comincia dall'inizio, naturalmente: "merci, M. de Lapalisse!", o "de la Palice, comme vous voulez". La vita ricomincia sempre.

Indomabili lacrime di donne

Conceição Evaristo

Traduzione di Elisa Iacopozzi

MIRTES APARECIDA DA LUZ

Quando Mirtes Aparecida Da Luz venne ad aprirmi la porta non appena iniziai a bussare, la sua disinvoltura fu tale da farmi dubitare che la ragazza non vedesse tanto quanto me. Con la stessa scioltezza mi indicò la sedia, aprì la vetrinetta per prendere le tazzine, filtrò il caffè e mi offrì i biscottini fatti in casa da lei. Mi resi conto che Da Luz (le piaceva essere chiamata così) non mi vedeva come la vedevo io, solo quando chiese il permesso di toccarmi il viso e tenermi le mani, per rendersi conto della persona con cui stava parlando. E, dopo piacevoli tocchi sui miei capelli, sui miei occhi e sulla mia bocca, e dopo lievi colpetti sulle mie mani, si accorse che ero agitata. Pertanto, non era ancora il momento di condividere le nostre storie. Accettai le sue considerazioni. Era vero, io ero molto tesa. La condizione della mia interlocutrice mi metteva davanti a un dubbio. Come potevo vedere i suoi occhi, coperti da occhiali scuri? Per me una conversazione implicava guardarsi negli occhi, tanto più che ero lì ad ascoltarla. Per questo, il registratore rimaneva dimenticato sul tavolo e mi liberavo dello sguardo della deponente o smettevo di guardarla, solo quando dovevo girare la cassetta o metterne un'altra. E, quando la narratrice non mi guardava, ero io ad accompagnare il suo sguardo, come avvenne quando ascoltai Campo Belo che parlava con me contemplando la foto della figlia. Come accompagnare lo sguardo di Da Luz? Come capire dove stesse guardando? E forse, accorgendosi dei miei dubbi e del mio imbarazzo, dopo avermi mostrato tutta la casa, dopo avermi invitato a passeggiare nei dintorni e avermi fattole treccine nagô nei capelli, così pettinati come i suoi, Da Luz mi portò nella sua stanza. Aprì la finestra, lasciando entrare l'incantevole sole del tramonto, e mi chiese se mi desse fastidio chiacchierare lì. — Lì fuori rischio di distrarmi con tutto intorno a me. Mentre diceva ciò, le sue mani raggiunsero il mio viso, cercando delicatamente i miei occhi. E, con gesti ancor più gentili le sue dita toccarono le mie palpebre, muovendosi dall'alto verso il basso. Mi presi un attimo per capire le intenzioni di Da Luz. Lei voleva che io chiudessi gli occhi. Li chiusi. Da quel momento, la voce di Da Luz suonò nello spazio confuso dei miei occhi chiusi. — Immagina come sarebbe avere un figlio mio! Colsi il suo discorso nell'aria. Sentii un forte desiderio di guardarla, ma mi trattenni. Aveva chiuso i miei occhi e aprirli significava tradire la sua fiducia. Era come rompere un accordo implicito che avevo accettato senza oppormi. La proposta di immaginarmi come sarebbe stato suo figlio mi prese alla sprovvista, dato che, fino a quel momento, non avevo realizzato che Da

Luz potesse essere madre. Da quel corpo che percepivo lì, presente nell' nell'oscurità della mia vista, arrivò di nuovo il tono perentorio: — Immagina, immagina come sarebbe un bambino venuto dal mio grembo! Avevo paura di immaginare. E se la mia immaginazione fosse dolorosamente falsa... E se dolorosamente fosse vera... Rimasi in un silenzio sfuggente. E, ancora una volta, le parole di Da Luz attraversarono quello spazio tra noi non visibile, ma percettibile nel pensiero. Intanto, un altro personaggio entrò in scena. Il padre del bambino che aveva avuto. E fu con la presentazione di questo personaggio che Da Luz iniziò a raccontarmi la sua storia: — Forse il mio compagno era in balia di pensieri angoscianti. Mentre io aspettavo il bambino piena di gioia perché stavo diventando madre, lui no. Stava vivendo un sentimento confuso e inquieto di paternità per un figlio, che non sapeva come sarebbe stato. Durante i nove mesi, dal momento in cui ci siamo accorti che ero incinta, fin dal primo mese, il mio compagno forse disegnava, nella sua mente spaventata, l'immagine del bambino che avremmo avuto. Apparentemente tranquillo, in realtà il suo dubbio era evidente. Come sarebbe stato il nostro bambino? Cosa avrebbe ereditato dalla madre? Nelle carezze sulla mia pancia, nella sistemazione della stanza per il nostro bebè, si potevano cogliere i suoi gesti tremanti e il suo atteggiamento impaurito. Un futuro ignoto, che ancora non ci apparteneva, riempiva di preoccupazione la sua attesa del nostro bambino. In me, nessun timore. Da quando iniziammo a frequentarci, gli avevo spiegato varie volte la causa della mia vista offuscata. Una malattia che mia madre prese all'inizio della gravidanza, che colpì il feto e che ne condizionò la vita. Nel mio corpo risiede la mia completezza, che è differente dalla tua. Gli occhi non sono tutto. Al momento Gaia Da Luz, mia figlia, è in vacanza, è andata a casa della nonna. Una bambina o, meglio, una ragazzina che non si lamenta dei problemi di vista della madre. Solo un dispiacere, mio e di Gaia Luz. L'assenza del padre che lei non conobbe. Quel padre che si lasciò bagnare dal liquido amniotico uscito dal mio ventre, mentre mi teneva tra le braccia, diretti all'ospedale, con la bambina che stava per nascere. E, a partire da quel momento, non so più cosa successe intorno a me. I miei sensi assorti, concentrati sul travaglio, non mi fecero accorgere che il padre della mia bambina se n' era andato, lasciandoci un vuoto eterno.

Non so perché rinunciai a rimanere con noi. Non lo so e non lo saprò mai. Non ho risposte, solo domande. Sarà che, cercando di indovinare il viso del bambino che stava per nascere, una visione inquietante offuscò il suo coraggio di continuare a vivere? Cosa portò il mio compagno a uccidersi, nel momento esatto in cui i primi vagiti annunciavano la vita di nostra figlia, Gaia Da Luz? Vita e morte si coniugarono nello stesso istante. Mentre Gaia nasceva, suo padre andava incontro alla morte, a casa nostra, chiudendosi di proposito in cucina, invasa dal gas che lui stesso aveva aperto. Morì senza conoscere il viso e gli occhi della figlia. Perché? Perché? Mia figlia se lo chiede come me. Mi fa molto male quando vedo Gaia Luz contemplare la foto del padre, che lei non conobbe, cercando di scoprire in ogni tratto del suo viso il mistero indecifrabile in cui ci lasciò. Dicono che lei assomiglia molto al padre. Sono d'accordo, anche se le fattezze del corpo insieme al tono più scuro della pelle di Gaia, si avvicinano alle mie. Ma tutto di mia figlia, il timbro della voce, il tono cantilenante della parlata, la figura slanciata, la passione per l'astronomia, tutto rappresenta il

ricordo incessante del padre che vive in lei. E mia figlia da lui ereditò molto, molto di più. I begli occhi castano scuri del padre si muovono nel viso di mia figlia, lo dicono tutti, e la rendono indipendente. Gaia vede come te.

Stregchette e Fatine

Roseana Murray

Traduzione di Monalisa Teixeira

Era un posto nascosto, invisibile agli occhi umani. Sotto un'enorme pietra, la città viveva.

C'era una piazza, dove una metà era sempre soleggiata e l'altra metà era sempre stellata. Una metà piena di fiori, l'altra metà solo di cactus e ortiche. Certo che in quella città funzionavano solo le leggi della magia. Non esisteva nemmeno la legge della gravità!

Posso raccontarvi tutto per filo e per segno, perché mi hanno cercata dentro un sogno e quando mi sono accorta, ero seduta nel mezzo della piazza, sulla panchina che sta metà al lato del sole e metà al lato delle stelle. Una streghetta alla mia sinistra, una fatina alla mia destra.

La streghetta aveva capelli verdi, ricci e vaporosi, che si muovevano come il vento, simili a serpentelli. La fatina aveva capelli azzurri, lisci come fatti di luce. Ognuna mi teneva una mano.

E mi hanno spiegato (per magia capivo tutto), ognuna nella propria lingua, che perché avevano letto il poema Fate e Streghe scritto da me, mi avevano scelta per la Grande Festa. Il motivo della festa è frizzante, hanno detto. Ogni tanto il desiderio di giocare, cantare e ballare era così grande che organizzavano una festa di cattiverie e bontà, con bolle, anzi bollicine di sapone.

Ho notato che quando una parlava con l'altra, parlava la lingua dell'altra! Erano cugine e bilingui. E poiché nemmeno le fate riuscivano a essere sempre buone, né le streghe a essere sempre cattive, avevano deciso di trasferirsi insieme in questa bellissima città nascosta, e la convivenza era molto piacevole. Litigavano molto poco e facevano subito pace.

Poi la streghetta emise un ruggito da giaguaro e altre stregchette cominciarono ad arrivare, uscendo dalle loro case e riempiendo metà della piazza. Subito dopo, la fatina intonò un canto di balena e le fatine iniziarono ad arrivare nell'altra metà. Ed era una gioia e una babele (il significato di questa parola è linguaggio confuso) che dava gusto. I preparativi per la festa stavano per cominciare.

Fu montato un palco. Le stregchette amavano il rock e avevano una band. Le fatine preferivano la musica romantica e avevano un altro gruppo. Ma il terzo gruppo, misto, era di hip-hop, con due cantanti, una fata e una strega, ognuna nella propria lingua. Pura fraternizzazione. Fu allestito anche un tavolo con dolci fateschi e stregoneschi.

Io ero l'unica umana, l'unica testimone di quella festa straordinaria.

Ho mangiato un pezzo di torta di fiori azzurri e, dal lato dei cibi delle streghe, sinceramente, nulla mi ha tentato: crocchette di foglie marce, spine di cactus alla milanese, meringhe di bolle di sapone.

Prima di svegliarmi, volevo fare così tante domande alle incredibili fatine e alle stregchette!!!

Ma dopo aver ballato, saltato, girato, volato, mangiato... mi stava venendo sonno e avevo la certezza che, chiudendo gli occhi, tutto sarebbe sparito in pochi secondi, e mi sarei trovata nel mio letto. Chissà se un giorno sarebbero venute a cercarmi di nuovo?

Le parole segrete

Rubens Figueiredo

Traduzione di Vanessa Castagna

I DISTRATTI

Per quanto io chiuda gli occhi, per quanto mi tappi gli orecchi e con le mani li comprimano con forza, percepisco sulla pelle, sento nelle ossa che il mondo trepida e sbuffa, agitato, attorno a me. Mi stupisce sempre che ogni cosa si sforzi tanto di mostrarsi, mi spaventa sempre che con tanta bramosia tutti vogliano apparire. Per me, nascondersi è l'abilità suprema e rimanere occulti costituisce il talento più prezioso di tutti.

Ma non l'ho pensata sempre così, prima ero come gli altri. Entravo nell'ascensore e le quattro persone che i miei occhi vedevano erano le quattro persone che di fatto l'ascensore trasportava. La voce che il mio orecchio ascoltava al telefono rappresentava, per me, la stessa voce che parlava, molto lontano da lì. La mia mano strizzava una spugna inzuppata e l'acqua che scorreva tra le dita era — così credevo — la stessa acqua che essa, prima, aveva assorbito. Ma a quel tempo, da qualche parte, da qualche vano più oscuro, lui già mi spiava alle spalle. Senza che io lo notassi, lui già sorvegliava, con aria burlona, l'innocenza dei miei movimenti e misurava, con una punta di scherno, l'estensione della mia convinzione sbadata.

Quando ogni cosa si impegna tanto ad apparire, a correre incontro ai nostri occhi e ai nostri orecchi, quando ogni cosa sembra smaniosa di lanciare i propri spigoli e contorni contro le nostre dita, l'attenzione diventa un esercizio futile, un lusso dispendioso, un'arte per frivoli. Ho appreso che, in questo mondo, chi si mostrerà troppo attento farà tardi, perderà l'autobus, sarà chiamato stupido, svegliato, e alla fine si sentirà sbattere in faccia il disprezzo che è la ricompensa riservata agli individui irrimediabilmente distratti.

Ancor più che il disprezzo, prestare attenzione attizza il rancore, fa divampare l'indignazione attorno a noi, poiché in tal modo ci mettiamo al riparo, ci tiriamo fuori dalla portata degli altri, erigiamo intorno a noi un blocco massiccio di aria e lasciamo che il mondo si dilegui attraverso di noi, senza nemmeno toccarci. Il sogno dell'osservatore è di annullarsi davanti a ciò che è osservato. Un sogno possibile. L'ho appreso a poco a poco, grazie a lui, grazie alla sua presenza perfetta, che fino ad oggi non si è mai lasciata vedere.

Ma, se veramente è così, come mi sono reso conto che lui era qui? La prima volta, fu meno di una sensazione, ma comunque più d'una congettura. Da solo nella stanza, tastando la morbidezza del tappeto con i piedi scalzi, un po' stordito dal rumore della televisione accesa nell'appartamento accanto, mi sorpresi, per qualche

motivo, a ragionare così: se non posso vedere allo stesso tempo tutto quello che c'è in questa stanza, se girando la testa da una parte metà del mondo scompare all'improvviso dietro di me, che cosa impedisce che adesso ci sia qualcuno qui e io non lo sappia? Se i miei occhi saranno sempre rivolti in avanti, come posso essere sicuro che non ci sia qualcuno, in questo stesso istante, che mi sta fissando la nuca?

Con un gesto allarmato, mi voltai indietro e tutto ciò che vidi fu lo specchio ovale sulla parete. Il vetro restituì il mio sorriso poco divertito, di fronte alla mia stessa ridicolaggine. Ma in quel momento, con la sensazione che lo spazio nella stanza si fosse contratto, intuì che lui era lì, che si celava abilmente nella fascia stretta in cui il fuoco dei miei occhi e il raggio del riflesso dello specchio non potevano raggiungerlo.

La sua perizia mi risulta ancora più evidente nel ricordare che, attonito, girai un po' per la stanza, guardando ai lati, il che, senza dubbio, lo costrinse a continui spostamenti per sfuggire allo stesso tempo il mio sguardo e la sorveglianza dello specchio. Non mi stanco di ammirare la sua destrezza, quando penso a come, in una stanza così piccola, si sia mostrato capace di schivare tutta la luce che io, lo specchio e il cielo lanciavamo su di lui, ripetutamente, come una rete da cacciatore.

Oggi, riflettendo su quel primo incontro, mi chiedo fino a che punto sia stata di fatto la mia osservazione a rivelarmi la sua presenza, o se lui stesso, per quanto poco, volontariamente si sia lasciato percepire. Forse il suo intento era, in realtà, mettermi in allerta. Forse c'erano stati dei piccoli episodi precedenti, di cui non avevo saputo interpretare il significato. È possibile che lui abbia misurato progressivamente le deviazioni della mia attenzione, con la dovuta cautela, è chiaro, per non mettermi in guardia.

Per esempio, certe mattine in cui mi ero svegliato in preda alla paura e avevo fatto scorrere lo sguardo da un'estremità all'altra della camera, come se le ultime tracce di un incubo fuggissero lungo le pareti, svanissero in fretta lungo il bordo del battiscopa. O ancora situazioni in cui mi ero sorpreso, in autobus, a fissare una persona seduta accanto a me. Ne seguivo attentamente la linea del naso, cercavo con insistenza una piega nell'angolo della sua bocca, come se lì potesse essere seduto qualcuno che conoscevo.

Osservavo il volto di quella persona con uno sguardo così pesante, così opaco, che il mondo circostante impallidiva e le persone attorno a me mi guardavano un po' inquiete. Ma molto prima di questo, già a scuola io preferivo sedermi nell'ultima fila dell'aula, vicino al muro. E, da ragazzino, se ero obbligato a partecipare a qualche festa di famiglia, senza accorgermene indietreggiavo un po' alla volta, passo dopo passo, fino all'angolo della stanza, fino a dove due pareti mi concedevano la consolazione di un cantuccio.

In ogni caso, da quel giorno, dovunque mi trovassi, cominciai a guardarmi intorno per cercarlo. Provavo sempre ad accertarmi della sua presenza, sebbene non lo vedessi mai. A volte, avevo la sensazione di essergli passato molto vicino. Uno spostamento d'aria più lieve di un alito mi diceva che per poco non gli avevo sfiorato il braccio o la spalla.

Per qualche istante, dimenticavo quello che le persone stavano dicendo attorno a me, lasciavo che il caffè si raffreddasse nella tazzina, mentre cercavo, con

la coda dell'occhio, segni dei suoi artifici, dei suoi depistaggi. Con gioia, scopro una penna fuori posto, una piuma di piccione sul mio tavolo da lavoro, un rubinetto che gocciolava in bagno, e in questo riconoscevo dei cenni che lui mi abbozzava, la mano che lui mi tendeva dal fondo del suo nascondiglio.

Dal punto di vista degli altri, io stavo diventando sempre più distratto, più estraneo alle comuni preoccupazioni, sempre più assente. Non hanno mai saputo vedere in questo il segno che la mia capacità di attenzione cresceva e si perfezionava, come un'arte rara. Un antico scrittore ha detto che, quando osserviamo qualcosa con la massima attenzione e durante il tempo necessario, questa cosa, per quanto possa essere banale, si rivela infinitamente interessante. Lo scrittore però non ha detto, e forse nemmeno lo sapeva, che cosa ci succede quando portiamo tale esercizio al limite della perfezione.

Forse il primo indizio sopraggiunse il giorno in cui, dopo l'orario di lavoro, tutti se ne andarono via e mi lasciarono chiuso a chiave in ufficio, senza accorgersi che ero lì. Avevo perso la nozione del tempo e, quando mi ritrovai nella stanza buia, dovetti usare il telefono per chiamare qualcuno e uscire di là. Il giorno seguente, i miei colleghi mi rovesciarono addosso le battute che ormai erano prevedibili, e io stesso trovai la storia divertente. Ma poi notai che le persone avevano cominciato a entrare e uscire dalla stanza dove mi trovavo senza salutarmi, senza nemmeno guardarmi. Distratte, notavano che ero lì solo se rivolgevo loro la parola.

Venne, infine, il giorno in cui non rivolsi loro nemmeno più una parola. Lasciai che mi cercassero e non mi trovassero dove avrei dovuto essere. Lasciai insomma che si scordassero completamente di me, che il mio nome si cancellasse dalle loro voci, ed allora mi sentii più compatto, più chiuso nell'involucro della mia pelle, mi vidi più intero e più concentrato in me stesso che in qualunque altro momento, certo finalmente di imprimere nello spazio e di registrare sulla superficie dell'aria le linee che mi definivano con esattezza e con giustizia. Quello era il dono che mi aveva voluto trasmettere, quando in qualche modo aveva permesso che indovinassi la sua presenza.

Poco tempo fa, ho notato una donna ferma sulla strada, gli occhi apparentemente immersi in una vetrina. In realtà, lei non vedeva quello che c'era dentro, tanto meno quello che si agitava attorno a lei. Tutta la sua attenzione riposava immobile su un punto appannato del vetro.

In un lampo, ho capito che cosa stesse cercando, forse ancora senza saperlo. Ho usato le risorse che la trasparenza del vetro e il movimento dell'aria ci offrono, e lei, all'improvviso, con uno spavento contenuto, si è voltata. Ha guardato da una parte e dall'altra, sospettosa, stringendo la borsetta tra le dita con un po' più di forza. Senza vedermi, è chiaro. Non mi vedrà mai. Nessuno, nessuno mi vedrà mai più. Intanto, nella profondità di quel minuto, inquieta, ma con il presentimento della libertà che già vibrava sul suo viso, lei ha saputo che io ero lì.

Anche per lei è stata la prima volta. Capisco che sta diventando sempre più attenta e che la sua volontà – lo sento, anche da lontano – si condensa un po' di più ad ogni giorno che passa. Presto comprenderà che cosa le sto dando. Presto farà il passo a lato, che la toglierà dalla vista di tutti, sbarazzandola dalla loro guardia

esasperante. A breve, farà il passo corto, mezzo cieco, non di chi avanza ma di chi si sposta, il passo che la lascerà per sempre libera dal tradimento dei distratti. È difficile. Ci vuole tempo.

Ma sta cominciando, anche lei, a trasformarsi in una traditrice.

L'Abita

Eliana Alves Cruz

Traduzione di Francesca de Rosa

SENO DI FERRO

Perché mia madre viene solo a Natale? L'eco dei passi nel lungo corridoio. La corrente d'aria. Le voci confuse mescolate al suono metallico. La luce fredda e fioca come tutto il resto. In aria, un odore misto di candeggina, urina e sigarette. Il battito del cuore accelerato. Un rumore di serrature e chiavi. Il gelo del ferro freddo sulla pelle calda. Il latte che esce da un seno imprigionato. Il pianto stridulo di un neonato che risuona sulle pareti sporche insieme a un urlo rauco. Un'ultima goccia a bagnare la camicia macchiata. Singhiozzi di donna, sguardi angosciati, dolore. Il rumore assordante di tazze che riecheggia sulle sbarre.

Come chi sta annegando e finalmente riesce a risalire, Doralice si alzò dal letto in un balzo. Sudava. Dalla strada proveniva il rumore di qualcuno che batteva una tazza di metallo a terra. Era in quello stato tra l'incubo che sta per finire e la realtà. Guardò al lato, Juba era ancora lì, nel suo sonno profondo. La testa le girava. Strinse gli occhi per sopportare la luce dello schermo del telefono nell'oscurità. Quattro del mattino. Aprì la tenda e vide Dadau aggirarsi nel buio, con la sua vecchia coperta e la tazza di metallo che sbatteva contro le pareti. La follia la incuriosiva. Si chiedeva cosa accadesse nel cervello delle persone per farle perdere la testa in quel modo.

La vista di Dadau aumentò la sua angoscia. Faceva freddo. Si rannicchiò dietro Juba, come se il suo corpo fosse una coperta e un muro. Chiuse gli occhi, cercando di riaddormentarsi ancora per un po', perché presto avrebbe dovuto svegliarsi sul serio. Si girava e rigirava, incapace di trovare sonno. Si arrese. Si alzò e andò in cucina, con la familiare angoscia ancestrale scatenata da quel sogno ricorrente. Nella sua vita, per nulla onirica, il primo ricordo che le venne in mente fu quello della casa a pochi passi dalla sua finestra: la casa di nonna Santana. L'odore del cibo semplice, di caffè forte... Improvvisamente cominciò a fare tutto in fretta. L'aroma del caffè nell'aria, mescolato alla nostalgia che la pervadeva, la riportò al presente e al tempo che stava volando. Oggi era il suo primo giorno nel suo nuovo impiego.

Juba si agitò nel letto. Aprì gli occhi con fatica e si stiracchiò per scrollarsi di dosso la pigrizia. Guardò l'orologio e la finestra. Nella lotta contro le nuvole pesanti, la luce cominciava timidamente a immergersi nella piccola stanza. Si era imbattuto in lei appena fresca di doccia, con i capelli accuratamente tirati su e sistemati, che si aprivano in una corona di ricci. Era pronta per la sua giornata di lavoro. Piovigginava, o meglio, *chuviscava* come direbbero i carioca o come direbbero i paulistani, *garoava*.

E lui desiderava solo restare con lei, avvolto nelle calde lenzuola. La trovava molto elegante, nonostante la sua semplicità, e pensava che la sua immagine contrastasse con tutto ciò che li circondava. La nobile figura di Doralice - pensava - era un quadro raro in mezzo alla spazzatura.

Lei guardandolo, con il volto ancora assonnato, pensò a quanto amasse quell'uomo. Si era prodigata in attenzioni per Juba dopo la tragedia che aveva colpito loro e il loro gruppo di amici. Aveva perso Dalba per una pallottola e Dadau per mano sua, sprofondato in sogni ad occhi aperti e parole sconnesse. Non poteva perdere anche lui. Accarezzò la profonda cicatrice che serpeggiava lungo l'avambraccio destro del suo compagno. Una delle tante. *Chi è perfetto in questo mondo?* Si chiedeva. Juba era suo, con i suoi segni. Il pacchetto completo.

Doralice era già sulla porta, mentre apriva l'ombrello per scendere in strada, quando sentì quella voce profonda che amava tanto, sussurrarle all'orecchio: "Dorina, sei mia?". Si girò. Lo trovò bellissimo nella luce del mattino. La sua risposta fu un sorriso complice.

—&&&—

Non appena Doralice uscì in strada, Juba corse letteralmente verso un doppio fondo nell'armadio. Non voleva pensare neanche mezzo secondo altrimenti, ci avrebbe ripensato. Aveva fretta, molta fretta! La casa cadeva a pezzi, il frigorifero vuoto, Doralice alle prese con l'ennesimo lavoro fatto di tante ore di sacrificio, zero soldi, una vita che non decollava. Lo invitava ad avere pazienza, convinta che ce l'avrebbe fatta, che tutto si sarebbe sistemato. Ripeteva che erano lì, stretti in quella stanza con bagno, sul retro della casa di nonna Santana, ma che presto sarebbe arrivato il momento in cui la vita avrebbe finalmente preso a ingranare. Juba non condivideva la stessa sicurezza, né la stessa pazienza. Non le chiese nemmeno dove fosse il suo nuovo lavoro. Per lui era tutto uguale: stipendio sproporzionato al monte ore di lavoro. Il primo minimo, il secondo massimo. Sapeva che lei era stata felice quando lui aveva ripreso gli studi, ma dal giorno della morte di Dalba qualcosa dentro di lei si era sgretolato.

Lui e Adalberto -Dalba- erano amici fin da bambini, quando facevano volare gli aquiloni e correvano a piedi nudi per i vicoli stretti, ripidi labirinti di mattoni e intonaci mal dipinti. In effetti, formavano un quartetto con Dadau, il più piccolo, e Dorinha. Lui era l'avventuriero, Dalba lo studioso; Doralice, la pragmatica, bilancia della giustizia, e Dadau era l'artista.

Juba era fermamente convinto che un giorno Dadau sarebbe diventato famoso. Rimase a bocca aperta nel vedere la magnifica scultura che aveva montato in un angolo della favela. Aveva usato sbarre e ferri piegati per creare una specie di albero. In quelli che sarebbero stati i rami, aveva appeso tazze di metallo come fossero frutti. Anche una rivista era venuta a fotografare l'opera. La prima volta che vide la scultura, era con Doralice. La trovò geniale, perché tutte quelle sbarre ricordavano una prigione ma...era un albero! Quando si voltò, Doralice non c'era più. Stava correndo giù per

la collina. Ripensando alla scultura, Juba si rese conto di non riuscire a perdonare nemmeno l'altro crimine: l'omicidio del genio che viveva in Dadau.

La notte che segnò il destino del suo amico d'infanzia, lui stava tornando dal corso che stava seguendo per prepararsi all'esame di ammissione all'università, mentre Dalba, che sempre era stato molto più diligente di lui, rientrava dall'università. Parlava con entusiasmo delle lezioni di storia. Erano presi dalla conversazione animata, quando un uomo si intromise sul loro cammino. Pelle e peli spuntavano tra i bottoni, sul punto di scoppiare per la pressione della pancia sull'uniforme, dando all'uomo un aspetto che Juba trovava comico. Non riuscì a trattenere un mezzo sorriso, con la bocca chiusa.

Le ombre nei vicoli poco illuminati proiettavano le loro sagome come quelle di giganti. Cercando di nascondere la sua repressione in un luogo difficile da illuminare, l'uomo decise di far vedere chi comandava. Sudava, ansimava con gli occhi e la pancia iniettati, pregni di vendetta per ciò che neanche lui stesso sapeva. Ordinò loro di allargare le mani e appoggiarle al muro, e di aprire le gambe. No, ebbe un'idea migliore: ordinò loro di inginocchiarsi. Tastò i loro corpi e frugò nelle loro tasche. Aprì brutalmente i loro zaini. Trovò libri, quaderni, penne, un pacchetto di sigarette, portafogli, due cellulari di poco valore e un pacchetto di gomme da masticare, già a metà. Guardò il titolo dei libri e uno di essi catturò la sua attenzione, più per l'autore che per il titolo: Marx.

— Non è quel tale comunista? Sei comunista, ragazzo? Dove si è mai visto un nero comunista?!

Dalba non capiva il nesso tra le due cose, ma sapeva che anche il minimo movimento avrebbe potuto condannarlo. Scrollò le spalle e cercò di nascondere il più possibile la tensione che gli scorreva nelle vene e gli irrigidiva le ossa. Parlò con voce pacata, misurando ogni parola e fingendo normalità, dicendo che voleva diventare professore e che, per farlo, doveva studiare, dato che la cosa peggiore era l'ignoranza. Juba istintivamente si girò verso di lui in un brusco movimento della testa. Gli occhi spalancati e increduli. I due seguirono il movimento dell'uomo, con la mano sulla pistola.

— Giovanotto, mi stai dando dell'ignorante? Questa porcata di che parla? - L'uomo alzò il tono di voce.

— Parla di... cose sul mondo, sul lavoro.

— Mmm... Ti sembra un imbecille, vero?

Un breve silenzio venne interrotto dalla voce profonda di Dalba, dicendo che non voleva avere problemi e che aveva semplicemente risposto alla domanda. Si trovavano in una situazione surreale, fermi con le mani sulla testa e inginocchiati, davanti a un uomo che, con una mano, esaminava *Il 18 brumaio di Luigi Bonaparte* e, con l'altra, accarezzava la pistola posta sul fianco. Si chiedevano cosa avessero fatto di male. Il suono di qualcosa di metallo su un tetto qualsiasi, risvegliò i tre da quella trance. Furono rilasciati, ma non senza aver saputo che sarebbero stati "sorvegliati".

Una settimana dopo, Dalba sarebbe apparso tra i morti in quello che, secondo le notizie ufficiali, sarebbe stato uno "scontro con i trafficanti". Juba si sentì come se una spada sottilissima gli avesse attraversato il petto e fosse uscita dalla testa.

Aveva già perso tutta la sua gente e Dalba... Dalba era un fratello. Nel gruppo, era lui, Juba, a combinare sempre i peggiori guai. Ogni cicatrice un trofeo. Un aquilone ben rivestito con il filo speciale *manja* — una miscela di polvere di vetro passata attraverso il filo dell'aquilone, arma sicura per tagliare gli altri nei cieli della periferia — gli aveva quasi tagliato la giugolare che ora era una sottile linea più scura sulla pelle già scura del collo. Era caduto da una lastra e i segni sul fianco della gamba sinistra erano il segnale che gli erano stati conficcati dei ferri per sanare la ferita aperta. Il grande serpente sul suo avambraccio destro lo aveva fatto il giorno in cui aveva iniziato a frequentare Doralice. Non erano più bambini e si stavano godendo a distanza il ballo, assaporandosi con gli occhi, quando scoppiò una rissa generale. Fu l'occasione per lui di fare l'eroe. Saltò davanti a lei e una bottiglia gli aprì la pelle. Si avvicinarono proprio per quella ferita.

Il giorno in cui Dalba se ne andò, Juba vagò per tutti i vicoli. Alla ricerca disperata di Dadau. Lo trovò a gettare sul muro tutte le vernici che usava per colorare pareti e facciate con i suoi disegni pieni di poesia, ironia e bellezza. Dadau era sempre sulla corda tesa su cui cerca l'equilibrio chi sogna troppo; chi calpesta la terra, ma non appartiene al suolo; chi vede e sente tutti i dolori. Non riuscendo a trovare Dadau, temeva che la morte del suo amico l'avesse fatto cadere dalla corda tesa di equilibrista senza un materasso sotto a sostenerlo.

Con tutti quei ricordi nella testa, la mattina del primo giorno di lavoro di Doralice, Juba prese la pistola dal fondo dell'armadio, la nascose nei pantaloni, prese il cappotto e aprì la porta per uscire. Dal giorno dell'omicidio di Dalba si rifiutava di pronunciare la parola "fatalità". Aveva perso la poca pazienza che gli era rimasta.

—&&&—

Il pianto stridulo di un bambino risuonava sulle pareti sporche, accompagnato dall'urlo rauco e dai singhiozzi. La sensazione di fame. Il sogno... Mentre il treno sferragliava, il rumore intermittente delle ruote sulle rotaie, come una canzone monotona, le immagini si susseguivano rapidamente nella testa di Doralice. Se la notte precedente faceva quel sogno che tanto la turbava, continuava a sognarlo per tutto il giorno. Un'intera giornata di incubi che le pesavano nella mente. Sentì un nodo alla gola, proprio lì, in mezzo alla folla. Alzò lo sguardo per trattenere le lacrime che cominciarono a danzare tra le palpebre. Il suono dei binari era un mantra che affondava nel profondo del suo cuore. Chiuse gli occhi.

Qualcuno le aveva pestato un piede. Trattenne un urlo più forte. Quando guardò il volto della persona che l'aveva fatto, vide nei suoi occhi delle scuse, qualcosa di familiare. Era passato tanto tempo, eppure riusciva ancora a leggere la paura e l'enorme ansia negli occhi di quella donna. Non la conosceva, per quanto indagasse nei suoi sentimenti, non c'era alcun legame. Si abbracciarono, un po' timidamente.

Le venne in mente nonna Santana, in piedi, appoggiata alla parete, mentre cercava di trattenere le lacrime. Avevano attraversato enormi difficoltà, ma lei, sì, era la sua famiglia. I ricordi d'infanzia si mescolavano. Nei momenti difficili a scuola, le veniva sempre chiesto: "È tua nonna? Dov'è tua madre? Dall'altra parte, avvertiva

l'imbarazzo della famiglia quando lei, Doralice, chiedeva: "Perché mia madre viene solo a Natale?". Mamma...Doralice aveva emesso il suo verdetto in un tribunale in cui era al contempo difesa, accusa e giudice: "Questa donna è colpevole di tutto".

Aveva sei anni. Il tempo sufficiente per sentire, ma non abbastanza per capire. Era ancora nella sua prima infanzia, eppure una parte del suo cuore era già abbastanza dura da non abbracciare la mamma, perché quel "tutto" che seguiva la parola "colpevole", era troppo.

Ora era lì, a galleggiare nel mare del suo dolore e del suo senso di colpa, mentre raggiungeva la gioielleria del centro commerciale. La direttrice le consegnò una camicia con il brand del negozio, un blazer e le insegnò a truccarsi in modo appropriato. Un brand moderno, le disse la direttrice, con pezzi di design innovativo che si vantava di essere inclusivo e perfettamente in sintonia con il nuovo secolo. La direttrice commentò i suoi capelli con aria di approvazione e, già intima, l'aveva chiamata "Dorina", a cui aveva aggiunto: "Che stile, *super fashion!*".

Il lavoro procedeva apparentemente senza intoppi. Apparentemente, perché notò che i clienti in modo discreto cercavano di evitarla. Si armò di simpatia per accontentarli, quel giorno riuscì a servirne due. Un giovane che voleva comprare degli anelli di fidanzamento e un uomo che voleva regalare un anello con un piccolo rubino a una "donna speciale". Era il primo giorno, pensò. Tutto sarebbe migliorato, si disse. L'uomo del rubino era l'ultimo cliente del negozio, quando un uomo incappucciato fece irruzione sotto la minaccia di una pistola.

—&&&—

Per tutto il giorno la pioggia era scesa lenta, ma in quel momento scorreva copiosa in piccoli fiumi e affluenti lungo la grondaia esterna. Dentro, altra acqua. Lacrime che scorrevano sui volti terrorizzati della direttrice e delle commesse. La pistola era già puntata alla testa del cliente inginocchiato.

— Porco!

L'uomo incappucciato aveva puntato l'arma alla testa del cliente. Quando vide quel cappotto e sentì quella voce, Doralice ebbe le vertigini e, con gli occhi spalancati, emise un forte gemito. Il rapinatore la guardò attraverso la maschera. Per un attimo i loro sguardi si incrociarono. Con tono quasi impercettibile, lei riuscì solo a pronunciare:

— Per favore, non farlo! Per favore, per favore...

implorava con un fervore quasi religioso.

Il "cliente del rubino", approfittando del momento di distrazione, tirò fuori anche lui la pistola e la puntò contro l'uomo incappucciato. Doralice, uscita dall'angolo in cui si trovava, si mise in mezzo a loro, disperata.

— Per favore, per favore... Sono incinta!

All'arrivo delle guardie di sicurezza e della polizia, la direttrice non ebbe dubbi:

— Questa cagna nera! Sono complici!

—&&&—

Ore prima, Juba aveva aperto la porta per scendere in strada subito dopo Doralice, disposto a tutto. Disposto a riversare la sua rivolta, il suo anticonformismo, la sua malinconia e la vendetta nella canna di quella pistola. Pronto a scaricare tutto su quel proiettile. Non appena sentì l'umidità della pioggia, Dadau lo spinse dentro e gli si gettò addosso, immobilizzandolo. Afferrò il cappotto e la pistola e se ne andò. Juba preso alla sprovvista, non ebbe la forza di reagire. Quando riuscì a muoversi, Dadau era già lontano.

Quando finalmente arrivò alla stazione di polizia con la nonna Santana e un avvocato trovato di fretta, Juba vide da lontano il "cliente del rubino". Sembrava noto a tutti. Era lo stesso che lo aveva obbligato a inginocchiarsi insieme al suo amico Dalba. Dadau aveva scoperto tutto su di lui e lo aveva seguito nel negozio. Juba fissava Dadau, che a voce bassissima ripeteva: "Ho visto tutto, Jubinha! Ho visto, ho visto, ho visto...".

Qualche tempo dopo, le domeniche trascorrevano sempre nelle visite a Dadau presso l'ospedale psichiatrico giudiziario. Juba gli portava le armi per evadere dal carcere: fogli e colori.

—&&&—

Doralice si svegliò tremando. Strinse la pancia ormai grande. Aveva avuto di nuovo l'incubo della prigione. Juba l'abbracciò.

La cella era enorme e impersonale. Per un po' era somigliata persino a una casa, piena di pannolini, coperte e ciucci. Tutto sembrava meno importante nell'intimità di quel momento di seno e latte. Tuttavia, la pace della condivisione tra madre e figlia era stata infranta e l'ultima goccia di latte era uscita attraverso le sbarre, quando le due vennero separate per un tempo indefinito. Mancanza, impotenza, solitudine... La bambina era già cresciuta e doveva essere separata dalla prigioniera. Sarebbe andata al "Rifugio di nonna Santana". Doralice avrebbe sentito per sempre il dolore di quel momento. Sarebbe rimasta lì, dolorante per tutto ciò che avrebbe vissuto da quel momento in poi. Il seno di sua madre che si fondeva nel ferro delle sbarre.

— A te non succederà. A te non succederà. Non ci succederà — disse Juba, sereno, tranquillizzandola per l'ennesimo incubo che l'aveva riportata ai primi momenti della sua vita, a una prima infanzia che ricordava soltanto quando dormiva. Come le persone sensibili che dicono di vedere vite passate nei sogni, Doralice faceva i conti con quell'esistenza soltanto a occhi chiusi la notte.

Come al solito, aveva perso il sonno, ma non si forzò a riprenderlo. Per la prima volta pensò alla madre che, un tempo, l'aveva protetta nel suo grembo, così come ora proteggeva sua figlia. Pensò che finalmente sarebbe andata a trovarla. Juba aveva rinunciato al suo piano di uccidere l'assassino di Dalba, e stavano riprendendo in mano le loro vite. Avendo rinunciato a riaddormentarsi, si avvicinò alla finestra in attesa del sole.

Doralice sorrise con un senso di leggerezza, perché ora aveva la certezza che la piccola vita dentro di lei non sarebbe mai stata allattata tra le sbarre di ferro, non avrebbe mai sentito quel freddo pungente e, soprattutto, non avrebbe mai dovuto chiedersi: “Perché mia madre viene solo a Natale?”.

Non passeranno

Il professor Flavio aveva perso la cognizione del tempo, seduto su quel divano. La casa gli crollava intorno, mentre il mondo scorreva nella piccola stanza, avvolto da suoni ovattati che filtravano attraverso le fessure delle finestre chiuse. Clacson, motori di auto, inquinamento, voci e un sole cocente che si manifestavano nella stanza solo attraverso i loro riflessi... Così come lo stupore di una vita intera si rifletteva sullo specchio grande appeso sopra il mobile posizionato sulla parete opposta al divano, dove ora passava le sue giornate.

Non vedeva i capelli scompigliati, i denti ingialliti e la polvere che si accumulava sulla superficie dei mobili, che si mischiavano e raccontavano diverse fasi della sua vita. Lo specchio l'aveva ereditato direttamente dalla casa dei genitori. Eredità di un passato di classe medio-bassa che aveva cresciuto l'unico figlio con cura e dedizione, investendo in buone scuole e in un'istruzione che comprendeva due corsi di lingue e di flauto traverso, nonostante i molti sacrifici per arrivare alla fine del mese con i conti in regola e gli sguardi del vicinato più taglienti del suo flauto, che li allontanavano senza dire una parola.

Sulla tela dei ricordi, riusciva ancora a vedere l'orgoglio negli occhi di sua madre e di suo padre, quando tornò a casa con il giornale e la notizia dell'ammissione al corso di matematica nell'università pubblica. Vibrarono insieme per quella conquista e festeggiarono con cotoletta alla milanese, riso, fagioli e insalata. Uno dei suoi piatti preferiti da giovane. Suo padre, con il capo chino sul tavolo, cercava di non piangere. Lui, operaio, avrebbe avuto un figlio all'università. La madre, invece, sprizzava felicità da tutti i pori e si agitava indaffarata nella preparazione del pranzo celebrativo.

Il padre non sapeva da chi il figlio avesse ereditato quella mania di protestare. Flavio era sceso in strada per gridare contro la dittatura *Diretas já* ed era un volto conosciuto in tutto ciò che poteva essere contro l'ordine costituito. Era un ragazzo impegnato, sveglio, cosciente. Suo padre non lo reprimeva. “Cose da ragazzi” ripeteva a se stesso, ma era abbastanza sollevato dal fatto che il figlio avesse scelto un corso che, a suo parere, lo avrebbe allontanato da certe compagnie “pericolose”. Era la fine degli anni Ottanta e la dittatura stava cedendo il passo a una nuova Costituzione, “la Costituzione cittadina”. Preoccupato diceva “Non patiranno affatto, riusciranno sempre a passare”, mentre la moglie, felice per il primo universitario della famiglia, girava per la casa facendo piroette con il figlio e ripeteva “No, caro, al contrario!”.

Flavio chiuse gli occhi, cercando di ricordare il colore degli occhi di sua madre. Aveva letto quelle parole in una poesia molto bella, di Conceição Evaristo... ed era vero. Non ricordava il colore dei suoi occhi. Si divertiva, invece, quando i colleghi

lo chiamavano “il poeta matematico”. E da quando una persona è solo una cosa? Pensava tra sé e, sorridendo, rispondeva, “La matematica è pura poesia!”.

Aveva conosciuto Dora in mezzo alle vertenze, alle lotte, tra quaderni, lezioni e progetti. Il mobile sotto lo specchio era stato scelto da lei non appena avevano affittato l'appartamento. Flavio abbozzò un sorriso quando si ricordò che, all'inizio di quella vita insieme, avevano solo un armadio, un fornello, un piccolo frigorifero e un materasso. Il letto, su cui si sedeva e suonava le musiche di Pixinguinha per lei, dopo averle accarezzato i capelli crespi e fatto l'amore con l'impeto della giovinezza, che giorno dopo giorno cedeva il posto a una mezza età piena di prove da correggere, un'iscrizione statale e due lavori nelle scuole private. Si sentivano in colpa per aver rimandato il desiderio di un figlio, le vacanze nel Nordest e l'acquisto dell'auto.

Per quanto Dora si sforzasse, non riusciva a capire come lui potesse essere così privo di ambizioni. Non riusciva a concepire come suo marito non fosse interessato a prepararsi per diventare, chissà, referente di un corso di preparazione tutto suo, o magari un famoso e rispettato accademico all'estero. Nelle loro interminabili discussioni, lui sosteneva che l'istruzione fosse un valore per il Paese e che il peggio fosse ormai passato, mentre lei ripeteva una frase che lui conosceva bene: “Non illuderti. Chi detiene il potere non cade mai, trova sempre la strada per passare!”. In quel momento si rese conto che il suo flauto da molto tempo non suonava più la musica di Pixinguinha. Il giorno in cui Dora decise di partire non fu il più doloroso della sua vita. In fondo provava un certo sollievo per il fatto che lei avesse preso l'iniziativa, sollevandolo dalla responsabilità di dover decidere per entrambi. Condivisero alcune cose accumulate nel corso degli anni. Soffrì un po', pianse un po', si angosciò un po', ma gli esami, le riunioni, i cinque autobus e i due treni della metropolitana al giorno per spostarsi e guardare l'avanzare dell'Alzheimer del padre, seppellivano il suo costante desiderio di piangere. La mamma era già morta da qualche anno.

Sebbene il giorno della morte del padre fosse sembrato, in quel momento, il più doloroso della sua esistenza, non lo era stato. Il signor Alfredo se n'era andato dimenticato dal mondo e da se stesso, portando con sé la sua malattia e tutti i beni che avrebbe potuto lasciare in eredità al figlio, inghiottiti dai costi delle cure e dagli stipendi alle badanti, che permettevano a Flavio di assentarsi almeno per lavorare. Versò qualche lacrima di nostalgia, ma anche un senso di leggerezza, perché finalmente non era più costretto a vedere ogni giorno soltanto l'ombra di colui che era stato suo padre.

Aveva sopportato... tutto. Non era riuscito però a sopportare il dolore lancinante causato dalla mancanza di combustibile che custodiva nel luogo più profondo del suo animo, in un angolo remoto e di difficile accesso, dove avrebbe potuto accendersi una miccia. La prima scintilla di fuoco ad animarlo venne dall'adrenalina delle ore trascorse con gli studenti nei corridoi della scuola, mentre i proiettili solcavano l'aria all'esterno; sarebbe venuta anche dal gelo al sapore di sangue dello studente scomparso da giorni, che avrebbe rivisto solo in una foto, senza filtri, nel gruppo WhatsApp della scuola, morto dopo un'operazione di polizia. Non era stato possibile mantenere il cuore caldo di fronte al freddo glaciale delle equazioni di base che non era riuscito a risolvere. Il bambino che avrebbe potuto essere suo figlio, osservando

i fili di perline sotto la sua camicia, gli disse che non voleva più frequentare le sue lezioni, perché era figlio del demonio. Il dito piccolo che con la pistola puntata, preme il grilletto e gli squarcia il petto.

Arrivò all'appartamento esausto, trascinandosi. Si sedette sul vecchio divano, prese una birra, accese la TV e si lasciò sprofondare nel nulla della stanchezza e della rassegnazione, mentre la televisione trasmetteva senza sosta le immagini di quella giovane donna assassinata insieme al suo autista. Una consigliera comunale, il cui sorriso nell'urna elettorale lo aveva spinto a premere il tasto "Conferma", sorridendo a sua volta. Il proiettile immaginario e quello reale spensero definitivamente il fuoco e gli portarono il silenzio... il silenzio del futuro.

Deciso a non convivere con l'orrore che aveva combattuto tutta la vita, Flávio chiuse le tende. Era determinato a scomparire senza clamore, in modo lento e senza preavviso. Non riusciva a dire di preciso quanto tempo fosse rimasto nell'oscurità, ma fatto sta che non vide quando i suoi stessi studenti marciarono per il diritto allo studio. Non seguì i suoi colleghi nei vari interventi pubblici, per le strade e sui social mentre facevano sentire la propria voce. Non vide quando scacciarono quelli che cercavano di invadere la scuola per sorvegliare e punire. Non vide nemmeno quando si presero per mano.

Sa solo che i volti conosciuti ripresero forma lentamente. Non ricordava di quando i suoi colleghi, dopo aver perso le sue tracce per molti giorni, decisero di fare irruzione nel suo appartamento e lo trovarono privo di sensi, con un filo di respiro. Non era più sul divano, ma sul letto. Con la vista offuscata, riuscì a scorgere il volto di Dora, che attese che fosse completamente sveglio prima di dirgli: "Ho sbagliato. In realtà è il contrario. Verranno, ma con la nostra fermezza nell'opporci, non passeranno". Gli porse il flauto: "Mi suoni Pixinguinha?".

La macchina umana [Saggio inedito sulla follia]

Marcelino Freire

Traduzione di Gian Luigi De Rosa

Mio fratello aveva una città dentro la testa. Auto, cavalcavia. Asfalto, persone. E soprattutto palazzi. Mio fratello portava dentro di sé interi piani, caminetti, scale. Mio fratello era un operaio edile. Sopravvisse, come molti nordestini, grazie a questo lavoro.

Fu così anche da bambino. Portava dentro di sé piantagioni, uccellini. Nidi, capanni. Il carbone che accendeva i fornelli. Mio fratello progettava piani con le pietre. Conquerteremo il mondo. Adorava inabissare i fiumi.

Fu la famiglia, per prima, a dire che era matto. Una famiglia fondata sulla paura. Una volta, dopo una febbre, il ragazzo si svegliò con nuovi fili di idee. Altri nastri nella sua mente. L'elaborazione di casseforti. Dove si potevano riporre le biciclette in un condominio, per esempio. Viaggiò tanto per la realizzazione di aeroporti. Era lui che calcolava la larghezza delle piste di atterraggio.

[Si rinchiuse nella matematica.]

Questo testo, di origine sistematica, è un omaggio a mio fratello. Anche una richiesta di perdono. La creazione di un personaggio, qualunque esso sia, è una richiesta di perdono. Un racconto, tutto considerato, è una richiesta di perdono. Un romanzo viene scritto solo per questo: per chiedere scusa. Scrivere è flagellarsi. Elaboriamo, senza saperlo ma in modo cosciente, una tortura.

Lasciai che mio fratello scappasse da me.

Tra noi fratelli, lui era il più vecchio. Il più saggio. Elogiavamo la sua calligrafia accurata, quasi un disegno. La lettera T. Il numero 18. Se l'avessimo saputo, invece di pensarlo in un manicomio, avrei potuto sostenere il suo ricovero in un Istituto di Belle Arti. Non ebbi la forza di combattere questa battaglia. Forse anche perché la mia famiglia guardava me come si guarda un'allegoria. È strano l'ingresso, così maestoso, che si vede in case che non sono le nostre. I muri dei palazzi. I portoni di ville fantasma.

Anche quando, agli angoli di strada, i barboni realizzano casupole di cartone. Pareti di chiodi. Incollano qua e là un po' di imbottiture, qualche chiodo da demolizione. Lo si guarda con disprezzo. Si pensa che sia tutto molto anormale. Le *fave/as* non hanno buon senso.

[Quel che io non sono, nessuno lo è.]

Dicono che i nostri cugini fossero quelli che ridevano più di tutti di mio fratello. Lo prendevano in giro in modo crudele. Perché aveva un modo allegro di essere, tra un numero e l'altro. Ballava dentro di sé. Quando ballava non rispettava mai la compagna di ballo. Non la vedeva proprio. Faceva girare la testa a chiunque volesse danzare con lui un valzer, un bolero, un rock. Imitava alla perfezione John Travolta. E faceva piroette come se fosse un suicida.

Mio fratello è morto sul lavoro.

Quando rimaneva nel soggiorno della nostra casa, disoccupato e imbacuccato, in crisi, in fuga dal sole che era già sorto, lo era proprio per questo motivo. Gli piaceva lavorare. E il lavoro, dare forma a un edificio in cui avrebbero vissuto altri, era un impegno folle. Immaginare i dettagli di un bagno. Prendere le misure per i sanitari. Linee di un angolo concavo, quasi convesso. Progettare un'altezza. I balconi, l'angolo del barbecue.

Restare in famiglia è insopportabile. Vedere un figlio crescere non è la stessa cosa di guardare una gru. Mangiare non è lo stesso che oliare le perforatrici. È per questo che mangiava con le mani. Mangiava e dormiva durante gli inverni più tumultuosi. Non toglieva i noccioli della frutta. Perché sarebbe andato a vivere nella frutta. Mangiarle intere è ciò che il sole fa con le verande, con le terrazze. Le vetrate degli hotel. Le chiese che lui, con le sue mani preziose, estrasse dal terreno.

Nessuno lo capiva.

E perché io, uno scrittore, non lo capii?

Credo di aver dato più attenzione a un altro tipo di fratello, avaro, donnaiolo. Quel fratello che, alla morte di nostra madre, si rifiutò di aiutarci in qualunque cosa. E se ne vantava. Nessuno è obbligato a portare un cane in macchina. Era perché, quasi alla fine dei suoi giorni, a mia madre regalarono un cane. E quel cane doveva essere portato in una casa lontana. Bastava portacelo. Non lo avrebbe sentito abbaiare. Un cane resta in silenzio quando la sua padrona se ne va per sempre. Bastava portacelo. E dimenticare.

Mio fratello pazzo sarebbe stato capace, persino, di tenerlo il cane. Per una settimana sarebbero rimasti lui e il cane fermi allo stesso palo. Era generoso. I soldi che guadagnava li perdeva. Tra i sistemi che padroneggiava, quello finanziario era quello più pieno di passaggi incomprensibili. Anche io sono fatto così. Anche nostro padre, pur vendendo cereali, non è mai stato bravo a far di conto. Perdemmo tutto. Anche quello che non avevamo.

Alla morte di mia madre, mio fratello era già morto.

Vivevo già a San Paolo da qualche anno. Venne persino a vivere nel mio appartamento per un po'. Finché non avesse trovato un lavoro. Una pensione abbandonata. Non stava mai fermo. Andava sempre in giro alla ricerca di fonderie in città. A San Paolo, i costruttori non hanno scrupoli. C'è sempre un terreno in vendita. Un imponente rimodellamento del paesaggio. Fiumi che puzzano, mentre lui distribuisce curriculum. Era un abile conversatore. E non dimenticava di andare ai balli, che ancora ci sono qui nei circoli arabi.

Scrivo, ripeto, perché so che questa non è una finzione. È una sconfessione pubblica. Ho perso mio fratello. È anche una sconfessione di Clarice Lispector quando plasmò lo sguardo di Macabéa. Baleia e Macabéa sono viti della stessa trave. Macabaleia. *Grande Sertão: Veredas* è l'ossessione di Guimarães Rosa. Il patto che fece col diavolo per raccontare una storia d'amore. Scrisse per amare.

[Scrivere è questo disfacimento di me in tanti me.]

Posso dire, a distanza dai fatti, che pur avendogli dato un alloggio, pur non avendolo mai considerato fuori di testa, spesso mi vergognavo del suo modo innocente di svelare i progetti della sua follia di fronte a chiunque. Portava sempre

con sé, tra le mani, delle ingegnerie moderne. Disegni coi calcoli. Quando i miei amici venivano a bere, o persino durante letture solenni, lui arrivava, dal nulla, e apriva impalcature, rivelava la struttura dell'alveare, la tessitura del cemento. Era un architetto patetico e in disgrazia.

Perché non si dava importanza a ciò che diceva?

Parla troppo, era ciò che dicevano. Era un bambino che sognava di avere le gambe più lunghe del mondo.

Il mio telefono squillò durante una conferenza. Continuai la mia vita di scrittore e, dopo la pubblicazione di alcuni libri, iniziai a frequentare università rinomate. Avevo già un premio importante nel cassetto. Alcuni ingegneri, compagni di lavoro di mio fratello, mi scrissero. "È molto orgoglioso di te, di questo fratello che ce l'ha fatta". Un giorno preparò un folto uditorio di dottori e professori per la mia apparizione in televisione. Sapeva come si sostenevano le antenne.

Risposi al telefono, perché, distratto, lo avevo lasciato acceso sul tavolo. Il pubblico mi guardava. Il cellulare ci ha spogliato di umanità e di senno.

Era la notizia della morte di mio fratello. Ormai prossimo a poter richiedere la pensione. Come poteva pensionare un'intera città che viveva dentro di lui?

[Come si può disabitare così tanta gente?]

Stava facendo uno dei suoi lavoretti, giusto per non rimanere fermo. Una cosa da poco, la costruzione di una strada, una pavimentazione, il raddoppio di una corsia. Morì travolto da un camion. In tribunale, sostennero che era un uomo agitato, che camminava velocemente, a testa bassa. E tutto era debitamente segnalato.

Non lo era.

Il lavoro di deviare un fiume. Il lavoro di mettere una casa sopra un'altra casa. Il lavoro di tagliare il terreno. Di soffocare la vegetazione. Il lavoro di seppellire le ossa dei nostri antenati. Il lavoro di assicurarsi che il sole non piova sulle case. Il lavoro di spostare un viale, deviare un'onda di risacca. Il lavoro di un sogno con più struttura. Il cemento è un lavoro. Il lavoro di equilibrare i tetti. Di far scorrere l'acqua nei tubi. Di far piovere i rubinetti. Il lavoro di avvitare una lampadina. Industrializzare capanne, cimiteri.

Ogni volta che scrivo un racconto, da quando mio fratello è morto, mi chiedo perché non abbia mai scritto di lui. Della morte di un uomo condannato da tanti anni alla follia degli altri.

Mio fratello era una macchina umana.

[È diventato questo racconto postumo, perdonami.]

Figlia del Fuoco: 12 racconti di amore e cura

Elizandra Souza

Traduzione di Laura Mattiello

FIGLIA DEL FUOCO

Sono nata Inã, figlia del fuoco. Le braci accese, invernigliate e vibranti sono una danza che i miei occhi hanno imparato presto a contemplare. A due anni conobbi la malia praticata da mia nonna. Il forno a legna era suo compagno per molte ore: metteva la legna, smuoveva le braci, cucinava i fagioli, cuoceva il pane, bolliva il latte, faceva il dolce di pomo di acagiù — solo lei arrivava a tale sapienza. Quando non stava al forno a legna, raccoglieva le uova che le galline deponevano in mezzo al cortile, metteva a seccare la carne al sole, innaffiava le sue rose, buganvillea, dieffenbachia²², spada-di-san-giorgio²³ o coglieva peperoncino, erba cipollina, coriandolo e basilico. Io seguivo tutto ciò che lei faceva, da dentro casa, perché avevo paura di tutto, ma ero anche molto curiosa.

Restavo ad ascoltare nonna che raccontava storie a mia madre, piani per risparmiare soldi per comprare un dente d'oro, ciarle sulle mie zie, per cui una delle quali era generosa di seno e, indubbiamente, sarebbe rimasta gravida di nuovo. Alcune decisioni, se si dovessero comprare altre vacche o tenere i soldi per qualche necessità. Insegnava anche i bagni di erbe che bisognava fare per calmare i bambini, in questo caso, io e mia sorella maggiore — la temeraria, la figlia del cacciatore²⁴. Lei restava sempre fuori, a esplorare la fazenda, imparare le cose del vento, montare a cavallo, arrampicarsi sugli alberi, correre con i cani...

Vivevamo in città e la mia nonna nella Fazenda Cauê, dov'erano cresciute mia madre e le mie zie. A volte, i ricordi di mia madre si confondono con i miei. I suoi, prigionia di mattine interminabili, a cucinare per i suoi fratelli più grandi. I miei hanno la memoria dell'infanzia e delle vampe del forno a legna.

Crescendo, poi, mi svegliai presto solo per vedere la nonna accendere il fuoco. Mi calmava e mi accoglieva questo momento. Lei mi chiedeva sempre di andare

22 Conosciuta, in Brasile, con il nome comune comigo-ninguém-pode, letteralmente “con nessuno può”, dovuto alla sua velenosità, se ingerita.

23 Nome comune, in Brasile, per la sanseveria. La denominazione si deve alla forma delle foglie, che ricorda, appunto, una spada.

24 Il cacciatore a cui si fa riferimento è Oxóssi (o Oshosi), Orisha, divinità maschile del pantheon nigeriano e afrobrasiliano, signore della caccia. La relazione di filiazione menzionata indica che tale divinità, secondo la cosmogonia yoruba, in questo caso è l'Orisha reggente della persona: ne determina caratteristiche fisiche, caratteriali e comportamentali, secondo un archetipo.

a prendere la legna, questa era la parte più faticosa; io mi lamentavo, perché non volevo perdermi neanche una fiamma.

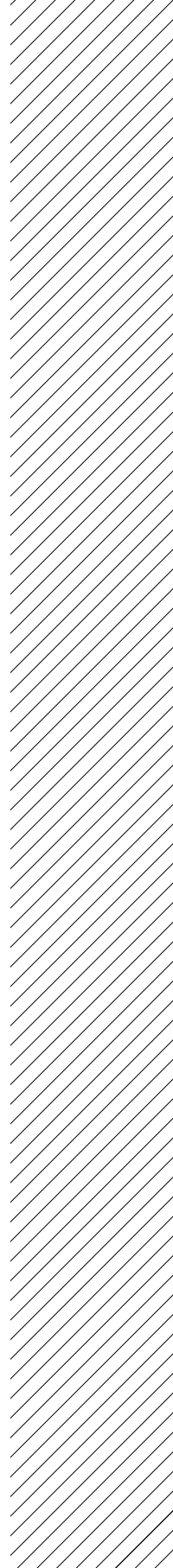
Il rituale cominciava presto. Andavamo avanti io e le mie braccine nere come i rami che prendevamo dagli alberi. Questo lavoro era sempre svolto in coppia, dandomi il turno con mia zia più giovane o mia sorella maggiore. Io stendevo le braccia e loro ci appoggiavano sopra la legna. Portavo meno di quanto avrei potuto caricare. Quando era il turno di una di loro, io ero scrupolosa quanto alla quantità di legna, per assicurarmi che avremmo avuto fuoco per tutto il giorno.

Un giorno nonna tardò. L'ansia e la tensione mi attanagliarono. Le mie mani fredde e tremanti e il cuore accelerato. Lei non tardava mai. E se non fosse tornata? E se io non avessi più potuto veder accendere il fuoco? Quindi, presi una decisione... presi la legna nel cortile, la misi nel forno, scossi il dendê²⁵ come un sonaglio e accesi per la prima volta il forno a legna. Da sola! Avevo già sette anni, mi vidi riflessa nelle fiamme accanto all'immagine di nonna e lì rinacqui figlia del fuoco²⁶...

25 Frutto di una palma, il dendezeiro, di origine africana. Simile a un dattero, da esso si estrae l'olio di dendê, ingrediente di base della culinaria afrobrasiliiana, oltre che elemento rituale per le offerte nelle religioni brasiliane di origini africane.

26 Ancora una volta, il riferimento alla filiazione con una divinità, in questo caso attraverso un'allusione. Il fuoco è l'emblema metonimico di Xangô (o Shango), Orisha, divinità maschile del pantheon yoruba e afrobrasiliiano, signore del fuoco e della giustizia. L'autrice (qui anche protagonista del racconto dai tratti autobiografici) si identifica come figlia di Shango, riconoscendosi quindi nelle caratteristiche determinate dall'archetipo del suo Orisha reggente. La rinascita menzionata è simbolica ed evoca l'iniziazione, momento in cui l'individuo viene di nuovo al mondo spiritualmente, come figlio, devoto dell'Orisha.

Composição em Gotham HTF
Lançado digitalmente no outono de 2026





Este número da revista Machado de Assis Magazine de literatura brasileira traduzida apresenta 20 textos traduzidos para o italiano de obras de escritores/ escritoras que contribuíram para o enriquecimento das letras brasileiras. O presente volume privilegiou diferentes gêneros (sermão, poesia, crônica, conto, romance, memórias, autobiografia), procurou dar destaque para obras de mulheres, que estão sendo paulatinamente reconhecidas e valorizadas pelo sistema literário brasileiro, inclusive muitas delas distinguidas com importantes prêmios literários, como Clarice Lispector, Marina Colasanti, Maria Valeria Rezende, Eliana Alves Cruz, Roseana Murray. Outro eixo foi a seleção de autores já consagrados pelo cânone literário nacional, como Machado de Assis, Lima Barreto, Murilo Mendes, mas com obras menos conhecidas.

Questo numero della rivista Machado de Assis di Letteratura Brasiliana Tradotta presenta 20 testi tradotti in italiano tratti da opere di scrittori che hanno contribuito all'arricchimento delle lettere brasiliane. Questo volume ha privilegiato diversi generi (sermone, poesia, cronaca, racconto, romanzo, autobiografia), ha cercato di mettere in risalto le opere scritte da donne, che vengono gradualmente riconosciute e valorizzate dal sistema letterario brasiliano, tra cui molti di loro distintisi con importanti premi letterari, come Clarice Lispector, Marina Colasanti, Maria Valeria Rezende, Eliana Alves Cruz, Roseana Murray. Un altro asse è stato la selezione di autori già rinomati nel canone letterario nazionale, come Machado de Assis, Lima Barreto, Murilo Mendes, ma con opere meno conosciute.



MINISTÉRIO DA
CULTURA

